

As propostas de Marcelo no buraco do Pontal

Participar e ganhar o referendo no dia 8 de Novembro é não só entrar de corpo inteiro numa batalha para atingir um objectivo em relação ao qual desde há muito nos batemos, como abrir caminho finalmente para a sua concretização.



■ Carlos Luís Figueira Pág. 10

Os Baldios em questão (1) Desenvolvimento integrado ou novos ataques à propriedade comunitária?

■ Manuel Rodrigues Pág. 23

Comunismo Um «fantasma» que continua a assustar...

■ Miguel Urbano Rodrigues Págs. 24 e 25

Regionalização Vale mais agora que nunca

■ Modesto Navarro Pág. 25



Proletários de todos os países UNI-VOS!

Órgão Central do Partido Comunista Português

Semanário • ISSN 0870-1865 • 27 de Agosto de 1998 • Preço: 180\$00 (IVA incluído) • N.º 1291 • Director: José Casanova

Carlos Carvalhas com a JCP do Porto



Com a JUVENTUDE pela REGIONALIZAÇÃO

Pág. 5

FESTAS Avante!

4 • 5 • 6 Setembro 98

Só falta uma semana

Mais artistas na festa

Santos & Pecadores

Energia e emoção

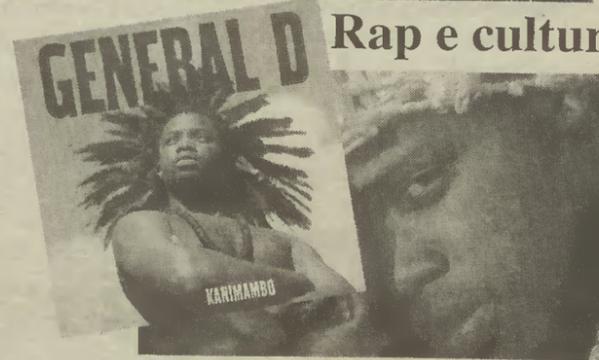
Formados em 1987 numa pequena cidade do interior de Cascais, Santos & Pecadores iniciou a sua actividade musical em 1990, com o álbum 'Tudo é Amor'...



Koma Ahmed A música curda

Em 1998, um grupo de estudantes universitários paquistaneses formou o Koma Ahmed para preservar a música do povo curdo do noroeste do Irão...

Rap e cultura africana



É um dos principais nomes do Rap português, General D tem 26 anos e representou este ano com um novo trabalho de estúdio, intitulado Karimambo...

The Wingers O som irlandês

Claro irlandês, mas O'Brien em Portugal há já alguns anos onde formaram os The Wingers, em 1996, com o álbum 'Dobro tempo'...



Danças Chinesas Formas orientais

Um grupo de danças chinesas da província de Guizhou vai estar este ano na Festa onde actuará novamente no Auditório 1.º de Maio...



Todos bons rapazes

Assumindo, com a habitual arrogância imperial, a sua habitual postura de polícia do Mundo, o governo dos EUA bombardeou aquilo a que chamou "alvos terroristas", no Sudão e no Afeganistão. Afirmando dispor de "provas convincentes" e ameaçando que "poderão vir a ser necessárias outras operações", Clinton esclareceu, à sua maneira, que "os

A

EUA lançaram um ataque contra uma das bases terroristas mais activas do Mundo" (no Afeganistão) e "atacaram igualmente uma base ligada ao fabrico de armas químicas, no Sudão".

Independentemente de se tratar ou não de "alvos terroristas - que, como se sabe estão espalhados por todo o Mundo e têm a sua Sede maior na imaculada Casa Branca - os bombardeamentos efectuados pelas forças armadas dos EUA, às ordens de Clinton, constituem flagrante violação da legalidade internacional, e inserem-se na prática corrente de terrorismo de Estado por parte dos governos norte-americanos. E se, como tudo indica, os bombardeamentos foram também uma tentativa de desviar as atenções dos problemas pessoais do presidente Clinton, então as coisas assumem ainda muito maior gravidade. Ora a verdade é que os bombardeamentos - 75 mísseis de cruzeiro Tomahawk, equipados com bombas de fragmentação destinadas a, segundo responsáveis norte-americanos, "causar o máximo de vítimas e de danos materiais" - ocorreram "no mesmo dia e aproximadamente à mesma hora em que Monica Lewinsky produzia novo testemunho perante o Grande Júri"...

As reacções da comunicação social foram as habituais. Tomando como exemplos o "Público" e o "Diário de Notícias", verificamos que titularam o acontecimento assim e respectivamente: "EUA bombardeiam alvos terroristas no Sudão e Afeganistão. Clinton passa ao ataque"; "Bombas no terrorismo". Num caso como no outro vemos, explícita, a aceitação da "verdade" difundida pelo governo dos EUA sobre os "alvos terroristas" e, implícito, o apoio aos bombardeamentos. Deste lado nada de novo, portanto.

Todavia, por parte dos vários governos "amigos" e "aliados" não houve, desta vez, unanimidade de opiniões. Vários foram os que levantaram "dúvidas sobre a legitimidade e eficácia dos ataques" ou que colocaram "reservas" ou "sérias reservas". É claro que houve o "apoio enérgico" do inevitável Blair que, não se sabe se usando a máscara do sorriso dentífrico se a do fingido compungimento, exibiu a sua viril opinião de que "os terroristas no mundo inteiro devem saber que todos os países têm o direito de se defender e contra-atacar" - coisa que, a acontecer, faria da Casa Branca o alvo primeiro desse contra-ataque...

Soubemos também da acorçada "compreensão" para com os bombardeamentos manifestada pelo governo do engenheiro Guterres - atitude que coloca o governo português abaixo da fasquia utilizada, vejam bem!, pela Turquia que, oferecendo igualmente a sua "compreensão" ao impe-

rialismo norte-americano, ousou, apesar de tudo, considerar que, "de futuro os EUA deverão adoptar as medidas necessárias para evitar vítimas inocentes". Houve, então, vítimas inocentes?

Sobre as vítimas pouco tem sido dito. Sabe-se, certeza certa, que o que era para ser destruído, foi destruído; sabe-se, até, que um dos mísseis destinado ao Afeganistão caiu, por engano, no Paquistão e provocou seis mortos; parece certo que "a base ligada ao fabrico de armas químicas, no Sudão", não passava de uma fábrica de medicamentos; sabe-se, porque os EUA o dizem, que houve "danos avultados e muitas pessoas ficaram feridas".

Fala-se em cerca de 30 mortos e 40 feridos... Terroristas? Alguns o seriam, provavelmente. Outros, não. Seguramente. O caso é que, sendo todos os terrorismos condenáveis, não podem ser uns mais condenáveis do que os outros. Tanto mais que, neste caso concreto, é difícil vislumbrar diferenças de fundo entre as bombas colocadas clandestinamente em embaixadas dos EUA e as bombas despejadas com aparato mediático, por decisão de um governo, em países que deveriam ser soberanos e, nomeadamente, numa fábrica de medicamentos.

Um dia destes, saberemos que o acto terrorista do governo dos EUA provocou um número de vítimas muito maior do que o até agora anunciado. Só que, até lá, ele continuará a exercer a sua força imperial onde, quando e como lhe apetercer. Com a impunidade alimentada pelos Blair's, Guterres & Cia. .

Osama Bin Laden, "o terrorista mais perigoso do Mundo" (segundo a opinião do governo dos EUA) é,

desta vez, o mau da fita. E como sempre acontece nestas coisas de terrorismos, Bin Laden é um velho amigo do imperialismo norte-americano, ao serviço do qual, designadamente no Afeganistão ao lado de outros fidelíssimos amigos do Tio Sam - os célebres mujahidins -, praticou os mais hediondos crimes. (Aliás, as ditaduras afegã e sudanesa são, tal como Bin Laden, criações do imperialismo norte-americano). Assim sendo, os melhores e mais bem preparados apoiantes actuais do "terrorista mais perigoso do Mundo", foram treinados e armados pelo Pentágono o que, por si só, lhes dá capacidades terroristas quase ao nível das do governo norte-americano. Mas "os maiores ladrões e terroristas do Mundo são os americanos" - diz o terrorista Bin Laden. E quem há aí capaz de desmentir este especialista na matéria?

"A batalha só agora começou" - disseram, em coro, o terrorista do presidente e o presidente do terrorista. Veremos... De qualquer forma, apeteceia dizer-lhes - aos dois e aos seus colegas de ofício mais próximos - em jeito de estímulo: matai-vos uns aos outros. Mas não vale a pena. Além de que, como no filme de Scorsese, eles são todos bons rapazes.



A visita de Carlos Carvalho a Constância iniciou-se com um encontro na Câmara Municipal

RESUMO

19 Quarta-feira

Fernanda Ribeiro conquista a medalha de prata nos 10 000 metros dos Europeus de Budapeste ■ O Governo de Jacarta liberta dez presos políticos timorenses, no âmbito da amnistia com que costuma assinalar o dia nacional da Indonésia ■ Os países da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC) apoiam, inclusive militarmente, Laurent-Désiré Kabila, Presidente da República Democrática do Congo ■ IRA Verdadeiro anuncia suspensão de actividades militares ■ Talibãs advertem EUA contra tentativa de captura do islamita saudita Ben Laden, suspeito de envolvimento nos atentados contra as embaixadas americanas em Nairobi e Dar-es-Salam.

20 Quinta-feira

Conselho de Ministros aprova penalização mais pesada para condução com álcool ■ António Costa responde na Comissão de Acompanhamento da Expo a perguntas de deputados, designadamente às dez que lhe foram apresentadas pelo deputado do PCP João Amaral ■ Nos Europeus de Atletismo, Susana Feitor e Carlos Silva ganham, ela medalha de bronze e ele de prata, respectivamente nos 10 km e nos 400 metros barreiras ■ EUA lançam sobre o Sudão e o Afeganistão ataques aéreos de represália pelos atentados bombistas de Nairobi e Dar-es-Salam ■ Termina em Sydney Conferência da Fretilin ■ O Supremo Tribunal canadiano decide que a independência do Quebec não pode ser declarada unilateralmente, tendo de ser negociada com o governo federal canadiano.

21 Sexta-feira

Alberto João Jardim é homenageado pela Câmara Municipal do Funchal numa cerimónia a que faltaram os vereadores do PS ■ Cooperativa Mar da Palha, a principal afectada pela fraude da Expo, promove auditoria interna para complementar investigações do Ministério Público ■ Parlamento russo aprova resolução apelando à demissão do Presidente Ieltsin ■ Ministro da Informação da República Democrática do Congo afirma terem, até ao momento, recebido apenas apoio do Zimbábue.

22 Sábado

Carlos Carvalho visita o Porto a convite da Juventude Comunista Portuguesa, numa iniciativa dedicada às regiões ■ Os representantes dos estados árabes nas Nações Unidas protestam contra os ataques dos Estados Unidos ao Sudão e ao Afeganistão, ao lado de quem se colo-

cam, exigindo que seja constituída uma comissão de inquérito para avaliar a veracidade das acusações de Washington ■ Tropas angolanas entram no Sudoeste da República Democrática do Congo para apoiar Laurent Kabila ■ É de 22 mortos e 41 feridos o balanço dos atentados terroristas que nos últimos dias assolaram o Oeste da Argélia ■ Equipa portuguesa obtém terceiro lugar na Taça da Europa.

23 Domingo

Manuela Machado conquista a medalha de ouro na Maratona dos Europeus de Atletismo de Budapeste e Carla Sacramento e prata nos 1500 metros ■ Rebeldes congolese sofrem a sua primeira derrota, ao perderem a base de Kitona numa ofensiva das tropas angolanas ■ Documento final da cimeira de S. Domingos dos chefes de Estado dos 17 países membros do Fórum das Caraíbas (Cariforum) saúda Cuba como «membro da família caribenha» ■ O Presidente Boris Ieltsin demite em bloco o Governo de Serguei Kirienko e entrega chefia interina do Governo a Viktor Chernomyrdin ■ Surto de fogos que assola a região norte do país leva o Centro Coordenador Operacional (CCO) a considerar este como «o domingo mais negro do ano».

24 Segunda-feira

O Comissário geral da Expo, Torres Campos, aceita pela primeira vez a revisão do número de visitantes, transformando previsão mínima em previsão máxima ■ Conselho de Segurança examina queixa apresentada pelo Sudão e o envio de uma missão para investigar bombardeamentos norte-americanos contra fábrica de produtos farmacêuticos de Cartum... ■ ... Missão que os Estados Unidos recusam ■ Apoio de tropas angolanas ao Presidente Kabila faz inverter a situação militar no Congo ■ UNITA corta relações com observadores do processo de paz em Angola - Portugal, EUA e Rússia -, a quem acusa de falta de isenção.

25 Terça-feira

O Secretário-geral do PCP visita Constância a convite da Câmara Municipal ■ Laurent Kabila regressa a Kinshasa, após uma ausência de cinco dias, enquanto as tropas angolanas atacam Matadi, o maior porto de abastecimento do Congo em poder dos rebeldes, e Kisangani ■ O Uganda reconhece ter tropas em território congolês ■ MNE português reage a comunicado da UNITA, reafirmando a sua isenção no processo de paz em Angola ■ O antigo primeiro-ministro Alain Juppé é formalmente acusado de corrupção.

Avante!

Proletrários de todos os países UNI-VOS!

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português
Rua Soeiro Pereira Gomes
— 1699 Lisboa CODEX. Tel. 793 62 72

DIRECÇÃO E REDACÇÃO:
Rua Soeiro Pereira Gomes — 1699 Lisboa CODEX.
Tel. 796 97 25/796 97 22. Telex 18390
Fax: 795 22 64

ADMINISTRAÇÃO:
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis — 90,
7.ª-A, 1150 Lisboa.
Capital social: 15 000 000\$00. CRC matrícula: 47058.
NIF — 500 090 440

DISTRIBUIÇÃO:
DISTRIBUIÇÃO ADE's
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis, 90, 7.ª-A,
— 1150 Lisboa
Telef. (01) 815 34 87/815 35 11
Fax: 815 34 95

Alterações de remessa:
Até às 17 horas de cada 2.ª-Feira:
Telef. (01) 815 34 87/815 35 11

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL
DELTAPRESS

Delegação Lisboa:
Tapada Nova
Capa Rota — Linho — 2710 Sintra
Telef. (01) 924 04 47

Delegação Norte:
Zona Industrial da Maia
Sector IX
Rua B.L. 227 — 4470 Maia
Telef. (02) 941 76 70

ASSINATURAS: Av. Almirante Reis, 90, 7.ª-A 1150 Lisboa
— Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

PUBLICIDADE: Av. Almirante Reis, 90, 7.ª-A 1150 Lisboa
— Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

Composição e impressão
Heska Portuguesa, SA
Campo Raso
2710 Sintra
Depósito legal n.º 205/85

TABELA DE ASSINATURAS *

PORTUGAL (Continente e Regiões Autónomas)	EXTRA-EUROPA
50 números: 8 100\$00; 25 números: 4 200\$00	50 números: 30 600\$00
EUROPA	GUINÉ-BISSAU, S. TOMÉ E PRÍNCIPE e MACAU
50 números: 21 850\$00	50 números: 23 000\$00

* IVA e portes incluídos

Nome _____

Morada _____

Código Postal _____

Enviar para Editorial «Avante!» acompanhado de cheque ou vale de correio.

Recomendações para a rentrée

Há alguns meses, o Público passou a incluir diariamente nas suas páginas a edição portuguesa do THE WALL STREET JOURNAL, uma espécie de bíblia publicada pela DOW JONES para guiar os investimentos internacionais do grande capital financeiro.

A muitos leitores do matutino português, mais preocupados com os dias do fim do mês que sobram ao seu salário do que em saberem que os accionistas da Amoco tiveram acesso a 3.97 acções da BP emitidas na forma de guias de depósito (ADR) BP Amoco na recente maior fusão industrial de sempre, terá por isso passado despercebida a notícia publicada há poucos dias pelo THE WALL STREET JOURNAL e sugestivamente intitulada "o mau exemplo dos planos de reforma britânicos".

Esta notícia começa por destacar a conclusão de que "os planos individuais de bancos e seguradoras não foram a melhor opção para os trabalhadores" e de que aquilo que "inicialmente parecia uma grande ideia provou ser um verdadeiro desastre". Conta de seguida a história do plano de "reforma pessoal" promovido há dez anos pelo governo conservador, segundo o qual os trabalhadores "que se encontravam numa faixa de rendimentos superior, que antes também eram obrigados a pagar para um programa complementar, poderiam sair desse último e gerir as suas próprias contribuições", o que obviamente fez disparar a venda de "planos de reforma pessoal" por parte das companhias de seguros, bancos e consultores financeiros. E não omite o final triste, com a constatação de que "muitos

dos dois milhões de contribuintes que compraram os planos de poupança reforma tiveram prejuízo" e de que "ficou evidente que a grande maioria dos planos foi vendida em condições irregulares", o que originou o chamado "escândalo da venda de planos de reforma" que continua a agitar a vida política e social britânicas.

Já que o governo do PS não tem feito fé no que o *Avante!* tem insistentemente escrito em relação aos malefícios da sua proposta de plafonamento (redução) do sistema público da Segurança Social para alargar o espaço de mercado dos produtos financeiros privados, não será de lhe recomendar a leitura do próprio THE WALL STREET JOURNAL?

■ Edgar Correia

Feitos num oito

«... É falso que as regiões não sejam políticas e apenas administrativas. Haverá oito parlamentos regionais... que elegerão o presidente da Junta regional, secretários e terão o poder de aprovar orçamentos. Nada disso é administrativo, tudo isto é político, o resto é conversa fiada.»

Paulo Portas («DN», 15/7/98)

Há um mês, Paulo Portas ameaçou desenvolver uma campanha serena, séria e esclarecedora sobre o referendo da regionalização. Sem efeito. A incontínencia verbal de que padece é mais forte que a sua vontade. Bem quer, mas não retém as palavras. Há pessoas assim. PP é uma delas. Paciência.

Ainda dois dias não tinham passado sobre aquela manifestação de vontade, já Portas proclamava em nome dele próprio e do PP aquele slogan pleno de conteúdo «Sim às pensões, não às regiões». Substantivamente esclarecedor e intelectualmente elevado. Um monumento ao manobrismo verbal e à demagogia mais pura.

Não satisfeito, semanas depois, uma nova e subida contribuição para o ebate: aos 44 lugares correspondentes ao número de membros das juntas regionais, órgão executivo correspondente no plano dos municípios à câmara municipal, PP contrapõe 44 auto-estradas! Nem mais. Está-se a ver a relação... É assim o rapaz. Sempre pronto a contribuir para dar seriedade e elevação ao debate político em torno de uma reforma de fundo na organização e administração do Estado.

Agora, na sua fúria anti-regionalista, PP descobriu que as regiões são políticas e não administrativas. Porquê? Pasmem-se! Porque «terão eleitos, o seu presidente será eleito, e terão poder de aprovar orçamentos».

PP não pode deixar de conhecer, mais que não seja por formação, a diferença entre o sentido da definição de administrativo e político. Não pode deixar de saber que o sentido de «região política» resulta

essencialmente de possuir poderes como o legislativo e fiscal e não do facto de serem ou não eleitas democraticamente. PP não desconhece por certo que as regiões administrativas que se pretendem instituir têm a natureza de autarquias, não possuindo obviamente aqueles poderes que desonestamente insinua.

O que verdadeiramente parece incomodá-lo é o carácter democrático destas entidades. Particularmente se em algumas delas resultar um apoio maioritário ao PCP.

Está no seu direito embora tais concepções não abonem muito um líder de um partido que se esforça por parecer democrático.

Pelo que PP deveria era de, pelo menos, cuidar da sua aparência democrática. Não ser tão expansivo na sua abominação por valores democráticos essenciais. Não puxar da pistola quando se fala em legitimar pelo voto popular os detentores de cargos públicos. Considerar razoável e transparente a elaboração e aprovação de orçamentos e a fiscalização das contas públicas como sucede com os municípios e freguesias. Revelar menos desprezo pela política, mais que não seja por respeito para consigo próprio.

Acredito que até possa julgar que as autarquias também pudessem passar a ser designadas e não eleitas, eliminando assim despesismos e tachos. Foi na base de tão elevados valores que houve quem durante 48 anos considerasse a ditadura uma fonte de poupança pública. Mas pelo menos disfarce. Mais que não seja, como já aqui se disse, para salvar aparências.

Sob pena de dar cabo do verniz à nova AD e de, tal como o cartaz do PP agora lançado prenuncia, vir a fazê-la num oito. Ainda que isso não constitua grande perda.

■ Jorge Cordeiro

AMÉRICA Imperial

Os bombardeamentos do Sudão e do Afeganistão ordenados pelo Presidente dos EUA, Bill Clinton, num momento de tremendas dificuldades internas, suscita algumas reflexões.

A primeira tem a ver com a natureza do sistema político-institucional do país. A máquina político-militar está montada para servir o poder executivo, que em última instância se concentra nas mãos do Presidente.

Em questões tão importantes envolvendo agressões a outros países, o Presidente dos EUA tem as mãos livres para decidir a seu belo prazer, de acordo com os seus próprios interesses, podendo até arrastar o país para conflitos internacionais.

O sistema que obriga o Presidente a ir depor diante do "Grande Júri" para explicar se manteve com uma estagiária uma relação sexual apropriada ou imprópria, permite-lhe organizar, com os homens da sua confiança, bombardeamentos a outros países. Este sistema engendra um país sobressaltado com a vida sexual do Presidente e simultaneamente complacente para com agressões extremamente graves e injustificadas a outros países.

A segunda reflexão tem a ver com a justificação dos bombardeamentos, ou seja, o combate ao terrorismo, neste caso o islâmico. É que o fundamentalismo islâmico, desde os anos cinquenta, contou com o apoio activíssimo dos EUA para combater os regimes laicos e patrióticos do Egipto, Síria e mais tarde Argélia, Iraque e Yemen.

Os "irmãos muçulmanos", o "Hamas", a "Jihad Islâmica", o "Gamat-I-Islami" medraram com as ajudas preciosas dos vários serviços norte-americanos.

No combate à revolução afegã, os EUA treinaram em diversos países (Yemen do Norte, Sudão, Arábia Saudita, Paquistão e outros) os mais diversos grupos terroristas. A coordenação atingiu tais níveis que os EUA entregaram a esses grupos mísseis Stinger. As monstruosidades criminosas que os integristas islâmicos praticam, no poder, já as praticavam quando combatiam a revolução afegã, nomeadamente contra escolas, professores, enfermeiros, centros culturais, etc. Os EUA sabiam quem apoiavam. E sabem quem são os Taliban colocados no poder em Cabul pelo seu aliado paquistanês. O domínio na área passa pelo fechar de olhos aos horrorosos crimes praticados pelo novo poder em Cabul.

O poder impiedoso dos integristas sem respeitar quaisquer direitos ou liberdades está mais próximo da nova ordem liberal, do que a dos regimes preocupados com a defesa da independência nacional e desenvolvimento das suas economias e populações.

Não se pretende fazer a história dos diversos grupos terroristas islâmicos. Mas não é demasiado sublinhar que nasceram para combater as forças democráticas, laicas e marxistas. Foi por isso que os EUA as apoiaram contra Nasser, Boumedine, Abdel Fatah Ismail, Hafez El Assad, etc. Os EUA têm as mãos sujas pelos crimes cometidos pelos integristas islâmicos, incluindo pelos homens de Bin Laden.

A terceira reflexão diz respeito ao carácter imperial da política externa dos EUA. O Presidente dos EUA age como se a comunidade internacional estivesse sob a sua alçada. O respeito pela soberania dos outros Estados não existe face à América imperial. O desprezo pela legalidade internacional é de tal ordem que os EUA vetaram o envio de uma missão de investigação da ONU ao Sudão para confirmar se os mísseis tinham acertado numa simples fábrica de medicamentos. Esta política imperial representa um enorme perigo para toda a Humanidade.

A quarta reflexão tem a ver com a atitude dos políticos ocidentais, incluindo os dirigentes da Internacional Socialista. Na verdade, os principais dirigentes da Internacional Socialista continuam a sua submissão à política dos EUA. Não há comentador político que não faça a ligação entre as dificuldades internas de Clinton e os bombardeamentos. Ora, apesar disso, os dirigentes da IS manifestam apoio, uns, outros compreensão. Tony Blair, Jospin, Guterres são absolutamente incapazes de se demarcarem do Big Brother. No fundo, bem no fundo, é porque se sentem parecidos. E compreende-se a posição da Grã-Bretanha e da França, pois também têm as mãos sujas no apoio a estes grupos terroristas e um desejo de afirmação imperial. Agora o nosso Portugal, que ganha com estas atitudes? Apenas e tão-só as boas graças do ensarilhado inquilino da Casa Branca.

■ Domingos Lopes

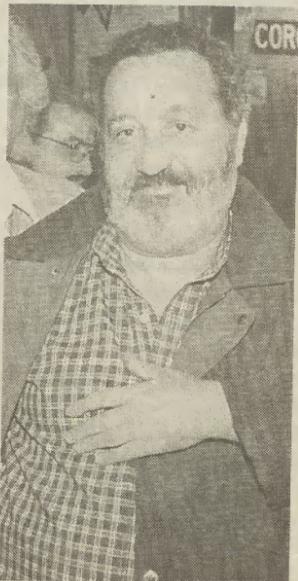


Foto: Jorge Caria

SEMANA

António Assunção morre nos EUA

Um dos mais talentosos actores portugueses, mais conhecido pelas suas actuações na televisão onde desempenhou papéis cómicos, mas com uma carreira importante no teatro onde se destacou pela qualidade do seu trabalho, faleceu na passada quinta-feira nos Estados Unidos, onde se encontrava de férias. António Assunção foi o actor do «Caldo de Pedra», de «Duarte e Companhia», dos «Ballets Roses». Muita gente, porém, se recordará de tê-lo visto desempenhar o papel do tanoeiro na peça de Virgílio Martinho, «1383» que, com encenação de Joaquim Benite, foi representada pelo Grupo de Teatro de Campolide, ou o papel de Valadares na peça de Saramago «A Noite», levada à cena pelo mesmo grupo. Assunção morre, vítima de um enfarte que põe fim, prematuramente, a uma carreira notável. Nascido em Paços de Ferreira, em Agosto de 1945, o actor completaria 53 anos dentro de dias. O funeral, que se realizou na passada segunda-feira, no cemitério dos Prazeres, foi acompanhado por numerosos amigos, onde se destacava a presença de muitos actores. E de camaradas do Partido, porque António Assunção era militante comunista. O Director do nosso jornal e membro da Comissão Política do Comité Central, José Casanova, e Aurélio Santos, da Comissão Central de Controlo do CC, representaram a direcção do PCP na despedida ao artista e ao comunista que foi António Assunção.



Construção civil desvia fundos em Portugal...

O patrão da Somague, Diogo Vaz Guedes, admitiu, em entrevista ao «Diário de Notícias» ter apoiado financeiramente partidos. Não todos, claro. Os empresários deste calibre escolhem quem lhes quer bem, e Vaz Guedes distinguiu no seu apoio o PS, o PSD e o PP. Ao mesmo tempo que esta revelação foi feita, o «DN» noticia que a Associação das Empresas de Construção Civil (Aecops) foi acusada pelo Ministério Público de desvio e fraude na obtenção de subsídios do Fundo Social Europeu. A acusação formal do Ministério Público é dirigida conjuntamente ao Centro de Formação Profissional da Indústria de Construção Civil (Cenfic) e o montante do desvio ultrapassa os 21 milhões de contos. Na



origem da acusação estará um relatório da Inspeção Geral de Finanças. E uma guerra terá sido aberta entre a IGF e a Aecops, com promessas de processo-crime e queixas à Procuradoria Geral da República.

... e é vigiada na Alemanha

Desconfiadas da veracidade da documentação apresentada por empresas de construção civil portuguesas, as autoridades da Alemanha vigiam atentamente a actividade destas no seu território. Segundo a imprensa, foram recentemente detectadas falsificações em documentos apresentados por algumas empresas do ramo e um aviso foi lançado por um advogado de Colónia, que vem acompanhando numerosos conflitos envolvendo estas empresas. O advogado, Florian Geyr, aconselhou-as a cumprir rigorosamente os trâmites legais, re-

cordando, em entrevista ao «DN», as elevadas penas a que estão sujeitas. Segundo o correspondente deste matutino, o encarregado de uma destas empresas esteve detido mais de seis meses até serem cumpridos os requisitos legais.



Chirac com a boca na botija?

O Presidente da República Francesa, Jacques Chirac, foi citado num caso de financiamento ilegal do partido gaullista RPR quando foi presidente da Câmara de Paris. Quem o revela é o semanário «Cannard Enchaîné» que, segundo a Lusa, publicou anteontem uma nota de Alain Juppé, então adjunto das Finanças, que teria permitido a

um tal Philippe Martel, homem do RPR, ocupar um lugar fictício na Câmara da capital francesa. Uma nota manuscrita, atribuída a Chirac, que foi presidente da edilidade durante 18 anos, indicava: «É necessário que este excelente rapaz não seja penalizado.» A nota foi transmitida ao juiz que se ocupa da instrução do caso destes empregos fictícios que

não devem ter sido poucos, visto parecer terem contribuído para as remunerações dos quadros do RPR na base do orçamento municipal. E enquanto o actual presidente da Câmara, também gaullista, rejeita as acusações que pesam sobre os seus antecessores, o Eli-seu, isto é, a Presidência da República, afirma não tencionar fazer «qualquer declaração».



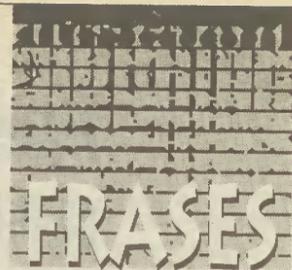
A aceitação dos números

«O número previsto de visitantes não vai ser atingido.» Eis a ribombante declaração do Comissário Torres Campos, da Expo, que equivale a aceitar, ao fim de longo tempo, o que era previsível logo de início. «Não há dúvida de que vamos ficar aquém das estimativas», disse ele. Tratando-se embora de uma entrevista em circuito «fechado», concedida à

Tele Expo, o certo é que tais declarações tiveram a repercussão daquele dito da criança que afirmou, perante o que toda a gente via: «O rei vai nu.» Torres Campos reconhece finalmente que as estimativas que apontavam para receitas de bilheteira no valor de cerca de 35 milhões de contos também não vão ser atingidas. Haverá que fazer contas depois. Muitas.

Ouro e Prata

Nem todas as contas, porém, saem tortas a Portugal. Há ganhos a registar esta semana. Que estão muito para além do ouro e da prata ganhos ou dos rios de dinheiro que o futebol consome. O atletismo, onde Portugal brilha dentro e fora do País e que merece pouca atenção dos *media* e pouca ajuda dos governos, dá-nos estas alegrias. Que não há ouro nem prata que pague, nem suor e esforço que não mereça. Manuela Machado venceu a maratona de Budapeste e subiu ao primeiro lugar do pódio, numa prova em que bateu o seu record pessoal e dos campeonatos. Carla Sacramento, nos mil e quinhentos metros, obteve a medalha de prata.



“Quem governa com a fortuna, em função da sorte, não inspira confiança em tempos de azar - não tem nada para dar, nem a alma, porque perdeu tudo.”

(Joaquim Aguiar - «Expresso», 22.08.98)

“Guterres pede ajuda a Manuela Arcanjo”

(Manchete do «Expresso», 22.08.98)

“A regionalização não retalha o país. A administração central é que o tem retalhado.”

(António Correia de Campos - «Diário de Notícias», 20.08.98)

“António Guterres é, como foi Cavaco Silva, depositário de muitos votos que nada têm a ver com as origens do seu partido.”

(Victor Cunha Rego - «Diário de Notícias», 26.08.98)

“A Gare do Oriente é o apeadeiro mais caro do mundo.”

(João Amaral - «Público», 20-08-98)

“Os tempos mudaram, a política é a mesma. Em Portugal, e nos Açores, quando as lágrimas secam e as palavras desaparecem com o vento, ficam as pessoas. Sozinhas. A sofrer nas suas “casas de pano”.”

(António Ribeiro Ferreira - «Diário de Notícias», 21.08.98)

“A expressão politicamente correcta é “relação imprópria”. Também tenho uma assim, com a prosa e com a política. Só que não é oral. É escrita.”

(Alfredo Barroso - «Expresso», 22.08.98)

“A América perdeu o respeito por Clinton porque ele mentiu quando lhe perguntaram se tinha tido relações com Monica Lwinsky? Pois, fica-lhes muito bem. Eu também perdi o respeito por Clinton, mas foi por tê-lo visto aceitar responder a essa questão.”

(Miguel Sousa Tavares - «Público», 21.08.98)

“Numa sociedade assolada por profunda hipocrisia e num sistema político perverso e doente, estão bem uns para os outros. Clinton teria andado melhor se recusasse sempre responder a questões de vida privada. Mas também partilho da ideia de que quem usa e abusa dos “valores morais” para fins políticos perde autoridade para se queixar.”

(Vitor Dias - «Expresso», 22.08.98)

“Parece que voltámos aos tempos nefastos da Inquisição. Como pode a nação americana pretender exercer uma liderança mundial se em vez de discutir as crises internacionais que existem no mundo anda há sete meses a discutir a vida sexual do seu Presidente.”

(Freitas do Amaral - «Expresso», 22.08.98)

“Consumou-se uma relação imprópria entre o interesse público e o interesse do público.”

(Ferro Rodrigues - «Expresso», 22.08.98)

“Clinton passa ao ataque”

(Manchete do «Público», 21.08.98)

Porto

Com a presença do Secretário-geral do PCP, Carlos Carvalhas, a JCP do Porto organizou, no sábado passado, um passeio pelo Douro, até Zebreiros (Gondomar), com sardinhada, para terminar, já ao fim da tarde, no Cais do Ouro, com um concerto. O mote foi (com distribuição de um documento próprio) a regionalização e a forma encontrada para o tratar - a mais adaptada para a presente época estival - foi um passeio/convívio, com água por perto.

Carlos Carvalhas participa com JCP numa jornada pela regionalização



Contra terrorismo de Estado

Também os ataques norte-americanos ao Sudão e ao Afeganistão mereceram ao Secretário-geral do PCP, durante a sua visita à Afurada, o comentário de que «o terrorismo não se combate com terrorismo de Estado».

Disse Carlos Carvalhas: «Condenamos todas as formas de terrorismo, mas não podemos aceitar acções unilaterais que mais parecem formas de terrorismo de Estado, nem a arrogância imperial dos Estados Unidos,

quando se considera no direito de levar a cabo acções punitivas».

Para Carlos Carvalhas, os ataques parecem destinados a desviar as atenções das questões da vida privada de Bill Clinton, porque «é coincidência a mais». «É um caso em que a realidade é superior à ficção», referiu numa alusão ao filme «Manobras na Casa Branca».

Começou pelas 10.30 horas na Afurada. Onde, desde logo, ressaltou a simpatia daquela típica freguesia piscatória que presenteou o Secretário-geral do PCP com a réplica de uma embarcação de pesca artesanal que leva o nome de PCP-Afurada.

Acompanhado pelo responsável da organização do PCP e da JCP na freguesia (um jovem de 17 anos, estudante de pesca), membros da DORP e cerca de meia centena de jovens da JCP e outros, Carlos Carvalhas percorreu a feira, detendo-se depois no cais de pesca onde houve oportunidade de ouvir algumas queixas dos pescadores, designadamente em relação à falta de incentivos para jovens que querem abraçar a faina, às visíveis dificuldades de muitas famílias que tradicionalmente dependem

quer tratamento, directamente no rio.

Da Ribeira ao esteiro de Avintes, onde embarcava a bem conhecida broa (que camaradas da organização local ofereceram ao Secretário-geral) para subir até ao Zebreiros, foi a nova etapa, que estava bem na hora da sardinhada e de umas bebidas frescas, que o sol queimava.

Pouco depois foram as esperadas intervenções. Em nome da JCP, José Pedro enquadró a batalha pela regionalização «na luta permanente dos comunistas pela participação popular nos destinos do país» e carrou argumentos contra as teses mais batidas dos anti-regionalistas, designadamente, as da «unidade» dentro do território nacional. O dirigente da JCP lembrou que essa unidade «só pode ser comparada àquela invocada no



da actividade piscatória, aos problemas da falta de segurança na barra e à exiguidade do actual porto de pesca, a começar por um cais demasiado pequeno.

Embarcando depois em vários barcos cedidos por pescadores da Afurada, engalanados a preceito com bandeiras da JCP e do PCP, rumou-se até à Ribeira do Porto, onde, de novo, houve oportunidade de ouvir a voz popular: ainda e sempre a reconstrução das casas do Centro Histórico do Porto (que não pode ser só a fachada), ou os problemas das vendedeiras que tardam em ser resolvidos. Entretanto, a passagem do rio proporcionou a constatação de um outro grande problema da cidade-Património Mundial: os esgotos a despejar, sem qual-

tempo da ditadura fascista para manter o país a rédeas curtas» e apelou à participação nesta batalha, inserindo a regionalização no património da esquerda e da acção revolucionária dos comunistas: «a capacidade para no trabalho do dia a dia tentar encontrar soluções inovadoras e criativas, procurando assim levar avante o objectivo de construir uma sociedade evoluída, assente numa democracia completa, aproximada à imagem do próprio ser humano, uma democracia com cabeça para pensar, braços para produzir e pernas para andar». «Se a simples criação das regiões administrativas pode parecer um pequeno ou mesmo ridículo passo na caminhada do Homem em direcção ao futuro, ao socialismo e ao





Carlos Carvalho visita novos equipamentos em Constância

A convite da Câmara Municipal de Constância, o Secretário-geral do PCP, Carlos Carvalho, visitou este concelho, na passada terça-feira.

Durante a visita, que se iniciou com uma sessão de trabalho com a vereação e técnicos municipais, tomou-se contacto com alguns dos principais equipamentos do concelho. Foram visitados o Museu, a Biblioteca, as piscinas cobertas a inaugurar proximamente, assim como a zona industrial.

Foi transmitido pela vereação e pelo Presidente da Câmara, António Mendes, algumas das principais dificuldades que o concelho e a gestão do município enfrentam, designadamente as de natureza financeira, que se reflectem vivamente, não apenas na capacidade de investi-



As piscinas cobertas, a serem brevemente inauguradas, é um dos novos equipamentos da autarquia

comunismo», prosseguiu, «o certo é que esta medida pode servir como um novo ponto de partida para repensarmos uma evolução positiva dos órgãos de poder, em concreto dos do poder local, na medida em que favorece a participação popular neles».

PCP propõe imposto sobre a riqueza

Usou então da palavra o Secretário-geral do PCP que lembrou o belo passeio fluvial e os problemas que entretanto foram desfilando nas suas margens, no contacto com as pessoas - dos pescadores da Afurada, aos problemas do ordenamento e da especulação imobiliária nas suas margens, aos incêndios que muitas vezes as têm devastado, para sublinhar que apesar das altissonantes declarações do Governo do PS em relação a este grave problema (e até algumas medidas positivas no que respeita a meios de combate), continuam por tomar as medidas de fundo que combatam também as causas. Ou seja, medidas contra os que tiram o lucro dos espaços incendiados, por um lado, e que apoiem os proprietários à limpeza das matas, por outro.

Carlos Carvalho lembrou que nesta reentrada política o PCP vai, mais uma vez, propor que o Governo do PS «dê sinais de cor

socialista» na sua política social, aumentando extraordinariamente o valor das reformas, que são uma das principais razões do baixo nível de vida em Portugal, impeditivo, por exemplo, do gozo de férias a que todos têm direito. Referiu ainda a proposta feita pelo PCP para um «imposto sobre a riqueza» e lembrou a propósito o recente relatório que comprova o prosseguimento da política de concentração da riqueza e o aprofundamento da distância entre ricos e pobres no nosso país: «Esta é uma política para os grandes senhores, com dinheiro e com poder junto da comunicação social». Salientou por outro lado a falta de alternativa que significa a proposta da nova AD - qual dupla Fred Astaire que não se entende, e sobretudo sem qualquer política diferente -, defendendo que «só com o reforço do PCP se pode dar estímulo à política de esquerda em Portugal».

Ainda sobre a regionalização, sublinhou que se trata de uma importante reforma administrativa que aproximará as estruturas administrativas das populações porque «o que fazem os governadores civis e as comissões de coordenação regional podem fazê-lo melhor e mais barato as regiões. O que divide Portugal são as desigualdades regionais, e a regionalização pode ser uma resposta para o desenvolvimento mais equilibrado do País».



Carlos Carvalho troca impressões, durante a visita, com o Presidente da Câmara de Constância



A Biblioteca Municipal foi um dos locais visitados pelo Secretário-geral do PCP

mento, mas também na possibilidade de dispor dos meios humanos e técnicos necessários à gestão.

Da parte do PCP foi reafirmada a posição crítica quanto à lei das Finanças Locais e manifestado o empenhamento do Partido em prosseguir não apenas a luta por um novo regime financeiro mas também pelas correcções necessárias à lei em vigor, de forma a garantir aos municípios mais dependentes das receitas do Estado um aumento que lhes garanta uma gestão mais eficaz e equilibrada.

as, operário da construção civil. Membro do Partido desde 1974, fazia parte da Comissão de Sede do Centro de Trabalho de Cuba.

No seu funeral, onde a Comissão Concelhia se fez representar com uma delegação, integraram-se muitos camaradas e amigos.

Mário Sousa Menezes

Faleceu recentemente, com 82 anos de idade, o camarada Mário Sousa Menezes. Foi funcionário da Câmara Municipal de Lisboa e comandante do Batalhão dos Sapadores Bombeiros. Membro do Partido desde 1974, estava actualmente organizado na célula dos reformados em Lisboa. Era vice-presidente da Federação das Associações de Reformados, Pensionistas e Idosos do Distrito de Lisboa (MURPI).

Odete Marques Bessa

Faleceu em Londres, no dia 5 de Agosto, após doença prolongada, a camarada Odete Marques Bessa, de 52 anos. Membro do PCP com longo período de intervenção nas lutas sindicais contra o fascismo, logo após o 25 de Abril deu todo o seu apoio e colaboração à Associação dos Portugueses na Inglaterra, muito contribuindo para o seu sucesso como colectividade democrática e independente.



Aos familiares e amigos dos comunistas falecidos, o colectivo do «Avante!» manifesta sentidas condolências.

CAMARADAS FALECIDOS

Carlos Alberto de Jesus Soares

Faleceu, no dia 15 de Agosto, com 61 anos de idade, o camarada Carlos Alberto de Jesus Soares. Era membro da Organização de Freguesia de Corroios, tendo feito parte da Comissão de Freguesia. Foi membro da Assembleia de Freguesia de Corroios, da Assembleia Municipal do Seixal, dos corpos gerentes da ARPI de Corroios e grande activista nas associações de pais. Foi Presidente da Federação das Associações de Pais do Distrito de Setúbal.

João Domingos

Com cinquenta anos de idade, faleceu em Aveiro, no passado dia 18 de Agosto, após prolongada doença, o camarada João Domingos da Naia Graça Paula, economista. Militante antifascista, aderiu ao PCP pouco depois do 25 de Abril, tendo assumido ao longo dos anos diversas responsabilidades, designadamente na Comissão Concelhia de Aveiro. Foi diversas vezes indicado pelo PCP como candidato, quer à Assembleia da República, quer a órgãos autárquicos do concelho, tendo sido eleito tesoureiro da Junta de Freguesia de Vera Cruz, cargo que desempenhou com reconhecida competência e dedicação. Figura estimada e popular, soube sempre conciliar a sua actividade profissional com outras vertentes do exercício de cidadania, nomeadamente na actividade desportiva, bem como na intervenção política e social.

José Francisco Isaías

Faleceu no Hospital Distrital de Beja, no dia 24 de Agosto, com 79 anos, o camarada José Francisco Isaías

Aumento dos preços do Metro PCP exige suspensão

«Quando se impõe uma clara aposta e estímulo ao uso do transporte colectivo como meio essencial de resolver os graves problemas de transportes existentes, a decisão de aumento de preços agora anunciada vai em sentido contrário», diz o Gabinete de Imprensa do PCP, reagindo publicamente, na quinta-feira passada, ao aumento do preço dos bilhetes do Metropolitano decretado pelo Governo.

«Os elevados aumentos dos preços do Metro são inaceitáveis.

«O PCP condena a decisão do Governo PS de aumentar os preços do Metropolitano de Lisboa a partir do dia 1 de Setembro, em valores muito elevados, uma medida tanto mais grave e inaceitável quanto já este ano, em 1 de Fevereiro, tinha havido um aumento de preços, verificando-se assim aquilo que já há muito não acontecia, dois aumentos de preços do Metro no mesmo ano.

«O bilhete simples que em 1 de Fevereiro passou de 70\$00 para 80\$00, aumenta para 100\$00 em 1 de Setembro, o que significa em escassos oito meses um aumento de 42,8%. A caderneta de dez bilhetes que em 1 de Fevereiro foi aumentada de 550\$00 para 600\$00 vai agora aumentar de 600\$00 para 800\$00, o que representa um aumento de 45% em oito meses. O bilhete diário vai também ser aumentado no dia 1 de Setembro em 25%, de 200\$00 para 250\$00 e o bilhete de sete dias em 45% passando de 620\$00 para 900\$00.

«Quando se impõe uma clara aposta e estímulo ao uso do transporte colectivo como meio essencial de resolver os graves problemas de transportes existentes a decisão de aumento de preços agora anunciada vai em sentido contrário, constituindo uma penalização daqueles que optam pelo uso do transporte colectivo e insere-se numa lógica de maximização de lucros para favorecer futuras estratégias privatizadoras.

«Argumenta o Governo com o alargamento da rede para justificar este propósito. Há, de facto, uma positiva expansão da rede do Metro que se impunha e impõe no quadro da melhoria da rede de transportes da AML e da cidade de Lisboa como um contributo importante para fazer face à grave situação dos transportes, às longas horas perdidas nas deslocamentos, mas esta expansão da rede se permite a cada utente beneficiar de mais quilómetros de linha vai também reflectir-se no crescimento do número de passageiros e no consequente aumento das receitas da empresa não podendo assim servir de justificação para tão elevados aumentos.

«Por outro lado a existência de disparidades entre os custos do Metro e de outros meios de transporte, numa orientação de promoção do transporte colectivo, implica não o aumento brutal dos preços do Metro mas sim a contenção dos preços dos outros meios de transporte.

«O facto de o aumento agora anunciado não incluir os passes sociais, que no entanto tinham sido aumentados em Fevereiro, não diminui a sua gravidade, uma vez que afecta uma parte significativa dos utentes do Metropolitano — pelo menos 25% segundo a própria Administração do Metro — e atinge muitos milhões de viagens por ano.

«O PCP apela à condenação dos aumentos de preços, exige a sua suspensão e reafirma a necessidade de uma política de transportes que privilegie o transporte colectivo, com regularidade, qualidade e preços acessíveis.»

TST reduz carreiras

A administração dos Transportes Sul do Tejo (TST), com a sua decisão de alterar percursos e horários e reduzir as carreiras rodoviárias, prejudicou gravemente as populações das zonas ribeirinhas de Amora e Arrentela, acusa a Comissão Concelhia do Seixal do PCP. Repudiando, assim, essas medidas, os comunistas exigem «outras de sentido contrário», que sirvam a população, designadamente a melhoria da qualidade de serviços. A Concelhia do Seixal, solidária com a luta dos trabalhadores dos TST e com as populações prejudicadas, manifesta-se disponível para continuar a lutar a seu lado pela reposição e pelo reforço das carreiras no concelho.

Oliveira do Bairro analisa actividade

A Comissão Concelhia de Oliveira do Bairro do PCP, apreciando a actividade política recente, concluiu que ela se caracterizou por uma intervenção diversificada e de grande importância por parte do PCP e da CDU. Como exemplo positivo dessa actividade, é referida a intervenção do eleito da CDU na Assembleia Municipal, a visita dos deputados João Amaral e Rodeia Machado para tratar problemas relacionados com a poluição das águas, o meio ambiente e a agricultura e ainda a intervenção empenhada da organização no referendo sobre a IVG e no esclarecimento da ofensiva do Governo e do patronato contra os direitos dos trabalhadores.

Como tarefa prioritária, o PCP propõe-se agora enfrentar a batalha da Regionalização, combater a demagogia e a deturpação utilizada pelos opositores desta reforma e juntar no processo todos os que partilham os mesmos propósitos.

A presença na próxima Festa do «Avante!» foi outra questão analisada, tanto mais que este ano a região da Bairrada e o concelho de Oliveira do Bairro vão estar representados pelas suas melhores iguarias: leitão (750 kg), Rojões (80 kg), vinhos tintos, brancos e espumante.

Quem quer duche, paga!

Face aos protestos e queixas apresentados pelos utentes do Parque (municipal) de Campismo de S. Jacinto - surpreendidos na semana passada com o aviso de que a partir de 17 de Agosto os banhos quentes seriam grátis apenas entre as 07 e as 17 horas, horário a partir do qual seria necessário adquirir botões de 8 a 25 banhos -, António Salavessa, membro da Assembleia Municipal de Aveiro e eleito do PCP nas listas da CDU, visitou o local, acompanhado de Hélio Samorinha, responsável do PCP em Aveiro.

Na sequência dos contactos que manteve com os campistas, António Salavessa enviou uma carta ao Presidente da Câmara, chamando a atenção para algumas questões, entre elas a de, segundo o «Guia Nacional de Campismo», os duchos quentes serem gratuitos neste Parque, como, aliás, consta na tabela afixada na recepção.

Contudo, por decisão do sr. Horta, os banhos quentes fora daquele horário (que no Parque tem sido motivo de «chacota»), passam a custar 100\$00, se o botão for de 25 banhos, e 125\$00 se for de oito. Assim, António Salavessa, considerando muito «grave» que seja a empresa JNC-Horta quem, em vez do município, esteja a proceder à exploração do serviço, a arrecadar receitas e a ditar normas, diz esperar que a Câmara «actue em tempo útil» para anular as decisões tomadas.

Centralcer é lucrativa!

A falta de «respostas concretas» por parte da administração, levou a que os trabalhadores da Centralcer - que haviam paralisado na semana passada - decidissem voltar à greve esta semana, tendo a Direcção do Sindicato Nacional dos Trabalhadores das Indústrias de Bebida, no dia 19, entregado novo pré-aviso de greve para os dias 26, 27 e 28 de Agosto.

Face a isto, a administração da Centralcer apresentou na segunda-feira passada, durante uma reunião com dirigentes sindicais, uma proposta que prevê a actualização da tabela salarial e do subsídio de turno. Proposta a ser apreciada pelos trabalhadores na terça-feira, num plenário em Vialonga realizado para decidir o prosseguimento ou não das greves.

A Centralcer - com cerca de 1.200 trabalhadores no quadro e outros 250 com vínculo precário - é proprietária da cerveja Sagres e dos sumos Joy e, segundo opinião dos trabalhadores, em nota divulgada através da CGTP-IN, é «uma empresa altamente lucrativa, pelo que só a falta de vontade negocial pode ter levado a administração a não evoluir um tostão desde Abril».

Ourém

Assembleia debate emigração

Pela primeira vez dedicada à emigração, a Assembleia Municipal de Ourém, por proposta da CDU/PCP, reuniu extraordinariamente no passado dia 17 de Agosto, em Espite, com a presença de um vasto público, essencialmente constituído por emigrantes que não se coibiram de falar do ambiente que encontram quando regressam.

Sérgio Ribeiro, eleito pela CDU e deputado comunista ao Parlamento Europeu, cumprindo promessas eleitorais, apresentou à Assembleia uma moção sobre a Lei das Finanças Locais, aprovada com duas abstenções do PS, e uma recomendação sobre a moeda única.

Na sua apresentação, Sérgio Ribeiro falou da enorme importância da emigração e dos emigrantes do nosso País, lembrando que há vinte ou trinta anos se sublinhava que «o défice da nossa balança comercial só era suportável porque tinham surgido as remessas dos emigrantes». Hoje, com os Fundos da União Europeia foi criada uma «subsídiodependência», ou seja, é como se o País não pudesse sobreviver sem esses fundos. Contudo, nestes últi-

mos cinco anos (1993/97), o total das remessas dos emigrantes ultrapassou três mil milhões de contos enquanto as transfências líquidas da UE não chegaram a 2,3 mil milhões. E, para mais, prosseguiu o eurodeputado comunista, enquanto o dinheiro que nos chega da UE não compensa os efeitos negativos das políticas que nos são impostas, o que os nossos emigrantes para cá mandam «não tem contrapartidas, é todo injectado na economia portuguesa».

Por isso, se é preciso lutar para que a UE «não esqueça ou abdique do objectivo de coesão económica e social» e mantenha o envio de fundos comunitários, «ainda mais preciso é o esclarecimento e a luta pelo conhecimento, aproveitamento e bom

uso do muito que o trabalho dos nossos emigrantes representa para o País.» Entre outras razões, pelo facto de se tratarem de envios «de trabalhadores portugueses com quem, por identidade cultural, é imperioso manter e reforçar os laços.»

Sérgio Ribeiro considerando «histórica» aquela Assembleia Municipal de Ourém - concelho de onde sempre existiu forte emigração -, acabou a sua intervenção afirmando esperar que ela não seja mais que «o começo de trabalho continuado» por parte daquele órgão e daquela autarquia.

Em relação à moção sobre a Lei de Finanças Locais, a Assembleia Municipal de Ourém considerou tratar-se de uma lei que, apesar das «muitas dúvidas» que suscita, apresenta aspectos positivos, e ressaltou a necessidade de encarar o esforço de algumas autarquias para o eficaz aproveitamento das remessas dos emigrantes na «total integração dos emigrantes em fase de retorno» e no desenvolvimento regional «bem articulado nacionalmen-

te». Assim, deliberou expressar a sua vontade de continuar a lutar pela aprovação de uma lei que corresponda às reivindicações das autarquias (nomeadamente quanto ao mínimo de 35% da média aritmética da soma IVA+IRS+IRC), a uma melhor justiça redistributiva e que, entre os critérios de distribuição, tenha em conta «o número de emigrantes de cada autarquia relativamente à sua população total e outros dados relacionados com o peso da emigração, das remessas e das intenções de retorno».

Quanto à introdução da moeda única, Sérgio Ribeiro apresentou uma recomendação que manifesta preocupação pelos efeitos negativos (nomeadamente do foro psicológico), relativamente aos emigrantes. E pede ao Governo e instâncias da UE a elaboração de estudos sobre as repercussões deste factor no envio das poupanças dos emigrantes para o país de origem e a tomada de medidas no sentido de diminuir os eventuais efeitos negativos que daí possam advir.

Funchal

Uma «cidade para todos»

Com a presença de mais de uma centena de pessoas, realizou-se na passada sexta-feira o II Encontro de Moradores das Zonas Altas do Funchal (áreas ultraperiféricas), onde vive grande parte da população da cidade.

Analisando os muitos e graves problemas que a população destas zonas vive, o Encontro destacou os que resultam da falta de esgotos (35% não têm acesso ao saneamento básico), da existência de casas não legalizadas e da falta de «caminhos em condições», de equipamentos sociais, de centros de saúde ou centros soci-

ais, de creches e de escolas. Dos muitos lugares que ainda há, onde nem chegam os transportes públicos.

Problemas, considerou esta importante assembleia de moradores, que não serão resolvidos «sem a participação activa das populações», razão por que, «para dar mais força» à sua luta, os seus participantes a realização todos os anos de um Encontro deste tipo.

Assim, a partir de agora, os moradores das Zonas Altas do Funchal vão dar mais atenção ao «direito à casa legalizada», pro-

pondo desde já a realização de um Encontro Regional sobre a Legalização da Casa.

Entretanto, a CDU - força política que tem promovido e apoiado esta luta - irá apresentar uma proposta no sentido de que se realize uma Assembleia Municipal Extraordinária com o objectivo de analisar os problemas das áreas urbanas de origem ilegal, indo o seu grupo parlamentar, por sugestão do Encontro, proceder à elaboração e apresentação de um projecto de Lei Regional sobre a Legalização da Casa.

Uma outra decisão, foi ainda a

de dar início ao processo necessário à realização de uma Reunião Pública da Câmara nas Zonas Altas, após o horário laboral, de forma a contar com uma alargada participação das populações na discussão deste problema.

Por fim, os participantes no II Encontro de Moradores exigiram que o Plano e Orçamento para 1999, contemple os problemas das Zonas Altas como prioritários e, afirmando o seu forte empenho na luta pela «edificação de uma cidade com justiça social», defenderam a construção de uma «Cidade para todos».

Regionalização

Campanha pelo sim acelera no Algarve

«O Movimento Sim pela Regionalização - Sim ao Algarve considera ser a Regionalização a Reforma Administrativa que no final do século, consolidando a nossa democracia, irá simultaneamente preparar Portugal para os desafios que se avizinham.»

Assim começa o manifesto da Comissão Executiva deste novo Movimento pelo sim, apresentado numa concorrida conferência de imprensa, na passada semana, significativamente realizada na freguesia de Querença, no interior algarvio.

Constituído a partir da iniciativa de uma associação cultural - o Ciclo Teixeira Gomes - o «Movimento Sim pela Regionalização - sim ao Algarve» ganhou rapidamente a adesão dos meios políticos, culturais, sindicais e empresariais mais representativos da região algarvia.

Em relação aos meios políticos, cite-se que, sendo embora um movimento de cidadãos, em si mesmo apartidário, conta entre os seus mandatários com conhecidos comunistas como Carlos Brito, Margarida Tengarrinha, Alfredo Graça e Carlos Leal, deputados e autarcas socialistas como Filipe Madeira, Paulo Neves, Joaquim Vairinhos e Carlos Tuta, figuras do PSD como Macário Correia, Cristóvão Norte e Eliderico Viegas, além de numerosos independentes como o primeiro reitor da Universidade do Algarve, Prof. Gomes Guerreiro, o antigo governador civil, Manuel Ramires Fernandes, e o presidente do Fareense, António Boronha.

Esta rara abrangência testemunha a grande consensualidade que a

questão da Regionalização alcançou no Algarve depois de muitos anos de intenso debate político. Isto explica também porque é que a grande cambalhota da liderança do PSD a nível nacional tem, apesar de tudo, efeitos limitados no plano regional.

O resultado desse debate intenso está também patente na maturidade das formulações do Manifesto agora apresentado, tanto quando defende a regionalização como um imperativo para o reforço da coesão nacional, como quando salienta a sua importância para atenuar as assimetrias entre regiões e as desigualdades de desenvolvimento dentro de cada região.

Neste aspecto é clamoroso o que acontece no Algarve «entre uma faixa litoral que, mercê do factor turismo, apresenta hoje níveis de vida aceitáveis e um imenso interior subdesenvolvido e em que todos os índices económicos e sociais estão muito abaixo do limiar mínimo e a tornam numa das zonas mais deprimidas de todo o País.»

É também com toda a clareza que o Manifesto coloca a principal reivindicação das regiões no quadro da Regionalização: «O Algarve, Região onde (...) desde sempre se fez sentir uma aspiração fortemente regionalista que, sem quebra da unidade nacional e do verdadeiro interesse do todo português, permita uma descentralização administrativa que termine com a excessiva subordinação ao Terreiro do Paço sobre questões que interessam aos Algarves.»

NACIONAL

Para poupar no Orçamento do Estado para 1999

CGTP exige prioridade aos centros de saúde

Os centros de saúde, que representam o primeiro nível do sistema, têm de ser «a prioridade das prioridades» nas dotações do Orçamento de Estado para 1999, reclamou na semana passada a CGTP-IN.

Maria do Carmo Tavares, da Comissão Executiva da central, falando numa conferência de imprensa destinada à análise da situação da Saúde em Portugal, acusou o Governo de querer reduzir o défice do Estado à custa da redução das funções sociais, em especial do sector da Saúde.

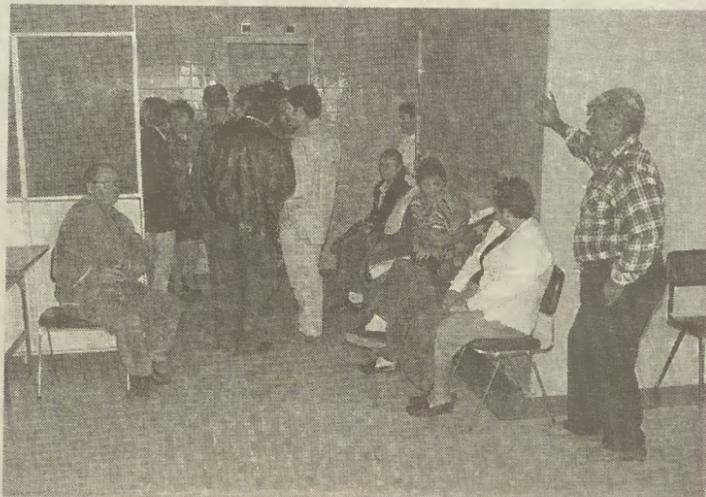
Uma maior interligação entre os centros de saúde e os hospitais, além de diminuir os gastos com saúde, melhoraria o tratamento da população, defendeu a sindicalista, realçando que os centros de saúde têm de deixar de ser, «como sempre foram, os parentes pobres do sistema».

O aumento da dotação do OE/99 para os centros de saúde, além de melhorar o tratamento da população, poderia diminuir os gastos com saúde, sustentou Maria do Carmo Tavares, lembrando que a população recorre ao tratamento médico nos hospitais porque os centros de saúde não funcionam eficazmente.

Ainda com vista à diminuição dos gastos com saúde, a CGTP voltou a defender a introdução dos medicamentos genéricos no mercado nacional e o aparecimento de uma educação para a saúde. Portugal é o único país da Europa que não tem genéricos, afirmou a dirigente da *Inter*, exigindo que o Governo tome medidas para com-

bater os «lobbies» das multinacionais.

A CGTP expressou «a mais profunda preocupação» face a afirmações de vários responsáveis do Governo que defendem a contenção das despesas públicas e a redução dos orçamentos de alguns hospitais que não teriam apresentado indicadores de melhoria de produtividade. Para a central, o Governo procura assim criar um clima, junto da opinião pública, para, no OE do próximo ano, reduzir o défice do Estado à custa da redução das funções sociais. A diminuição dos gastos em Saúde, contrapõe a CGTP, «terá que ser feita à custa



Um maior investimento nos centros de saúde evitará despesas maiores nos hospitais e facilitará o acesso das pessoas aos serviços de saúde, defende a CGTP

da eliminação dos desperdícios e das ineficiências do sistema, para o que, reconhecidamente, existirá margem, e nunca à custa da redução da prestação de cuidados de saúde à população».

Depois de propor uma série de medidas que poderiam contribuir para reduzir despesas, a CGTP considera «inaceitável

que o País não conheça, de forma suficientemente discriminada, como são gastos os dinheiros públicos em saúde, em particular no que respeita à evolução dos gastos em medicamentos e em medicina convencionada». No OE para 1999, o sector da saúde deve merecer «maior transparência», exige a central.

Convocação do referendo assinada pelo PR

O decreto a convocar o referendo à regionalização do Continente para o dia 8 de Novembro foi assinado quarta-feira por Jorge Sampaio, devendo ser publicado no «Diário da República» até 5 de Setembro, segundo referiu à Agência Lusa uma fonte da Presidência da República.

A data da realização do referendo tem de situar-

-se entre o 60.º e o 90.º dias a contar da publicação do decreto.

Os partidos políticos e os grupos de cidadãos eleitores (constituídos com um mínimo de cinco mil assinaturas) têm até 15 dias, a contar da data de publicação do decreto, para declarar à Comissão Nacional de Eleições a sua participação na campanha oficial do referendo.

O período oficial da campanha vai decorrer entre 26 de Outubro e 6 de Novembro.

No decreto presidencial são chamados a pronunciar-se no referendo à regionalização todos os cidadãos eleitores recenseados no território nacional. Os portugueses vão ser chamados a responder «sim» ou «não» a duas perguntas: «Concorda com a instituição em concreto das regiões administrativas?» e «Concorda com a instituição em concreto da região administrativa da sua área de recenseamento eleitoral?».

Acordo na pesca algarvia

O Sindicato dos Trabalhadores da Pesca do Sul e a Associação de Empresas de Pesca do Algarve (ADEPA) concluíram sexta-feira a revisão do contrato de trabalho, tendo as reivindicações dos pescadores sido satisfeitas.

Falando à Agência Lusa no final de um encontro com pescadores, realizado em Portimão, para dar à conhecer o resultado das negociações, o dirigente sindical Josué Marques referiu que os armadores aceitaram, inclusive, o desconto de um por cento sobre o valor bruto do pescado, verba destinada a pagar ao sindicato a quotização dos trabalhadores.

No acordo agora firmado, os armadores das embarcações de pesca do cerco comprometeram-se a pagar os subsídios de Natal dos anos de 1996/97 e 1998 e a aumentar para o dobro os salários fixos dos motoristas e dos ajudantes de motoristas. Em relação aos subsídios de Natal devidos, os pescadores vão receber o correspondente ao ordenado mínimo nacional em vigor para a indústria nos anos de 1996/97 e, em 1998, um valor único fixado em 75 mil escudos para todas as categorias profissionais.

Foi ainda fixado o subsídio de férias em 80 por cento do salário mínimo nacional em vigor.

Festru participa em Setembro na jornada europeia dos rodoviários

A Federação dos Sindicatos de Transportes Rodoviários e Urbanos vai participar na jornada de luta europeia marcada para 8 de Setembro, visando reduzir o horário e melhorar as condições de trabalho dos motoristas.

Apesar de não ser associada de qualquer das estruturas que convocaram a jornada de luta - Federação Sindical dos Transportes (FST) e Federação Inter-

nacional do Transporte (ITF) -, a Festru/CGTP participou na decisão de levar para as estradas um protesto que se pretende seja ouvido em Bruxelas.

Os contornos da jornada de luta em Portugal estão entretanto a ser preparados pela Festru, que mantém contactos com as Comisiones Obreras, prevendo-se que ambas definam acções conjuntas nas zonas fronteiriças, além das

acções que vão desenvolver a nível nacional, disse Amável Alves, dirigente da federação, à agência Lusa.

No comunicado que será distribuído na ocasião, os sindicatos reivindicam a redução do horário de trabalho, actualmente superior a 50 horas semanais, e a melhoria das condições de trabalho, saúde e segurança dos trabalhadores.

Exigem, por isso, a elabora-

ção de regulamentação (ao nível europeu) que trate de forma homogénea os tempos de condução e descanso, o pagamento completo de todo o tempo de trabalho, a melhoria da formação profissional dos motoristas e a criação de melhores condições de higiene e segurança nas áreas de descanso.

Uma jornada de luta semelhante teve lugar a 9 de Junho de 1997.

INTERNACIONAL

Fidel propõe cooperação na cimeira das Caraíbas

Fidel Castro propôs sexta-feira aos membros da Comunidade das Caraíbas o estabelecimento de um mercado turístico «multidestino» para a região.

Ao discursar na abertura da cimeira caribiana, que decorreu na capital da República Dominicana, o chefe de Estado cubano criticou o neoliberalismo e a globalização económica. «Trata-se de nos impor uma ordem económica em que os nossos países pequenos e pobres não teriam outro futuro a não ser converter-se numa imensa zona franca, onde a indústria e o capital dos poderosos obtenham mão-de-obra barata», afirmou Fidel, citado pela Agência Lusa. «No meio de tantas dificuldades - propôs - o turismo, através do multidestino, bem poderia converter-se no motor principal da integração caribiana, do incremento do comércio, dos investimentos e dos contactos entre os nossos países.»

O presidente cubano afirmou a disponibilidade do seu regime para receber investimentos caribianos nas suas praias e instalações turísticas e para investir nos países das Caraíbas.

A cimeira reuniu os 14 países da Comunidade caribenha (Caricom), o Haiti e a República Dominicana, que formam o Cariforum, participando Cuba como observador. O Cariforum não só «nos dá a oportunidade de participar no processo de integração dos países mais próximos de nós, mas também de ter uma relação de cooperação mais dinâmica com a Europa, e de tirar partido disso, como fazem os países ACP» (África, Caraíbas e Pacífico), disse o cônsul de Cuba em Santo Domingo.

Esperança e preocupação pela proposta à Líbia

O MNE do Egipto - um dos sete países que integram o comité da Liga Árabe que procura solução para o pedido de extradição de dois líbios acusados pelo atentado de Lockerbie, em 1988, contra um avião da PanAm, em consequência do qual morreram 270 pessoas - qualificou de «claro progresso» a proposta britânico-norte-americana de organizar um julgamento na Holanda, perante juízes escoceses e segundo a lei escocesa.

O secretário-geral da Liga Árabe admitiu anteontem que a Líbia aceite a proposta, por esta «convergir» com a posição árabe-líbia. Esmat Abdel Meguid anunciou que vai encetar consultas com a Líbia e o secretário-geral da ONU, a quem Londres pediu que trate da transferência dos dois suspeitos líbios para Haia. Advertiu, todavia, ser necessário «discutir tudo quanto diga respeito à aplicação da proposta» e confessou-se «preocupado» pela insistência norte-americana em que a Líbia a aceite em bloco.

A Líbia ainda não tinha reagido oficialmente à nova proposta.

Crianças-escravas fazem tapetes na Ásia

Cerca de 1,3 milhão de crianças são forçadas a trabalhar na indústria de tapetes no sul da Ásia, região que assegura dois terços da produção mundial, afirmou anteontem em Nova Deli o principal militante indiano contra o trabalho infantil.

Kailash Satyarthi apresentou, durante uma conferência de imprensa, 18 crianças, algumas com apenas 6 anos e adolescentes, que - segundo o responsável da Coligação Sul da Ásia contra a escravatura infantil, citado pela Lusa - tinham sido libertadas da sua escravatura cinco dias antes.

As crianças apresentavam sinais de malnutrição e várias tinham cicatrizes e queimaduras na cara, no pescoço e nas costas. «Têm perante vós a escravatura moderna. Antes de serem libertados a 20 de Agosto, eram espancados, torturados, marcados», precisou Satyarthi, afirmando que existem cerca de 500 mil crianças na indústria de tapetes na Índia, 500 mil no Paquistão e cerca de 300 mil no Nepal.

Satyarthi acusou o governo indiano de ignorar o problema e de nada fazer para o combater.

Clinton contra-atacou com mísseis no Sudão e no Afeganistão

No dia 20, quando Monica Lewinsky depunha pela segunda vez em tribunal sobre o escândalo sexual que colocou o presidente norte-americano sob suspeita de perjúrio, Bill Clinton ordenou bombardeamentos contra alvos no Sudão e no Afeganistão, justificando-os como «contra-ataque» a actos terroristas de um antigo aliado dos EUA.

Entre 75 e 100 mísseis cruzado terão sido lançados durante os ataques, referiu a Lusa, citando a CNN. Apesar de responsáveis do Pentágono não terem explicado os detalhes da operação, várias fontes militares norte-americanas afirmaram que os ataques foram realizados a partir de navios no Mar Vermelho e no Mar da Arábia, com mísseis do tipo «Tomahawk», que têm uma carga explosiva de alta potência e um sistema

guiado por satélite que os torna extraordinariamente precisos. O seu custo unitário é estimado em 1,2 milhões de dólares.

Os bombardeamentos, na comunicação feita por Bill Clinton algumas horas depois, foram apresentados como uma represália aos ataques bombistas de que foram alvo, a 7 de Agosto, as embaixadas norte-americanas em Nairobi e em Dar-es-Salaam. Os atentados provocaram

mais de 250 mortos e cerca de 5 mil feridos e a sua responsabilidade é atribuída ao multimilionário saudita Oussama bin Laden, exilado no Afeganistão, que os EUA acusaram de preparar novos ataques.

Os alvos, na versão de Washington, foram campos de treino em território afegão e uma fábrica de armas químicas no Sudão. O Paquistão admitiu na sexta-feira que um dos mísseis caiu no território paquistanês, matando pelo menos cinco pessoas. «Parece que houve um erro técnico», afirmou um porta-voz do MNE paquistanês.

No Sudão, os ataques americanos desencadearam manifestações anti-Estados Unidos, que se repetiram noutros países islâmicos.

Entretanto, a ONU confirmou que a fábrica Al-Chifaa de Cartum, destruída pelos mísseis, tinha um contrato com o Iraque, aprovado pelas Nações Unidas, para fornecer medicamentos veterinários. O presidente da comissão dos Negócios Estrangeiros do Parlamento britânico declarou, segunda-feira, em entrevista à BBC, que os Estados Unidos não forneceram à Grã-Bretanha provas de que a fábrica sudanesa que bombardearam produzia armas químicas e que não estava provado que os alvos no Afeganistão eram usados para planejar actos de terror.

Na segunda-feira, pressionado pela oposição dos EUA (que possuem direito de veto) o Conselho de Segurança das

Nações Unidas não respondeu ao pedido sudanês de envio de uma missão de inquérito da ONU para provar que o laboratório de Al-Chifaa apenas produzia medicamentos.

O ataque-surpresa dos EUA mereceu o apoio dos tradicionais aliados, mas as suspeitas sobre as verdadeiras intenções de Clinton e os resultados práticos dos bombardeamentos pairaram ao lado das declarações oficiais. «Não temos confiança em Clinton. Ninguém o pode levar a sério. O presidente está, se calhar, pronto a desencadear uma guerra para mudar os títulos dos jornais» - afirmava o insuspeito e britânico «Sun» no dia seguinte.

Comentário

do PCP

EUA estimulam o terrorismo

O PCP condenou os bombardeamentos efectuados quinta-feira pelas Forças Armadas dos EUA no Afeganistão e no Sudão, considerando que «não podem separar-se da tentativa de desviar as atenções das dificuldades internas em que se encontra o Presidente norte-americano».

Na nota distribuída dia 21 pelo Gabinete de Imprensa, afirma-se que, «com o pretexto de combater o terrorismo e “punir” os autores dos condenáveis atentados bombistas contra as embaixadas norte-americanas em Nairobi e em Dar-es-Salaam, os EUA persistem na aberta violação da legalidade internacional, arrogam-se o direito a acções unilaterais arbitrarias em qualquer ponto do mundo, desencadeiam operações de autêntico terrorismo de Estado».

O PCP «chama a atenção para o perigoso jogo entre o imperialismo norte-americano e o integrismo islâmico terrorista, cujos presumidos chefes são em geral - como no caso de Bin Laden - criações suas, como o são também em medida decisiva as ditaduras obscurantistas instaladas no Sudão e no Afeganistão. Pretextando combater o terrorismo, de facto, com tais acções os EUA estimulam-no e alimentam-no».

«Embora considerando-os actos “unilaterais”, o Governo português terá demonstrado “compreensão” pela agressão dos EUA no Sudão e Afeganistão. O PCP considera negativa e perigosa uma tal posição. Portugal tem de demarcar-se com clareza da política agressiva dos EUA e recusar com firmeza o envolvimento do nosso país em aventuras militares para que pretendem arrastar-nos no quadro da NATO, da UEO ou qualquer outro, nomeadamente em relação à complexa situação no Kosovo.»

Ieltsin volta a chamar Tchernomyrdin Novo governo russo com velho primeiro-ministro

O presidente russo demitiu no domingo o primeiro-ministro Serguei Kirienko e voltou a colocar Viktor Tchernomyrdin à frente do Governo. Este, que fora substituído no cargo há 4 meses, foi agora apresentado por Boris Ieltsin como um «peso pesado» que vai garantir a continuidade do poder no ano 2000.

A demissão de Kirienko foi anunciada após as fortes críticas de que foi alvo, depois da brusca desvalorização do rublo e do anúncio da suspensão, por 90 dias, das obrigações financeiras externas e internas do Estado.

«A Rússia desvalorizou-se a tal ponto que qualquer multimilionário a pode comprar», afirmou Guennadi Ziuganov, quando o ainda primeiro-ministro se apresentou na Duma para ser interpelado. O

dirigente comunista desferiu fortes ataques contra o governo, acusando-o de ter colocado o país à beira do precipício.

Mas também o partido pró-governamental «A Nossa Casa Rússia» atacou Kirienko, considerando que o curso tomado é errado e pedindo igualmente a demissão do chefe do Governo.

A Duma (câmara baixa do parlamento) reuniu sexta-feira e, por 247 votos contra 32, aprovou uma deliberação desaprovando o trabalho do governo e do banco central e recomendando que o Presidente Ieltsin se demita. O chefe de Estado russo, que se encontrava em visita a Murmansk, disse então que a decisão da Duma era «coisa normal». Passados dois dias, demitiu Kirienko.

Anteontem, o presidente russo emitiu mais um decreto ordenando ao governo cessante que continue em funções até à formação do novo executivo, evitando assim um vazio político que não fora previsto na demissão de domingo e permitindo especulações

sobre alguma demora na formação do novo executivo.

Tchernomyrdin, por seu lado, continua os contactos com os seus aliados políticos na Duma - «A Nossa Casa Rússia» e o grupo «Regiões da Rússia» - procurando apoios.

O presidente da Duma, o comunista Guennadi Seleznirov, disse depender a posição dos deputados da obtenção de um acordo sobre o programa anticrise e sobre a formação de um governo de coligação. Uma comissão tripartida, com representantes de ambas as câmaras do Parlamento e do executivo, começou anteontem a trabalhar neste sentido.

Segundo Seleznirov, será redigido uma espécie de pacto político entre os poderes executivo e legislativo, cuja essência consistirá numa garantia de Ieltsin de que não interferirá nos assuntos do governo e de que o primeiro-ministro terá plena liberdade para formar o seu gabinete.

Numa entrevista publicada anteontem no «Komsomolskaya Pravda», Tchernomyrdin afirmou que irá tentar reduzir o impacto da crise financeira russa no cidadão comum e dar apoio às indústrias em crise, defendendo que «não podemos tirar a Rússia da crise apenas com medidas financeiras».

O anterior governo tentou impor um «programa anticrise», mas a maior parte das medidas não foram adoptadas pelo parlamento, que contestou as suas implicações sociais. A aplicação de medidas de contenção das despesas e aumento dos impostos condiciona a transferência de um empréstimo de 22,6 mil milhões de dólares, concedido em Julho sob a égide do Fundo Monetário Internacional.



A crise económica, com efeitos particularmente graves sobre as condições de vida do povo russo, não é resolvida pelas políticas liberais nem pela entrega de empresas e sectores de actividade ao capital estrangeiro

■ **CARLOS LUÍS FIGUEIRA**
Membro da Comissão Política do CC

As propostas de Marcelo no buraco do Pontal

A CHAMADA *rentrée* política do PSD teve este ano, na versão Marcelo, a sua realização em dois actos. O primeiro junto à doca de Faro e o segundo em terras de Celorico. O carácter inovador da iniciativa foi certamente pensado para responder a duas imperiosas necessidades: a primeira, litoralizada, para cortar a rotina do SOL e MAR e dar oportunidade a uma suspensão temporária no bronze, sempre necessária até por razões de prevenção da terrível ameaça do cancro da pele; a segunda, no interior profundo, junto do país real, para simultaneamente cumprir insondáveis compromissos do líder com a terra e o povo que o viu nascer.

Dando curso à campanha contra as Regiões Administrativas e repetindo um conjunto de falsificações que desde há muito avançam sobre esta matéria, declarações nas quais a falta de escrúpulos anda a par da mais desavergonhada falta de seriedade, Marcelo apresenta no Algarve, repetindo-as no essencial em Celorico, um conjunto de propostas tidas como alternativas à regionalização do País sob a capa do reforço do municipalismo.

Numa região do País como o Algarve, onde a criação da Região Administrativa representa desde há muito uma forte aspiração de largos sectores da população e tem constituído objectivo programático inscrito desde sempre nas propostas apresentadas ao eleitorado por parte de todos os partidos políticos, as declarações e o "Programa" de Marcelo, para além de aprofundarem contradições internas e aumentarem dificuldades ao PSD na região, caíram como chuva de gelo na quente noite algarvia semi-deserta de almas laranjas.

De facto, o conjunto das propostas apresentadas constitui, pela ausência de rigor, pela demagogia e incoerência que revelam, mais uma peça da campanha do «vale tudo» em que se empenharam para se opor à concretização dos objectivos inscritos na Constituição e expressos na Lei-Quadro da Regionalização de 1991, aprovada então por unanimidade na Assembleia da República, na qual se consagra que regionalizar significa: descentralizar e democratizar poderes, competências e meios que actualmente se encontram em órgãos desconcentrados da administração central, órgãos não eleitos, que interferem e decidem sem qualquer consulta nem prestação de contas às populações sobre as quais tomam decisões, por órgãos eleitos pelas mesmas.

Assim, na área do pseudo-reforço dos poderes municipais, as propostas apresentadas constituem uma amálgama na qual se misturam, como novidades, competências já hoje assumidas pelas autarquias locais com outras que, independentemente da sua viabilidade, curiosamente em relação às quais nada se diz em relação ao aumento das receitas para lhe fazer face. Imagine-se que, segundo Marcelo e só para citar alguns exemplos, às autarquias locais deveriam ser atribuídas responsabilidades na manutenção e ampliação de todas as escolas do pré-escolar ao secundário, bem como na gestão dos respectivos refeitórios e, pasme-se, no alojamento dos alunos. Seriam ainda, entre outras propostas de igual teor, novas competências: gerir estabelecimentos termiais, garantir a boa conservação do parque habitacional privado e cooperativo, organizar a prestação de serviços de saúde domiciliários, conceber, implementar e gerir uma rede de transportes colectivos regulares de âmbito municipal, etc., etc. Não há limites para a hipocrisia e a desonestidade.

PSD e PS com a muleta do CDS/PP em sucessivos governos de alternância, no quadro da campanha para dismantlar todo o sector público, entregaram a privados redes de transporte público e, simultaneamente, em nome da rentabilidade e das leis do mercado, encerraram estações de caminho-de-ferro deixando populações inteiras e economias respectivas em extremas dificuldades. Que credibilidade pode ter uma proposta que, no fundo, representava ou um regresso a um passado recente que ajudaram a

destruir ou então a colocarem as autarquias a pagar um serviço público que os privados não estão dispostos a suportar?

O PSD descobre agora também as virtualidades do Associativismo Municipal quando durante mais de 10 anos no poder não teve qualquer iniciativa para lhe atribuir competências, reconhecer os méritos e fortalecer a iniciativa própria destas estruturas, sendo que significativamente muitas das competências que agora se propõem atribuir-lhes partem do reconhecimento de existirem hoje problemas na área do planeamento, na instalação e gestão de equipamentos, no ordenamento do território que não podem ser resolvidos no âmbito de um só município ou de uma mera associação de municípios.

Entretanto, embrulhado na demagogia e na contradição das suas propostas, o que enunciam como novas competências para Associações de Municípios e para a criação das novas Áreas Metropolitanas choca frontalmente com o que propõe a seguir na chamada área da "descentralização da administração central" já que nenhuma das propostas apresentadas significa descentralizar poderes mas, antes,

uma artificiosa desconcentração dos poderes centrais. Logo, por muitas Associações e novas estruturas que se proponha, estas ficariam, como aliás o têm sido até aqui, fruto da vontade, compromissos e política do PSD no Governo ou em conluio com o PS, exactamente na mesma. Isto é, no fundamental, na dependência do poder central e das suas estruturas periféricas instaladas no País.

Isto porque quanto às Comissões de Coordenação Regional os seus poderes não são alterados. A alteração proposta destina-se unicamente a aspectos formais quanto à composição de um órgão exclusivamente de consulta (o conselho regional) e a procurar um remendo para um buraco que no essencial fica a descoberto. Ou seja, manterem os mesmos poderes delegados pela administração central em relação à qual continuarão como até aqui a responder. A alteração é tão-só em relação ao Presidente da CCR que embora nomeado na mesma pelo Governo, passaria a sê-lo a partir de uma solução de 3 em 1. De três nomes propostos o Governo escolheria 1. Mudava-se assim alguma coisa para que tudo continuasse na mesma.

Ainda quanto à chamada "descentralização da administração pública central",

trata-se de propostas nas quais a falta de rigor anda de novo a par da maior desonestidade. Porque realmente o que é proposto, em quatro mal amanhadas linhas, é a "previsão da descentralização (leia-se deslocação) de serviços, empresas, institutos, de todos os organismos públicos sediados em Lisboa" ... para outros pontos do País. A ser verdade, o que não é, alguém já imaginou o que isto significaria?

Teríamos então toda a administração central com todos os seus poderes repartida pelo País o que num primeiro ensaio poderia dar soluções próximas do seguinte: os

serviços da Agricultura em Celorico, as Pescas no Oceanário (alguns teriam que ficar), o Ambiente na Serra da Malcata, Equipamento e Obras Públicas na Serra do Caldeirão (sempre podia ser que avançasse mais depressa a auto-estrada para o Algarve), a Educação em Coimbra, a Diplomacia em alternância no Aeroporto de Faro em época alta e em Pedras Rubras na média baixa, deixando alguns meses para o Funchal para acorrer a situações em que o PSD local aticasse a acendalha do separatismo, a Defesa na base das Lajes e por aí fora.

Vantagens de tudo isto? Pôr o povo a circular dando maior consistência ao slogan "Vá para fora cá dentro" com o acréscimo de se poder dar uma ajuda ao turismo que poderia até adoptar um novo e agressivo slogan na sua propaganda no exterior - "Portugal, um País Diferente em Excursão Permanente".

Todo este conjunto de propostas, com a ausência de seriedade que as caracteriza (porque apetece ainda perguntar a Marcelo e ao PSD: então as Áreas Metropolitanas propostas e o acréscimo de poder que insinua vir a atribuir às Associações de Municípios, não vão retalhar o País), visa fugir à questão essencial, inscrita na Constituição de que PS e PSD foram autores e subscritores na última revisão. Serem as Regiões Administrativas, como novas autarquias, criadas através de órgãos eleitos pelas populações das respectivas áreas, para assumir poderes que hoje se encontram instalados nas regiões, geridas pelo poder central.

A sanha contra a criação das Regiões Administrativas por parte do PSD e PP reflecte ainda duas realidades que no plano político merecem ser sublinhadas.

A primeira, a de no PSD predominarem, após longos anos de exercício de poder, concepções sobre a organização do poder político com forte pendor centralista, assentes no exercício de formas de poder que a partir de cima tudo comandam, como forma de sustentação e mais fácil manutenção no exercício do mesmo, num quadro em que o poder económico e os seus interesses comandam cada vez mais a natureza e decisões do poder político. Não será certamente por acaso que todos os representantes do grande capital estão contra a regionalização. A este facto também se deve todo o rol de incoerências que têm marcado o comportamento do PS nesta matéria de que a convocação do referendo é exemplo último.

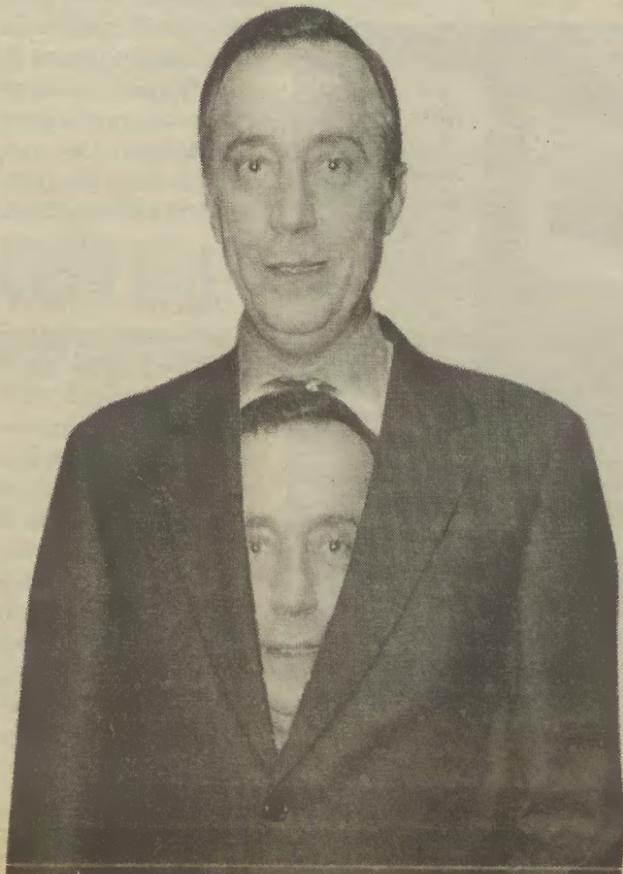
A segunda, com forte pendor conjuntural, ficará a dever-se à circunstância de, tendo estado o PSD ao longo destes três anos de acordo no fundamental com todos os instrumentos da política do Governo PS, ter necessidade agora de descobrir, criar, factores de distanciamento para melhor se posicionar face às eleições gerais do próximo ano.

A criação das Regiões Administrativas foi desde sempre uma batalha em relação à qual o PCP com coerência deu o melhor do seu contributo. Atestam-no, entre outros múltiplos aspectos, o manancial de projectos e propostas legislativas apresentadas na AR, cobrindo todas as áreas necessárias à implementação desta importante reforma do Estado Democrático.

Partiu-se sempre da ideia que é útil continuar a reter, que a instituição das Regiões Administrativas pela limitação dos seus poderes, não será varinha mágica para resolver todos os enormes problemas que hoje se colocam ao desenvolvimento do País no seu conjunto ou no quadro de cada região ou o integra. Que só por si as Regiões não terão capacidade para inverter políticas centrais da responsabilidade de Governos ao serviço dos grandes interesses económicos no quadro de uma política marcada pelo neoliberalismo, como a que tem sido realizada em alternância pelo PSD ou pelo PS.

Todavia, não ignorando tais factores, nunca deixamos de sublinhar que a sua criação poderia ser um bom instrumento para encontrar melhores soluções para o desenvolvimento regional, para apoio ao exercício do poder local democrático saído da Revolução de Abril, permitindo uma participação mais ampla das populações na tomada de decisões que lhe dizem directamente respeito e nesse sentido caminharmos para uma maior democratização das características do regime.

Participar e ganhar o referendo no dia 8 de Novembro é não só entrar de corpo inteiro numa batalha para atingir um objectivo em relação ao qual desde há muito nos batemos, como abrir caminho finalmente para a sua concretização.



da festa!

AMORA-SEIXAL

4, 5 e 6 SETEMBRO



Falta uma semana

para tudo ficar pronto

Mais artistas nos palcos

da Atalaia

Santos & Pecadores General D Wingers

Santos & Pecadores, General D e Wingers são três nomes que se vêm juntar à grande plêiade de artistas já anunciados para a Festa do *Avante!*, cujas portas se abrirão ao público dentro de uma semana.



Roteiro das Organizações

Dezenas de pavilhões erguidos pelas organizações regionais do Partido mostram as diferentes realidades, paisagens, sabores e gentes do nosso país. Para além do característico artesanato e gastronomia variada, o visitante encontra em numerosas exposições dados sobre as questões sociais e económicas, aspectos culturais e políticos de cada região de Portugal. A pouco mais de uma semana da abertura das portas aos visitantes, antecipamos alguns aspectos da participação das Organizações do Partido na Festa.

Portalegre • Évora • Beja

Começando pelo espaço da região alentejana, facilmente identificável pela rica traça regional que percorre toda a estrutura, vamos ali descobrir uma ampla adega, onde estão presentes muitos dos excelentes

vinhos dos três distritos do Alentejo. Junto à adega funciona uma importante exposição de produtos regionais com o melhor que se produz na região transtagana, incluindo o paio, queijos, presunto

e até o bom pão alentejano. Nos vários bares o destaque vai para os petiscos irresistíveis, enquanto se a fome for muita poder-se-á optar pelos restaurantes, onde, a par do serviço de qualidade, existe

um ambiente acolhedor tradicional do povo alentejano. No plano político, as exposições dão destaque às reivindicações da região, e ligam a actividade do PCP à luta pela valorização da riqueza e do património local.

Algarve

Os apreciadores dos frutos do mar sabem que no espaço do Algarve podem encontrar uma marisqueira de qualidade, um restaurante de méritos firmados e, é claro, o bar cocktail com

misturas exóticas que resultam em bebidas únicas (com e sem álcool). Produtos regionais e artesanato estão igualmente à venda, sendo que este ano a organização

garante animação própria com artistas populares algarvios. Os problemas regionais não foram esquecidos e foram medidas patente dá destaque à 4.ª Assembleia da Organização

Regional, realizada no passado mês de Maio, salientando as propostas do PCP para o Algarve e as medidas adoptadas para o fortalecimento da organização partidária.

Aveiro

Decorado com temas alusivos à luta dos trabalhadores da indústria do distrito, a qual ocupa ainda lugar de destaque na exposição política, o espaço de Aveiro oferece no seu restaurante vários manjares da cozinha regional. Falamos em especial do genuíno leitão, fornecido pela Associação de Produtores Assadores do Leitão da Bairrada. Da Bairrada vêm ainda os vinhos, tintos brancos e espumantes, não esquecendo o stand da doçaria regional, com os seus ovos moles e o pão-de-ló.

Bragança

As aldeias típicas do nordeste transmontano estão representadas no espaço de Bragança, onde se mostram elementos da construção rural da região. A nível gastronómico também há novidades. Pela primeira vez, e só no jantar de sexta-feira, na ementa surge o *ex libris* da cozinha

transmontana - *A Posta à Mirandesa*. Trata-se de um naco de carne de vitela mamona, de raça autóctone mirandesa, assada na brasa e acompanhada de batatas fritas e salada. Simplesmente delicioso... Para bem digerir, propomos uma visita ao stand dos produtos da terra e

artesanato. Isto enquanto a animação não começa com trechos teatrais, poesia e música transmontana, onde não faltarão os gaiteiros. Na exposição política, é retratada a actividade dos comunistas e os aspectos etnográficos do nordeste transmontano.

Castelo Branco

Reunidas de novo num espaço comum, as organizações de Castelo Branco e da Guarda proporcionam ao visitante um breve contacto com a realidade política, social e económica dos dois distritos, bem como parte significativa da sua riqueza gastronómica. Na exposição-venda de produtos regionais encontram-se os apreciados queijos da Serra e Picante, o presunto e os enchidos caseiros. Para acompanhá-los nada como passar pela Garrafeira e experimentar os néctares de Vila Nova de Foz Coa, Freixo de Mumão, Méda,

Pinhel, Vila Franca das Naves, Figueira de Castelo Rodrigo, Vila Nova de Távem, São Paio, Covilhã ou mesmo Fundão. Para além da churrasqueira, neste espaço funciona ainda a Taberna Regional com especialidades da Sertã e Zona do Pinhal como o Maranho e o Bucho recheado. O visitante tem ainda ao seu dispor uma agradável esplanada com uma excelente vista para o palco 25 de Abril. No sábado, pelas 16 horas, realiza-se um convívio de naturais dos distritos de Castelo Branco e Guarda, junto à Taberna Regional.

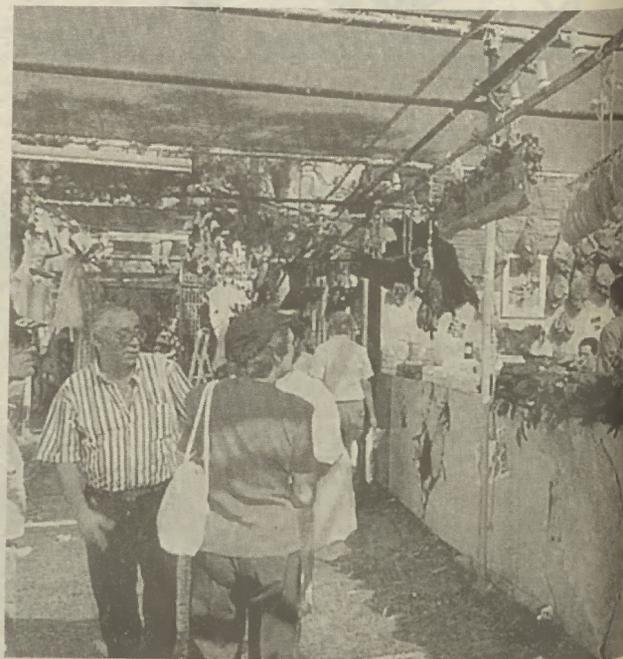
Coimbra

Valorizando vários elementos do património etnográfico, turístico e gastronómico do distrito, o espaço de Coimbra evoca a Alta da cidade, apresentando o Arco de

Almedina, o Largo da Sé, algumas das mais características e tradicionais "repúblicas" de estudantes, e, é claro, a Universidade. Com restaurante e bar abertos, os que

fazem de Coimbra o ponto de encontro de velhas amizades contam este ano ainda com uma esplanada que oferece uma ampla variedade de bebidas. A exposição

política ilustra as lutas dos trabalhadores, as realidades políticas, económicas, sociais e culturais do distrito, destacando as realizações das freguesias CDU, assim como as grandes iniciativas do PCP no distrito. O folclore estará representado pelo um rancho infantil «Camponeses de Montessão», enquanto que, no cantinho da Boémia, as noites estão reservadas aos fados e baladas de Coimbra, mas também à música de intervenção.



Leiria

No distrito do vidro, vamos conhecer o forno de Leiria que todos os anos mostra como tão duramente se trabalha este material delicado transformado em arte, que o visitante poderá adquirir num stand próprio. Outro forno, desta vez para o pão, permite confeccionar o procurado pão quente com chouriço. E para tentar a sorte vale a pena jogar na quermesse, que oferece mais de cinco mil prémios. A exposição trata as lutas locais dos trabalhadores, a realidade regional, a actividade e a organização do PCP. Já no campo da gastronomia, dois snack-bars, um de Caldas da Rainha outro da Marinha Grande, garantem uma ementa variada, com pratos e petiscos variados. A não perder a saborosa Ginja de Alcobaça.

Lisboa

Na exposição, nos murais e nos pavilhões das diferentes organizações do distrito de Lisboa, a luta do trabalhador e das populações e o Partido como alternativa de esquerda são os temas em foco. No café concerto, pólo de animação e debate, o programa inclui espectáculos musicais, momento de poesia e teatro. A vida e obra de Lorca e Brecht e os 150 anos do Manifesto Comunista são também aqui evocados. Os vários pavilhões apresentam esplanadas e zonas de sombra aumentadas, enquanto um lago e uma cascata vão enquadrar a exposição. A animação é variada: jogos tradicionais, palhaços e

figuras típicas da Feira da Ladra, pregões de Lisboa e exibições de fandango (restaurante de Vila Franca de Xira), são algumas das propostas. A solidariedade com Cuba está igualmente presente neste espaço assim com uma venda de artesanato das comunidades imigrantes em Portugal. O visitante encontra ainda artesanato, um Sai Sempre, uma Feira da Ladra, a Boutique Atalaia e o Pavilhão do Coleccionador. A oferta gastronómica não é menor: mariscos, grelhados, petiscos, leitão de Negrals, são apenas algumas sugestões de mais de uma dezena de bares e restaurantes que funcionam nesta zona.

Uma volta a Portugal

Madeira

No stand da Madeira é obrigatório experimentar a espetada regional, mas a oferta gastronómica é variada: das doçarias aos vinhos, em especial o famoso Madeira (a copo e garrafa), a poncha, a aguardente de cana, e vários licores a experimentar. O rico artesanato regional está igualmente representado com chapelaria, bordados, vimes, etc.

Porto

Na área do Porto, o primeiro destaque vai para a exposição que apresenta aspectos da realidade política e social da região. Segue-se uma mostra e venda de artesanato e acabamos por ficar num dos restaurantes a apreciar um dos saborosos pratos do norte: uma chispalhada de Gondomar, ou um lombo assado de Gaia. O roteiro não fica completo sem uma visita ao Solar de Gaia para degustar um cálice de vinho do Porto. Se quiser, pode aí adquirir uma garrafa do líquido com 10 anos de envelhecimento.

Santarém

No espaço de Santarém são evocadas as lutas do Couço de 1958/62, que constituíram um marco importante na luta do operariado agrícola por melhores condições de vida e contra a ditadura fascista. Os vinhos do Ribatejo, maduro e licoroso, e a aguardente velha estão à venda numa feira, enquanto a Tasquinha do Ribatejo tem na sua ementa vários pratos e doçarias regionais.



Mulher

Um espaço para todos

A mensagem política, o debate, a conversa trivial enquanto se saboreia o doce ou salgado com uma bebida quente ou gelada. Parte-se depois em busca de um livro usado que sempre se quer ter, ou de uma peça de roupa a preços de pechincha - tudo na Boutique de Ocasião. Pelo caminho, detemo-nos na exposição ilustrada e talvez cheguemos a tempo do lançamento

do livrinho «Pensando duas vezes, modificam-se comportamentos» editado pela Organização das Mulheres Comunistas e que será distribuído gratuitamente aos primeiros 100 visitantes do pavilhão. Este é ainda o tema do debate que terá lugar no sábado, pelas 17 horas. Na «Nossa Tendinha» há delícias caseiras, chá gelado, tisana, mazagran.



Braga

O espaço de Braga distingue-se pela grande fachada decorativa, com belos arcos de romaria enfeitados. Lá dentro, variedade não falta. Desde o abundante artesanato, às vendas de produtos regionais, com realce para a doçaria, o visitante é ainda atraído pelos petiscos e pratos regionais disponíveis no Tasco do Camilo, no Cantinho de Braga, na Taberna, na Tasquinha, no Bar de Guimarães, ou em «Vila Verde em Festa».



Roteiro das Organizações

Uma volta a Portugal

Setúbal

Setúbal surge este ano com um palco próprio onde passam nomes conhecidos da música portuguesa. A decoração do espaço enquadra uma réplica do cabo Espichel em Sesimbra e a exposição política trata a luta e a ligação do Partido aos trabalhadores e as propostas dos

comunistas para a região. Neste área estão como habitualmente muitos pontos de restauração: Bar da Patanisca, Bar do Lombinho, Tasca dos petiscos do Alto Seixalinho, bar da Várzea, para além dos restaurantes onde o marisco é o principal atractivo.

Viana do Castelo

São quase 500 metros quadrados de área coberta, onde funcionam três áreas dedicadas ao artesanato, produtos e doces regionais e uma adega com serviço de bar e restaurante. Aqui, o visitante encontra mais de 200 lugares sentados e à sombra. Petiscos e pratos típicos fazem satisfazer os amantes da boa comida, que deverá ser regada com o vinho verde da região, branco e

tinto, da Adega Cooperativa de Ponte de Lima. Engarrafados são ainda propostos o Alvarinho e o Muralhas, da Adega Cooperativa de Monção, entre alguns outros. O espaço de **Viana do Castelo** inclui ainda uma banca que tem à venda uma edição de seis *Avantes* clandestinos que falam das lutas travadas no Alto Minho antes do 25 de Abril, e um prato alusivo ao 20.º Aniversário da Festa do *Avante!*

Vila Real

A actividade do Partido no distrito de Vila Real domina o painel de exposição patente neste pavilhão. Aqui está também instalada uma banca com materiais da Festa e do Partido que é simultaneamente o local da campanha de fundos que a organização tem em curso para as obras da nova sede distrital do PCP. Também aqui poderão ser entregues contribuições para a campanha de solidariedade com Cuba, promovida pela Associação de Amizade.

Entre os muitos produtos à venda, destacamos os vinhos de Mesão Frio, Murça, Alijó, Chaves e o moscatel de Favaio. O visitante pode ainda experimentar o vinho tratado do Douro não em cálice mas em cavacas, uma doçaria tradicional em forma de tigela que vai às mil maravilhas com um «Porto». Na ementa, o realce vai para a caça miúda - coelho, lebre e perdiz - e grossa - o javali - ingredientes da boa gastronomia transmontana.



Mais próximo do palco 25 de Abril está este ano o espaço de Viseu, localização que é aproveitada para a instalação de duas feiras de produtos regionais. Uma dedicada ao artesanato, outra de vinhos regionais onde estão representadas todas as regiões tradicionais do distrito: Dão, Lafões, Vale de Távora. A dificuldade vai ser escolher. Na restauração, o



visitante reencontra o Escondidinho das Beiras, com uma lista recheada de coisas boas para comer e beber.

Emigração

O reencontro

E de novo o pavilhão da Emigração acolhe as velhas amizades que de ano para ano se cimentam neste espaço acolhedor onde também se travam novos conhecimentos. Funciona aqui um serviço de bar onde se servem bebidas e petiscos vários, desde as tradicionais farturas à sangria e salchichas alemãs grelhadas.

No Sai Sempre, um pouco de sorte basta, já que há uma grande variedade de prémios sempre a sair. O espaço completa-se com uma exposição de textos e fotos que relata a actividade das organizações do Partido na emigração assim como apresenta as posições e iniciativas do PCP em defesa dos emigrantes.



Deficientes

Vencer os obstáculos

Organizados e conscientes dos seus direitos, determinados a vencer os inúmeros obstáculos do dia-a-dia, na vida, no trabalho, no desporto, na cultura, na arte, nas lutas políticas, no movimento associativo - é este exemplo de coragem que o pavilhão dos Deficientes transmite aos visitantes, deficientes ou não, sim, porque a Festa do *Avante!* é para todos.

Reformados

A luta não acaba

São uma importante camada da população portuguesa que, depois de uma intensa vida de trabalho, de lutas e labutas por uma vida melhor, quantas vezes se vê esquecida pelos poderes instituídos. Na Festa há um espaço onde estão representadas as suas justas reivindicações e as lutas

que travam na actualidade pelos direitos adquiridos e agora ameaçados, bem como por melhores reformas e pensões, melhor saúde e assistência média. É o espaço dos reformados, onde o ambiente é calmo, mas alegre e acolhedor, e convida a um momento de repouso à sombra.



Espaço Criança

A brincar se faz a Festa

Presença obrigatória na festa do *Avante!*, o Espaço Criança - criado e animado pela Associação Pioneiros de Portugal - é o lugar das brincadeiras dos mais novos. Há *ateliers* de pintura, de máscaras e de desenho, há os mais variados jogos e mesmo uma gincana. Ali ao lado existe um parque infantil onde cada um pode fazer o que quiser e para recuperar energias e refrescar os incansáveis corpinhos desta malta, há sumos e gelados. O encontro está marcado, não falem!

Corrida da Festa

Inscrições só até amanhã

Já com mais de 800 atletas e 80 equipas inscritos, a Corrida da Festa promete repetir o êxito das edições anteriores.

Com inscrição gratuita, a Corrida é aberta a participantes de ambos os sexos, representantes de clubes federados ou não, ou a atletas individuais.

São admitidos atletas masculinos dos escalões juniores (1979/80), seniores (1978 e anos anteriores), veteranos I (40 a 44 anos), veteranos II (45 a 49 anos), veteranos III (50 a 54 anos), veteranos IV (55 a 59 anos) e veteranos V (60 anos em diante); e femininos juniores (1979/80), seniores (1979 e anos anteriores) e veteranas (35 anos em diante).

Até amanhã, dia 28 de Agosto, ainda podem ser feitas inscrições para a Corrida da Festa do Avante!, Av. António Serpa, n.º 26, 3.º dt.º - 1050 Lisboa (horário de funcionamento: das 9.30 às 13 horas e das 14 horas às 18.30 horas. Telefone: 7969141 ou Fax 7969139).

A partida será dada no domingo, dia 6 de Setembro, junto às bombas da Cipol na Medideira, mantendo-se o percurso de 14 quilómetros já conhecido das centenas de atletas que participam todos os anos nesta prova. A entrega do dorsal efectua-se no dia da corrida, a partir das 8 horas junto ao campo do Amora. Os atletas deverão ser portadores do bilhete de identidade ou cédula pessoal, sem o que serão desclassificados no caso de a organização lhes exigir prova de identidade.

Durante a percurso existem locais de abastecimento ao quinto e décimo quilómetro.

Para os vencedores absolutos femininos e masculinos, a organização oferece uma viagem à Madeira durante quatro dias com pequeno-almoço, (a gozar durante o mês de Outubro), as 15 primeiras equipas recebem taças ou troféus, sendo que para a classificação colectiva contam os cinco melhores atletas). Taças ou troféus são ainda atribuídos aos atletas que se classificarem do 1.º ao 4.º lugar de cada escalão. Até ao 1100.º classificado são oferecidas camisolas enquanto todos os atletas que terminarem a prova têm acesso gratuito ao recinto da Festa.

Eles apoiam e dizem porquê

Prova popular com méritos firmados nos meios desportivos nacionais, a Corrida continua a receber apoios de individualidades ligadas ao atletismo.



Prova de Solidariedade

«A Corrida da Festa do Avante!, ao longo dos anos em que se tem realizado, atingiu plenamente os objectivos dos seus promotores: integrar na mais importante reunião cultural popular de Portugal um importante evento desportivo popular.

E que outro evento poderia ser se não uma corrida de estrada, onde centenas de cidadãos se juntam num alegre convívio desportivo em que a superação de cada um ultrapassa a vontade de superação dos outros?

É, por isso, que a Corrida da Festa do Avante! é um marco no calendário nacional. Porque é uma prova verdadeiramente aberta, bem organizada, com um carinho especial por quem nela participa, e que por si faz uma festa imensa na grande festa em que se integra. A amizade, a alegria e o convívio dos participantes são um bem que não é possível quantificar. Só quem ali nunca esteve pode não ainda perceber o que significa a palavra solidariedade.»

António Manuel Fernandes
Director da Revista Atletismo



A festa da Corrida...

«Mais uma vez vai realizar-se a Corrida da Festa do Avante!, a décima primeira, manifestação desportiva que já faz parte do calendário de muitos cidadãos que gostam da corrida a pé.

São destas organizações que por vezes aparecem novos valores para a modalidade. Que estas corrida seja sempre de convívio e amizade.»

Bernardino Pereira

...é na Festa do Avante!

«Chegou Setembro e aí temos a Corrida da Festa do Avante!, manifestação de convívio e alegria entre os participantes, sejam de competição ou simples corredores de fim-de-semana. Bem haja à organização por mais esta iniciativa.»

Albertina Dias

24 horas de futebol

Decorreu no passado fim-de-semana, sábado e domingo, o Convívio de Futebol de Salão, promovido pela Comissão Concelhia do Seixal do PCP, no âmbito da promoção da Festa do Avante!.

A iniciativa contou com a participação de 280 atletas, dos 9 aos 64 anos, representando 19 clubes, num total de 52 equipas. Participaram também 44 treinadores e dirigentes, bem como um trio de arbitragem.

Ao todo foram 26 horas a jogar futebol, numa jornada com bons momentos competitivos e de saudável convívio, que só foi possível graças à colaboração de todos os participantes, e em

particular dos seguintes clubes e entidades: CCD das Paivas; CC Azinhaga das Paivas; Cruz Vermelha Portuguesa (núcleo do Seixal); Centro de Enfermagem Gilenamar; Seixal Futebol Clube; Portugal Cultura e Recreio; Grupo «Os Tesos»; C Vale de Chicarras; Grupo Bairro Pé Leve; CD Marco Severino; C. Quinta da Princesa; CC Bairro 25 de Abril, CC Pinhal do Vidal, Serviços Sociais das Autarquias do Concelho do Seixal; Estrela Amorense; Grupo Os Seixalenses; Grupo Bairro Novo Team; CC Bairro Alentejano e CG Manobrense.

Os jogos contaram ainda com uma numerosa assistência estimada pela organização em mais de 1300 pessoas.

Chinquilho em fase de apuramento

A primeira eliminatória do Torneio Distrital de Setúbal de Chinquilho da Festa do Avante! teve lugar no passado domingo, na Gâmbia (Setúbal), onde a equipa local foi uma vez mais a anfitriã desta iniciativa, promovida anualmente pela Comissão Concelhia de Setúbal do Partido.

Arrancando com 13 equipas e um total de 104 jogadores, a eliminatória que contou com dezenas de espectadores, apurou

para a final distrital (que terá lugar no próximo domingo, dia 30, a partir das 15 horas no mesmo local), as seguintes equipas: Os Amigos do Chinquilho, Anunciada e Cooperativa das Pontes (Setúbal), Algeroz B (Palmela), Aldeia do Meco e Caixas (Sesimbra) e Coína (Barreiro).

No terreno vão estar 64 jogadores, dos quais os vencedores passarão às finalíssimas que têm lugar na Festa do Avante!.

Corrida da Festa saúda êxitos nos campeonatos europeus

A Comissão da 11.ª Corrida Festa do Avante! enviou ao presidente da Federação Nacional de Atletismo, Fernando Mota, uma mensagem de saudações pelos êxitos obtidos pelos atletas portugueses nos 17.ºs Campeonatos Europeus de Atletismo recentemente realizados em Budapeste, na Hungria.

O texto refere a obtenção de seis medalhas, designadamente por Manuela Machado, que revalidou o título europeu da maratona, por António Pinto que ganhou os 10 mil metros, por Fernanda Ribeiro que chegou à prata na mesma distância, Carla Sacramento que se classificou em segundo nos 1500 metros, por Rui Silva, com igual resultado, e por Susana Feitor que conquistou o bronze nos 10 quilómetros marcha. A Comissão salienta ainda a medalha de bronze obtida pela equipa masculina de maratonistas portugueses.

Telectu estreiam na Festa guitarra inédita

Telectu, duo de Vítor Rua e Jorge Lima Barreto, todos os anos tem trazido inovações estilísticas, minimalismo, art rock, experimentalismo electroacústico, jazz mimético, fazendo-se acompanhar nos seus espectáculos por músicos relevantes portugueses e estrangeiros.



A nova guitarra de Vítor Rua pode soar como um baixo

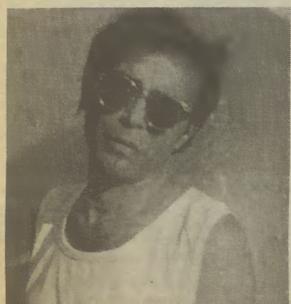
Para este ano, tal como já foi noticiado, o grupo convidou o trompetista francês **Jac Berrocal**, com o qual deu inúmeros concertos e editou três CDs, e o baterista **Eddie Prévest**, com o qual vai iniciar uma série de concertos internacionais e gravar um disco ainda este ano.



Jorge Lima Barreto



Eddie Prévest



Jac Berrocal

Com mais de uma centena de discos editados, Prévest é um destacado personagem da nova música improvisada e um dos maiores nomes da bateria contemporânea. Co-fundador em 1971 do lendário grupo de música experimental AMM, onde pontificou o célebre compositor e político Cornelius Cardew, Prévest escreveu *No sound is innocent* (nenhum som é inocente), uma obra hoje traduzida em várias línguas, onde propugna a ideia da responsabilidade social do músico.

O trompetista Jac Berrocal é um dos expoentes da nova música francesa. Senhor de um extremo virtuosismo, ao vivo, alia o discurso de trompete a uma actuação teatral musical. Com Telectu gravou o disco *À Lagardère* (1993) e o CD *Telectu/Cutler/Berrocal*.

O espectáculo deste ano ficará ainda marcado pela estreia da nova guitarra de Vítor Rua, construída pelo luthier Gil de Oliveira. A *Gil VIII* é um instrumento construído de uma só peça de madeira (mogno) e constituído de dois pickups da marca EMG, dois botões de volume e dois botões reguladores dos graves e agudos. Única no mundo, esta guitarra tem a particularidade de estender a tessitura ao mi grave do baixo eléctrico. Assim, a afinação normal é acrescida de um si e de um fá #.

Com esta duplicidade (guitarra e baixo), este instrumento é um verdadeiro dois em um, oferecendo ao músico novas possibilidades tímbricas e novas técnicas e métodos de abordar a guitarra.

Santos & Pecadores Energia e emoção

Formaram-se em 1987 numa garagem de Cascais, mas a actual formação só ficou completa em 1992, com Olavo Bilac (voz), Pascoal Simões (teclas), Ruy Martin (metais), Pedro Cunha (bateria), Artur Santos (baixo) e Pedro Almeida (guitarra) - os protagonistas de uma música que tem por base o rock, o soul e o funky, valorizada pela voz e pela forma de cantar do seu vocalista.

O primeiro álbum do grupo, *Onde Estás?*, é editado em 1995 e depressa se transformou num sucesso discográfico e num dos espectáculos que mais rodou nos palcos nacionais.

Em Novembro de 1996, os Santos & Pecadores regressaram com o seu segundo disco de originais intitulado *Love*, que revela um som amadurecido pelos muitos quilómetros de estrada percorridos e os muitos concertos que deram nos últimos dois anos.

Confirmando a imensa popularidade de que gozam, Santos & Pecadores receberam, em Abril de 1997, o duplo galardão de Disco de Ouro para ambos os CD's editados. Em finais

do ano passado, surgiu finalmente o álbum *Tu*, gravado ao vivo no *Paradise Garage* ao longo de três concertos consecutivos. O álbum inclui o tema original *Tu és Assim*, bem como versões de todos os grandes êxitos da banda, que contou com as participações de Kika Santos ex-Blackout, Paulo Gonzo e Marta Dias. Esta última estará entre os convidados que os Santos & Pecadores levam à Festa.

Na sua carreira, os Santos & Pecadores participaram no álbum de homenagem a António Variações com o tema *Perdi a Memória*; contribuíram com *Onde Estás e Nada Mudou* para o disco *Primeira História de Amor*, uma colectânea editada no âmbito da campanha *Todos Diferentes, Todos Iguais*; e viram o tema *Não Voltarei a Ser Fiel* incluído na colectânea EMI n.º 1 no Natal de 1995.

Para a reedição do álbum *Onde Estás?*, em Março de 1996, a banda fez duas novas versões do tema *Superstar* (eléctrica e acústica), produzidas por Mário Barreiros.



The Wingers O som irlandês

São irlandeses, mas vivem em Portugal há já alguns anos onde formaram os The Wingers, em 1996, num bar irlandês de Lisboa. Desde então o grupo fez inúmeras digressões em Portugal, Espanha e Irlanda, partilhando a sua música com mais de 50 mil pessoas. É grande a expectativa em torno do seu primeiro trabalho discográfico, que a

banda irá promover nos EUA e na Escandinávia já no Outono próximo. A formação inclui **Mark Crickard** (violino e tin whistle); **Conor Gillen** (voz, spoons-percussion); **Zack Smyth** (flauta de madeira, tin whistle, bodhnaim) e **Joe Connolly** (guitarra, voz, tin whistle).



Koma Ahmed A música curda

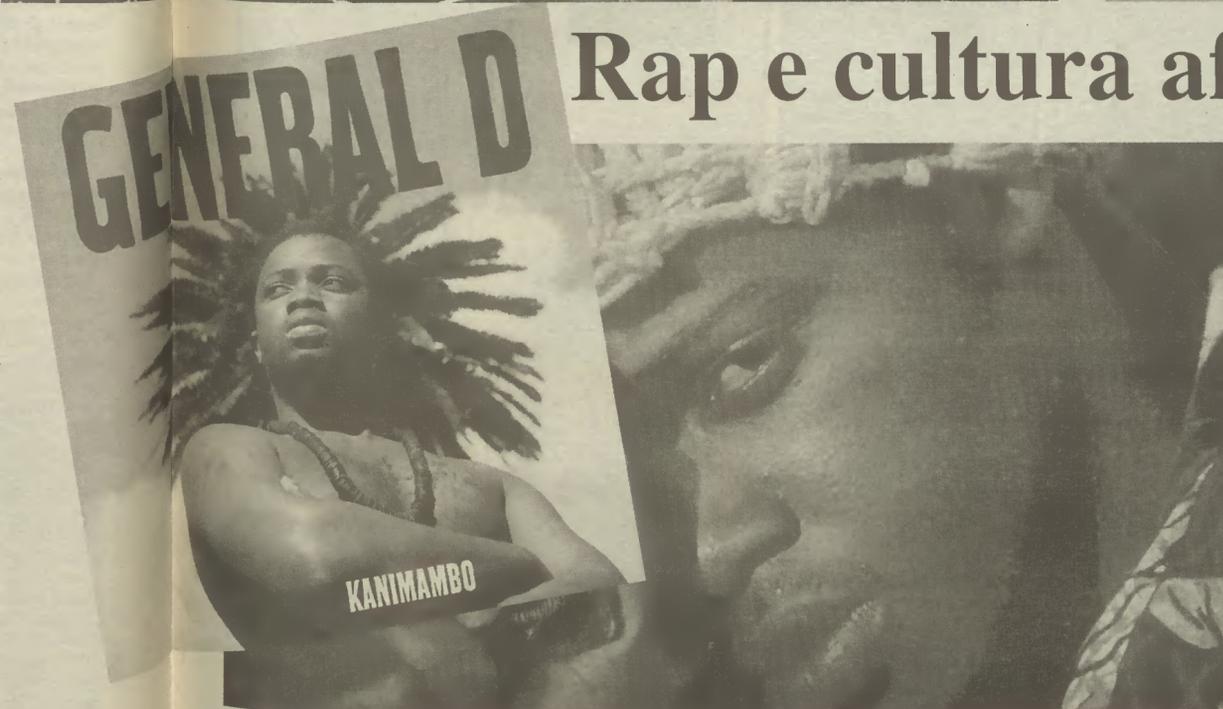
Em 1998, um grupo de estudantes universitários patriotas curdos formou o *Koma Ahmed* para preservar a música do povo curdo do colonialismo turco.

Perseguidos desde o início da sua actividade, a primeira cassette, intitulada *Kulika Azadi*, (1990) foi distribuída ilegalmente e o seu solista, Melek, tomba mártir da guerrilha a cujas fileiras entretanto tinha aderido. Em 1993, o grupo começa a trabalhar no Centro Cultural da Mesopotâmia, em Istambul, e dois anos depois grava a sua segunda cassette *Agir à Mirov* que é de imediato proibida e confiscada.

Depois de *Dergus*, a terceira cassette editada em 1997, o grupo conta gravar um novo trabalho este ano. Actualmente, a maioria dos seus membros estão exilados, prosseguindo as suas actividades em diversos países europeus e nos Balcãs.

Divulgar a música popular curda e a luta do povo pela reconquista dos seus direitos é o objectivo do *Koma Ahmed*, que estará representado na Festa por seis dos seus membros.

Rap e cultura africana



É um dos principais nomes do Rap português. General D tem 26 anos, e regressou este ano com um novo trabalho de estúdio, intitulado *Kanimambo*, o segundo álbum da sua carreira.

Depois de um primeiro single, editado em 1994, seguiu-se em 1995, o álbum *Pé na Tchon, Karapinha na Céu*, ou por outras palavras, *pés bem assentes na terra e capacidade de sonhar*. Atento aos problemas ligados à droga, racismo, prostituição e sida, que os seus discos tão bem refletem, este último trabalho de General D mostra que é possível e necessário sonhar.

Já com o seu disco de estreia editado em França, o General D surge agora com um som de fusão de várias estéticas sonoras que vão da mistura de rap com a música africana, à inclusão de guitarra portuguesa num dos temas. Aliás, segundo o próprio, o espírito de *Kanimambo* (que significa obrigado em ronga, uma das línguas de Moçambique) reside na «capacidade de

funcionarmos todos juntos - independentemente de termos diferentes crenças, religiões, culturas. Desde que respeitemos a liberdade individual de cada um, podemos aprender muito nessa convivência». Ao todo são 14 temas num álbum em que participam 50 convidados e que, segundo General D, foi «a conclusão de um ciclo. Todas as experiências de misturar rap com a cultura africana foi para chegar a este disco». E é este trabalho que vai servir de base ao espectáculo na Festa do *Avante!*.

Danças Chinesas Formas orientais

Um grupo de danças chinesas da província de Guizhou vai estar este ano na Festa onde actuará nomeadamente no Auditório 1.º de Maio.

Do espectáculo constam 14 danças tradicionais, de grande beleza coreográfica e carregadas de simbolismo. É o caso do «Dançar de pedir fita colorida», um adorno concedido pela rapariga ao jovem que ama; ou da dança do faisão dourado, em que os dançarinos imitam os movimentos da ave, que representa os encantos orientais.

Outras danças utilizam instrumentos musicais como a folha vegetal e o *lusheng*, este último feito de bambú e madeira; ou evocam velhas tradições como a «tourada» com búfalo, a luta de galos e a luta de pássaros.

O público será ainda convidado a participar na dança do tambor, muito popular entre a etnia Miao, que habita as costas de rios e lagos da província Guizhou da China.



FESTA DO LIVRO



150 anos do Manifesto do Partido Comunista

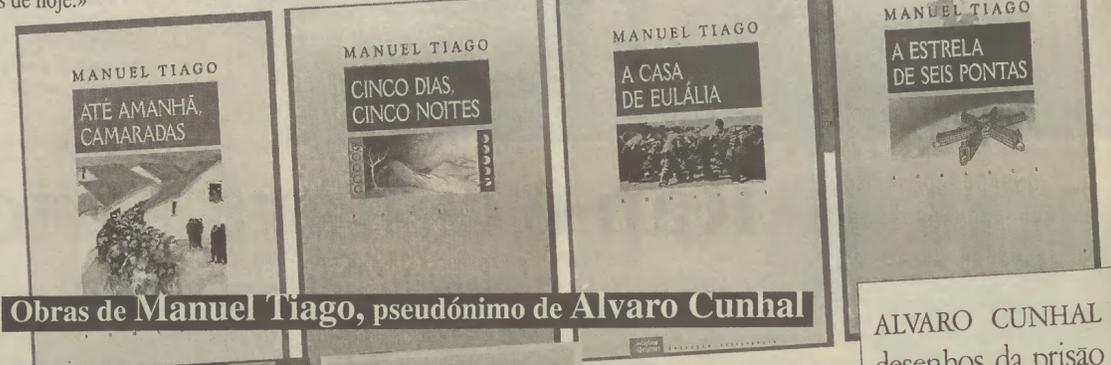
«Comemorar 150 anos do Manifesto Comunista de Marx e Engels é falar de um documento que [...] lançou e promoveu uma luta revolucionária de alcance universal: a luta dos comunistas, que marcou e determinou as principais realizações e conquistas de transformação social desde então até aos dias de hoje.»

Álvaro Cunhal



Os mais vendidos na Festa do Avante! 1997

A Casa de Eulália, Manuel Tiago
Eles têm o Direito de Saber, Jaime Serra
Cinco Dias, Cinco Noites, Manuel Tiago
Não à Moeda Única, Sérgio Ribeiro
Obra Poética, Ary dos Santos



Obras de Manuel Tiago, pseudónimo de Álvaro Cunhal



ALVARO CUNHAL
desenhos da prisão
De novo à venda

NOVIDADE

SALDOS de FINS de EDIÇÃO
desconto mínimo de 50%

Bons livros a preços excepcionais!
350\$00 • 500\$00 • 800\$00 • 1000\$00 • 1500\$00 • 2000\$00

FESTA DO LIVRO

A palavra aos autores portugueses

Mais de 2000 títulos de três dezenas de editoras

NOVIDADES NA FESTA!



A melhor literatura de todo o mundo

NOVIDADES NA FESTA

Livros para ler e oferecer

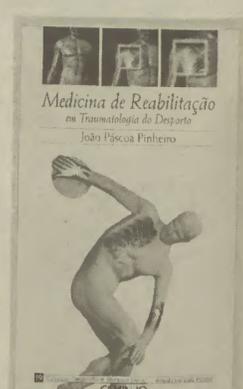
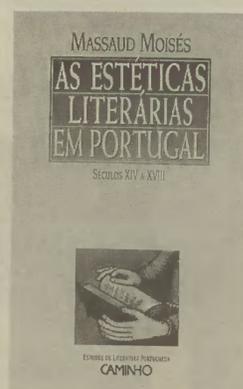
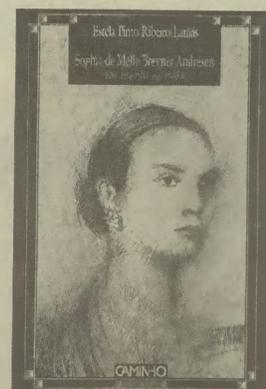
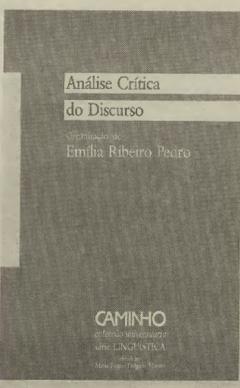
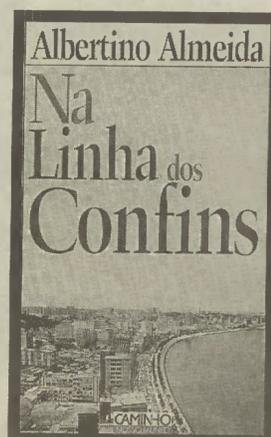
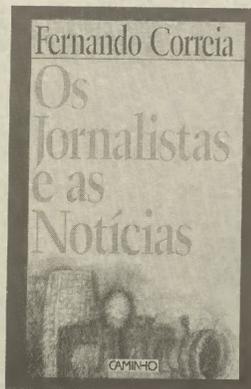
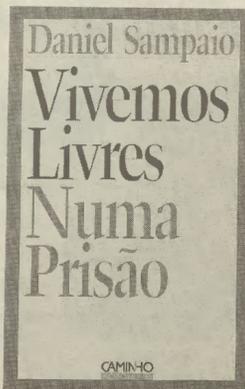


Mais de 2000 títulos de três dezenas de editoras

FESTA DO LIVRO

Ensaio

NO VI DA DES NA FESTA!



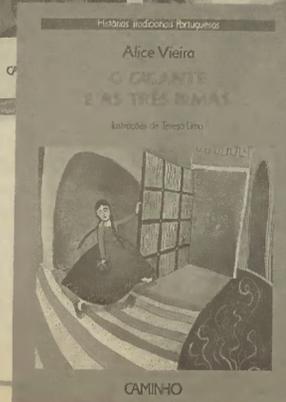
Mais de 2000 títulos de três dezenas de editoras

FESTA DO LIVRO

Para os mais novos... os mais belos livros



BIBLIOTECA INFANTIL OTECA INFANTIL



Os mais vendidos na Festa do Avante! 1997

- Uma Aventura na Casa Assombrada - Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada
- Contos do Nascer da Terra - Mia Couto
- Ensaio sobre a Cegueira - José Saramago
- Terra - Sebastião Salgado
- Um Deus Passeando pela Brisa da Tarde - Mário de Carvalho
- A Guerra nos Balcãs - John Reed
- A Arte, o Artista e a Sociedade - Álvaro Cunhal
- A Mãe - Máximo Gorki
- A Cinza do Tempo - Daniel Sampaio
- Legendas e Esperanças I - Dias Lourenço

Bons livros a preços excepcionais! 350\$00 • 500\$00 • 800\$00 • 1000\$00 • 1500\$00 • 2000\$00

SALDOS de FINS de EDIÇÃO desconto mínimo de 50%

Abertura e Comício

A festa vermelha

A Festa abre as suas portas aos visitantes ao fim da tarde de sexta-feira, dia 4 de Setembro, prolongando-se até à noite de domingo.

No momento da abertura, pelas 19 horas, Carlos Carvalhas, secretário-geral do PCP, intervém na Praça da Paz, onde tradicionalmente se juntam centenas de militantes e simpatizantes comunistas, num ambiente que vai ser animado pela Banda da Sociedade Filarmónica União Artística Piedense.

No domingo, por volta das 18 horas, a Festa tem o seu momento político alto com um grandioso comício, que marca o início do ano político dos comunistas, no qual se perfilam vários combates políticos, a começar pela campanha pelo Sim à Regionalização.

Da tribuna, para além de Carlos Carvalhas, intervêm José Casanova, membro da Comissão Política do PCP e director do Jornal «Avante!», e Ângelo Alves, membro da Comissão Política da JCP.

Anunciando o Comício, estão previstos vários desfiles para o Palco 25 de Abril, que partem do palco da DORS, do Espaço de Lisboa, do Palco Arraial, do cimo da encosta da Medideira e do Espaço da Juventude. Para além das bandeiras vermelhas, as organizações e sectores profissionais vão levar para o Comício os panos com as palavras de ordem, dando maior visibilidade às lutas que travam no momento.

Entretanto, dos céus descem sobre o terreno os pára-quedaistas da Associação de Loures, que proporcionam um espectáculo único de coragem e destreza. Pelas avenidas e espaços exteriores da Atalaia deambulam os Caretos de Podence e o grupo Animatilha, este último constituído por cinco elementos que utilizam andás, laser e bolas de sabão prometendo surpreender os visitantes.

De Lisboa vem um grupo de animação circense e do Minho, o Grupo de Bombos de Anha e haverá mais música a desfilar com a Banda Filarmónica da Casa do Povo da Marmeleira.

E tocá rufar

Antes do Comício, o Palco 25 de Abril será literalmente invadido pelas percussões dos Tocá Rufar. Serão cerca de duzentos jovens alunos de várias escolas de Lisboa, Loures e Seixal que participam num projecto dirigido por Rui Júnior e os elementos do grupo o Ó Que Som Tem.

O espectáculo partiu de uma encomenda da Expo'98 e foi concretizado com o apoio das câmaras já citadas, que disponibilizaram instalações nas escolas secundárias para as oficinas de percussão.

Durante dois anos, os monitores trabalharam com mais de mil alunos, dos quais se destacaram 270 que actuaram no passado dia 21 de Julho na Expo'98, numa exibição saudada unanimemente pelo público e crítica.

Com estatuto de «projecto de interesse cultural» atribuído pelo Ministério da Cultura, o Tocá Rufar já representou Lisboa nas Cidades Educadoras em Barcelona e teve mais de 20 actuações, onde ressalta o repertório tradicional português.

Na Festa vão estar cerca de 200 jovens instrumentistas que farão vibrar bombos, caixas e timbalões num espectáculo muito especial de cor, movimento e sons muito fortes. A não perder, antes do Comício.



■ Manuel Rodrigues

Os baldios em questão ⁽¹⁾

Desenvolvimento integrado ou novos ataques à propriedade comunitária?

Na sua edição de 13 de Agosto, o "Avante!" publicou um artigo intitulado "Baldios um espaço para o desenvolvimento integrado", da autoria do camarada Vasco Paiva. Considerada a actualidade da problemática abordada - os baldios - e as numerosas questões que tal artigo levanta, parece-me oportuno contribuir com esta reflexão para o aprofundamento desta discussão.

Alguns pontos nos is: um pouco de história. Como é sabido, o Governo encontrou uma nova modalidade de gestão para as matas públicas e comunitárias, criando uma Empresa Pública Florestal (EPF), denominada ENGEF. Nunca o Governo ouviu o movimento associativo dos baldios (Assembleias de Compartes, Conselhos Directivos ou Secretariados Distritais de Baldios) sobre esta profunda alteração nas suas políticas para a área florestal. Foi pelos jornais que tomámos conhecimento desta mudança de rumo (por exemplo o "Público" de 7 de Outubro de 1996, em título de 1.ª página, noticiava: "Empresa pública vai gerir 25% de área florestal portuguesa - Estado quer pôr florestas a dar lucro").

Quando a Direcção-Geral das Florestas convocou os Secretariados Distritais de Baldios para reuniões, já foi para dar a conhecer um projecto em andamento e ouvir a sua opinião sobre o mesmo.

O movimento unitário dos baldios expressou, então, as suas grandes reservas e objecções ao projecto e na segunda das reuniões (fundamentalmente, realizaram-se só duas reuniões até Julho '98), em Julho de 1997, apresentou três condições para participar no processo, uma das quais era a nomeação pelo ministro da Agricultura, de um representante do movimento associativo dos baldios para o (futuro) Conselho de Administração da Empresa, tendo ficado agendada uma nova reunião para Setembro/Octubre de 1997.

Entretanto, decorreu um ano sem que a Direcção-Geral das Florestas tenha convocado qualquer nova reunião e não foi dada resposta positiva às questões postas pelos Secretariados Distritais de Baldios. Entretanto, este projecto continuou a desenvolver-se, no segredo dos gabinetes ministeriais.

Legítimas intervenções

Nestas circunstâncias, o movimento unitário dos baldios avançou na realização de algumas importantes iniciativas de reflexão e organização, tendo presente o novo quadro em que se vê obrigado a desenvolver a sua actividade:

- A 27 de Junho '98, um encontro de baldios, no Gerês, sobre o tema "Baldios, passado... e que futuro?", onde esta empresa foi apresentada por um membro da sua Comissão Instaladora e teve como eco, num grande número dos participantes no Encontro, um ambiente de grande cepticismo e crítica onde se levantaram muitas objecções, dúvidas e desconfianças para as quais não foram dadas sequer respostas susceptíveis de criar um clima de tranquilidade;

- No dia 5 de Julho '98, em Viseu, num encontro distrital de baldios, sobre o tema "A gestão democrática dos baldios no distrito de Viseu: da obra realizada aos novos desafios", que juntou mais de 350 compartes, foi discutida e aprovada (por unanimidade e com aclamação) uma resolução que, fazendo história sobre a administração dos baldios, desde 1976, manifesta as mesmas dúvidas, objecções e desconfianças relativamente a esta Empresa Pública Florestal (denominada ENGEF), apresentando nove reclamações ao Governo sobre este processo e fazendo uma advertência solene no seu final, de que o "Avante!" de 30.7.98 deu notícia.

Naturalmente, não será a estas legítimas e avisadas tomadas de posição dos povos ou a igualmente legítimas e pertinentes intervenções e reflexões feitas nestes encontros de baldios, que se pretende rotular de "demagogias e populismos fáceis, crítica pela crítica, ou esquerdismo verbalista".

De facto, a questão fundamental que, responsabilmente, se pode pôr é a de sabermos se há ou não há razões para as "legítimas preocupa-

ções" dos povos (e, legitimamente, dos comunistas que intervêm nas lutas com esses povos e, mais legitimamente ainda, do nosso Partido que granjeou uma invejável autoridade moral no apoio activo a essa luta) sobre os verdadeiros objectivos desta empresa. Vejamos.

Como surge a EPF?

O que é e como surge esta "Empresa Pública Florestal (EPF)"? Tomemos por referência dois documentos: o estudo de viabilidade económica (desta Empresa) e o tão insistentemente referido (e até citado no artigo em causa) documento da DGF enviado às Assembleias de Compartes (e não aos Conselhos Directivos de Baldios, como ali é dito).

O estudo de viabilidade económica encara a actividade da EPF essencialmente vocacionada para o sector florestal e - embora fale da necessidade de integrar "os valores que lhe estão subjacentes e os interesses que lhe estão associados" num "modelo de desenvolvimento sustentável" - não deixa de insistir que a "EPF encare sempre, de forma integrada, o sector da produção florestal e o sector da transformação, uma vez que a indústria irá constituir o destinatário principal da actividade da empresa". E se dúvidas ainda restassem sobre o grande objectivo desta empresa, elas dissipam-se, rapidamente, à medida que vamos lendo este texto. Por exemplo, este pequeno excerto: "... a área florestal portuguesa, apesar do ligeiro crescimento verificado, tem vindo a revelar uma dificuldade crescente em satisfazer as necessidades das indústrias nacionais, uma vez que o volume de existências registou alguma redução."

Levanta-se, então, aqui uma primeira questão:

Sendo certo que os povos dos baldios, mais do que ninguém, têm reclamado apoios para a florestação e reflorestação de muitas

áreas de baldios (na perspectiva de uma floresta de uso múltiplo), não podem deixar de se inquietar, quando se avança a constituição de uma empresa (sem sequer os consultar, a eles que são directos interessados na matéria), que aponta como objectivo central para a sua actividade, "o desenvolvimento do sector florestal, tendo em vista satisfazer as necessidades da indústria".

Alguns perigos

Daqui decorrem, desde logo, alguns perigos - é uma questão de lógica económica e, obviamente, também política (não é evidente uma crescente subordinação do poder político ao poder económico?), que nenhum documento da DGF enviado às Assembleias de Compartes pode contrariar ou inverter (mesmo que quiséssemos descortinar nele carradas de boa-fé) - a saber:

1. Claramente subjacente a este texto, uma concepção de floresta industrial para os baldios;

2. O real perigo do desenvolvimento de um fenómeno de controlo desta empresa (que, pelo menos para já, se diz pública) por parte das indústrias a jusante da sua actividade central que possam, efectivamente, vir a subordinar todo o seu trabalho a pressões e critérios meramente economicistas;

3. Depois, também não deixa de ser verdade que - segundo esta mesma perspectiva - se poderá cair na "tentação" fácil de atropelar os povos dos baldios, impondo-lhes (há muitas formas de o fazer, mesmo quando se jura que serão assinados contratos e que os compartes terão de aprovar os planos de gestão) uma florestação que não tenha em conta os relevantes factores sociais, económicos, culturais e ambientais dos baldios, associados sempre à especificidade de uma agricultura familiar e de montanha de que são o umbilical complemento.

-Não deixa, por exemplo, de ser um mau sintoma a grande chamada de atenção que se faz para a grande área de incultos e para necessidade de florestar esses incultos nos baldios. Saberá a ENGEF (e o seu umbilical complemento: as indústrias ligadas ao sector florestal) que uma grande parte dos incultos nos baldios cumpre importantes funções socioeconómicas, culturais e ambientais?

É bom não esquecermos que o argumento do combate aos incultos e "pastos comuns" ("um dos mais graves embaraços ao progresso da agricultura entre nós", no dizer de Alexandre Herculano) foi o grande argumento do Liberalismo, no século XIX e, do fascismo, já neste século, para desferir dois dos mais duros golpes históricos contra a propriedade comunitária em Portugal e o direito dos povos à sua posse, uso e fruição;

4. Por outro lado, os recursos dos baldios não se resumem, apenas, à produção florestal. A pastorícia, a apicultura, a piscicultura, o desporto e o lazer, o turismo de montanha, a cinegética, as águas, as lenhas e os matos, as rochas e massas minerais e muitos outros recursos e potencialidades, sem esquecer o tal (e vital) complemento do baldio à agricultura, têm que ser devidamente explorados e desenvolvidos.

Depois, também não se percebe por que artes mágicas cria o Governo uma empresa (mesmo que dita pública), sujeita à pressão e eventual controlo (directo ou indirecto) por parte de fortíssimos interesses económicos, para vir a cuidar do dito "desenvolvimento integrado" destas populações.

É que este é o mesmo Governo que aprova e pratica, em Bruxelas e em Portugal, toda uma desgraçada e desgraçadora série de políticas agro-florestais que está a ferir "de morte" a Agricultura Familiar Portuguesa, a floresta de uso múltiplo e o Mundo Rural Português.

Integrado com quê, se não o é?, como esta reforma da PAC deixa claro, com a actividade económica essencial dos compartes dos baldios: a sua agricultura.

(Conclui no próximo número)





Comunismo Um "fantasma" que continua a assustar



■ Miguel Urbano Rodrigues

Recentemente convidado pela Universidade de São Paulo a intervir num seminário sobre os 150 anos do Manifesto Comunista, o nosso camarada e colaborador Miguel Urbano Rodrigues proferiu ali um discurso que hoje publicamos.

"Anda um fantasma pela Europa", o fantasma do comunismo. Todos os poderes da velha Europa se aliaram para uma caçada a esse fantasma.

Transcorridos 150 anos, as palavras de abertura do Manifesto Comunista conservam actualidade num contexto histórico muito diferente.

Sob certos aspectos, o mundo tornou-se mais cruel do que era então, mas a revolução, sendo uma necessidade, parece, agora, mais distante. Entretanto, o fantasma, o comunismo, mesmo após a desintegração da URSS e a reimplantação ali do capitalismo — esse fantasma continua a assustar os responsáveis pelo desgoverno do mundo.

Temos a prova desse medo no facto, paradoxal, de um pouco por todo o mundo os grandes media, controlados pelo capital, terem também comemorado os 150 anos do Manifesto com suplementos especiais e páginas inteiras. Na maior parte dos casos não se tratou de homenagens sinceras. O objectivo era perverso: forjar um imaginário abismo entre Marx e os marxistas do fim do século XX, ou seja, contrapor o Manifesto às lutas actuais pela colimação dos seus ideais revolucionários, opor Marx aos seus continuadores, de Lénine a Fidel, a quantos se mantêm fiéis ao projecto comunista.

As causas dos grandes movimentos revolucionários do século XIX não desapareceram, o que por si só confere actualidade aos ideais comunistas proclamados no Manifesto.

Não é correcto afirmar que o capitalismo não evoluiu de acordo com as previsões do Manifesto. Este não pretendia ser um exercício de futurologia. O Manifesto limitou-se a prever que o capitalismo seguiria a sua marcha trituradora até desaparecer. Mas não estabeleceu calendário, não fixou datas.

Marx e Engels foram incumbidos, em 1847, pela Liga dos Comunistas — uma associação secreta alemã que, depois, se tornou internacional —, de redigir um programa simultaneamente teórico e prático — um guia para a acção revolucionária na Europa. E cumpriram a tarefa.

A própria palavra Manifesto foi tema de debate. Cabe recordar que o texto foi impresso na Inglaterra pouco antes da revolução de Fevereiro de 1848, em França, prólogo de rupturas que iriam estender-se a quase toda a Europa.

Obviamente, o Manifesto Comunista não poderia dar resposta a situações que se produzi-ram no desenvolvimento da história. Os analistas burgueses do Manifesto, que hoje pretendem atribuir-lhe objectivos que ele jamais teve, demonstra que nada entendem de marxismo.

O Manifesto Comunista expôs uma lúcida visão da história e trouxe a milhões de revolucionários ensinamentos muito valiosos. Mas Marx e Engels não podiam evidentemente prever que, após a Revolução Russa de Outubro de 1917, o capitalismo, para sobreviver à grande crise de 1929/30, iria reformar-se contra a sua própria lógica aparente.

Foi essa a primeira metamorfose do sistema, inspirada nas teses de Lord Keynes. Os mecanismos de exploração mantiveram-se. Mas nos EUA, na Inglaterra, na França, o liberalismo tradicional do laissez faire laissez passer foi arquivado como obsoleto e o Estado capitalista passou a intervir maciçamente na economia. Assumiu o papel que antes lhe era negado como fonte criadora de emprego, de riqueza, como árbitro activo.

Nos anos dourados do capitalismo — como lhes chama Eric Hobsbawm — as décadas de 50 e

60, as lutas sociais no mundo industrializado atenuaram-se com as grandes conquistas realizadas pelos trabalhadores. Na Europa e nos EUA, o acesso ao automóvel, à casa própria, aos electrodomésticos, à estabilidade do emprego, o 13º e o 14º salários, aos benefícios da Previdência (escassos nos EUA) criaram a ilusão de que o capitalismo reformado se humanizava.

Era pura ilusão gerada por uma realidade conjuntural. A natureza da exploração mantinha-se.

A crise do petróleo, ao provocar uma revisão estratégica, desencadeou nova metamorfose do capitalismo. A partir de 1973, assistiu-se a um endurecimento brutal nas relações entre o capital e o trabalho. As teses ultraliberais do austríaco Friedrich Hayek, que havia permanecido engavetadas desde a publicação do seu livro O caminho da servidão, tornaram-se de repente a bíblia dos neoliberais. Margaret Thatcher foi pioneira do Estado Mínimo embora a expressão tivesse sido popularizada por Reagan, seu discípulo aplicado, e por economistas da Escola de Chicago.

Em tempo brevíssimo, o neoliberalismo ortodoxo foi erigido em catecismo do capital. A ofensiva adquiriu proporções mundiais.

A sacralização do mercado foi acompanhada pela política de privatizações selvagens. Dos países industrializados passou ao Terceiro Mundo e, onde quer que encontrou resistências, o FMI e o Banco Mundial, vigilantes, intervieram no seu estilo, quebrando-as. A ofensiva, paralela e simultânea, contra o chamado Estado do Bem-Estar Social desencadeada em escala mundial, foi o complemento natural e indispensável da estratégia neoliberal.

Em poucos anos, assistiu-se a uma concentração brutal do capital nas mãos de uma minoria cada vez mais rica enquanto a situação dos assalariados se degradava e a percentagem de pobres aumentava de maneira alarmante. Como a lógica do sistema gerava um desemprego elevadíssimo — 20 milhões actualmente só na União Europeia —, a poderosa máquina difusora do pensamento único promoveu a nível mundial uma gigantesca campanha de perversão ideológica. Conforme salientou Pierre Bourdieu, do Collège de France, "um trabalho constante foi empreendido, associando intelectuais, jornalistas, homens de negócios e meios de comunicação que, pouco a pouco, se impuseram como tendo legitimidade para dar força de evidência a uma visão neoliberal que no essencial veste de racionalização económica os pressupostos mais clássicos do pensamento conservador de todos os tempos e de todos os países".

Perante o controlo quase absoluto do sistema mediático pelo grande capital, criou-se uma situação aberrante que inverte os papéis. O projecto neoliberal é apresentado como humanista e renovador e as suas teses, profundamente reaccionárias, aparecem mascaradas de progressistas. Os opositores são fugitados como gente arcaica, defensora da irracionalidade. Sugere-se que o Estado é vocacionalmente inimigo do homem moderno e que o mercado sem controlo algum responde às aspirações mais espontâneas e nobres do homem. Ao primeiro, isto é, ao Estado, é associada a ideia de tirania; ao segundo, o mercado, a da democracia.

Eduardo Galeano, numa conferência internacional sobre Ecologia e Espiritualidade, emitiu o seguinte desabafo: "Este sistema de vida se oferece como paraíso, fundado na exploração do próximo e na aniquilação da Natureza, é aquele que está envenenando o corpo, nos está envenenando a alma e nos está a deixar sem mundo. A erradicação do comunismo e a implantação do consumismo foram, como operação, um êxito, mas o doente está a morrer." E conclui: "A civilização que confunde o relógio com o tempo, o crescimento com o desenvolvimento e o grande com a grandeza também confunde a Natureza com a paisagem, enquanto o mundo, labi-

rinto sem centro, se dedica a romper o seu próprio céu."

Penso que todos estamos de acordo com as belas metáforas de Galeano e a sua conclusão. Aquilo que divide hoje os espíritos progressistas de todo o mundo não é a rejeição do pensamento único. As nossas dificuldades principiam quando entramos no debate em torno da alternativa, quando procuramos respostas à velha pergunta de Lénine: **que fazer?**

É aqui que entra Marx, que devemos recordá-lo e meditar sobre o Manifesto e os seus ensinamentos.

Responsabilizar o marxismo pelo fracasso do socialismo na URSS é uma atitude tão pouco inteligente como a daqueles que responsabilizam a receita quando o pudim se queima no forno.

Não vamos baixar os braços pelo facto de o capitalismo na sua mais perigosa versão — a neoliberal — ter alcançado uma vitória temporal que erigiu os EUA em pólcia do mundo. Nem vamos confundir a Revolução de Outubro com os erros e perversões que contribuíram para a trágica destruição da URSS.

Marx lembra-nos que o motor da história desde tempos remotos foi sempre a luta de classes. Enunciou uma verdade.

Obviamente que o mundo mudou e as clas-

ses sociais não são hoje, sobretudo nos países industrializados, as que ele tão bem soube analisar e retratar.

Marx partiu de um conhecimento científico da Revolução Industrial para a formulação das suas análises e conclusões. Ao relemos o Manifesto Comunista hoje, verificamos que ele não só elaborou a melhor descrição da sociedade do seu tempo como nos deixou um legado que conserva actualidade.

Conforme nos lembra o cubano Armando Hart, o companheiro de Fidel que foi ministro da Cultura do seu país, "o capitalismo prosseguiu a sua marcha sórdida para se apoderar do valor criado pelo trabalho humano que continuou a ser subtraído aos trabalhadores. O roubo manteve-se, ampliado e realizado da maneira mais dramática, ao extremo de que, se fomos capazes de se abstrair daquilo a que nos possa conduzir a interpretação de factos concretos que temos perante nós, confirmamos, se o fizemos sem preconceitos, que a sociedade capitalista está pondo em crise as relações de produção criadas pelo próprio sistema."

O mundo — repito — mudou efectivamente muito. Entretanto, não dispõe ainda de um estudo tão rigoroso, abrangente e lúcido como o de Marx sobre a sociedade industrial para compreendermos a nossa época, muitíssimo mais complexa do que a dos meados do século XIX. Não dispomos sequer de uma análise global que nos habilite a compreender o capitalismo da revolução electrónico-informática.

"Como se modifica, por exemplo, o conceito de mais valia, conceito central da análise criativa do capitalismo em Marx, com a máquina digital e a robótica? De que maneira a introdução das novas tecnologias no progresso de trabalho afecta as relações técnicas e sociais de produção, as relações de distribuição e consumo? Que modificações sofreram tanto o proletariado como a burguesia numa era em que o conhecimento passa a representar um elemento fundamental das forças produtivas? Para onde caminha a actual globalização e quais as suas consequências? Quais os elementos que podem constituir uma base objectiva potencial para a transformação deste modo de produção?"

Estas perguntas não são minhas, mas endosso-as integralmente. Formuladas pela chilena Marta Harnecker num livro fascinante que acaba de publicar em Havana: "Haciendo posible lo imposible — La Izquierda en el umbral del Siglo XXI."

Porventura — pergunto — temos respostas satisfatórias para as consequências a breve prazo do funcionamento de um mercado sacralizado onde somente o jogo especulativo do dinheiro no mercado de divisas representa 50 vezes o valor do comércio mundial. Porventura temos alguma ideia sobre a maneira de parar engrenagens financeiras como as que mergulharam alguns países da Ásia Oriental numa crise cujos efeitos já começaram a afectar o conjunto da humanidade.

A subalternização da produção e o agigantamento da especulação, com o mercado a colocar-se acima dos estados permite que o capitalismo, numa evolução inquietante, esteja já a assumir aspectos antropofágicos.

Porventura conhecemos minimamente o funcionamento daquilo que o sociólogo espanhol Manuel Castells chama a sociedade informacional seja, a forma novíssima e específica de organização social em que a geração, o processamento e a transmis-

são da informação se convertem fontes fundamentais da produtividade e do poder devido às novas contensões tecnológicas surgidas neste período histórico?

A resposta é negativa.

Análises que considerem estas questões são hoje fundamentais, porque uma sociedade alternativa não brota magicamente do espaço; tem de surgir das potencialidades emergentes daquela em que vivemos no final do milénio.

Acredito que o instrumental científico de Marx será de enorme utilidade nessa tarefa. A sociedade informacional gerou uma globalização imperial incompatível com a globalização humanista que responde à vocação do homem.

É melancólico reconhecê-lo, mas não chegamos sequer a uma globalização das nossas lutas contra as consequências das estratégias neoliberais. Na Europa estão a ser dados os primeiros passos nesse sentido em alguns países da União Europeia, sobretudo naqueles onde a esquerda tem grandes tradições de luta como a França, a Itália, Portugal, a Grécia e a Espanha. Mas pode-se dizer que a procissão ainda vai no adro...

O marxismo não é estático. Se fosse — como alguns admitiram após a morte de Lénine e sobretudo na época de Brezhnev — não seria uma ciência. A ciência da história — e quero enfatizar que Marx também um grande historiador — entrou em crise na URSS precisamente por pretenderem oficializá-la. Ora os dogmas são a antítese do pensamento científico criador.

*

Penso ser dramaticamente urgente a reavaliação da teoria. Essa tarefa primordial e prioritária foi durante muitos anos subalternizada pelos intelectuais revolucionários.

Felizmente está a ocorrer uma reacção salutar. A intensidade e a profundidade do debate sobre a globalização imperial — creio que a expressão foi cunhada por Fidel — e as consequências dramáticas da irracionalidade de um mercado sem controlo conofirmam que tanto na Europa como na América Latina a mobilização para lutas de novo tipo é acompanhada de uma consciencialização sobre a importância da teoria.

Julgo oportuno sublinhar que o imperialismo tem dedicado ao marxismo uma atenção que quase nos tem passado despercebida. Parágrafos do Documento de Santa Fé, breviário de uma estratégia que tantos males causou na América Latina, são esclarecedores do emprego da metodologia marxista por analistas da Casa Branca e do Pentágono, nomeadamente no que se refere ao papel dos militares na política e a questões conceptuais sobre o Estado e a Democracia.

Não sou pessimista. Estou convicto de que o conhecimento das nossas mazelas e insuficiências e o debate sobre as mesmas contribuem para a melhoria do nosso trabalho e a elevação do nível da luta contra o grande inimigo, o capitalismo neoliberal e a política imperial da potência que se apresenta como seu porta-voz — uma política que pela sua ambição, egoísmo, desprezo pelos direitos dos povos e falta de ética nas relações internacionais só encontra precedente na que o III Reich desenvolveu.

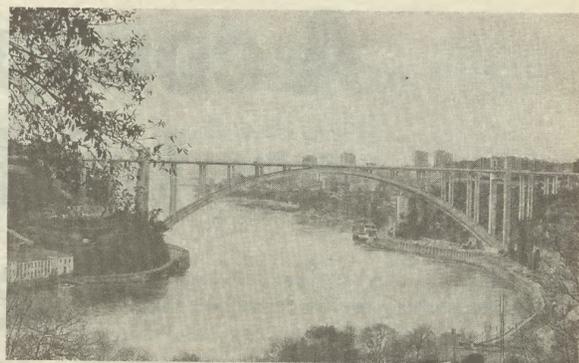
Não temos programa; não temos teoria. Temos de criar tudo a partir de uma situação extremamente desfavorável. Sem teoria revolucionária, já o dizia Lénine, não há revolução. Marx aponta-nos o caminho no Manifesto Comunista.

A própria ideia da Revolução aparece como impossibilidade absoluta quando não estão criadas as condições mínimas que levam mais tarde a grandes rupturas que mudem o rumo da história.

Isso tarde acontece apenas hoje: sempre assim foi.

Um dia saíremos do actual pântano neoliberal em que o Estado que menos respeita os direitos humanos se exhibe como protector da humanidade por ele desprezada e agredida como guardião do mercado.

O Manifesto Comunista encerra, entre muitas, uma lição esquecida: lembra-nos que o grande desafio, o desafio eterno que homens enfrentam para mudar a história, quando se organizam colectivamente, é sempre a transformação do impossível em possível.



Regionalização — vale mais agora que nunca

■ Modesto Navarro

Regionalização — uma longa e extensa lista de promessas, de intenções, de verdades e mentiras. De estudos, de propostas, de vontades. De desenhos, negociações e discursos. Um mundo enorme de ficções e de realidades que ferem (deveriam ferir) qualquer cidadão com olhos na cara e alguma vontade de ser natural da sua terra e da sua região e português a sério.

Vamos votar, em Novembro, e é necessário ter muita expectativa, sentido das responsabilidades e fazer trabalho de esclarecimento. Há gente que sente profundamente esta questão vital. Outra, tripudia, negocia, faz «política» nos piores sentidos, nos caminhos mais destruidores da consciência e das vontades humanas. Onde dantes dizia sim, agora diz não. Sobre o que perorava de uma maneira, agora diz dislates de outros modos, com a mesma «lata» politiqueria.

Os que sofreram e sofrem, no interior norte, centro e sul, os que perceberam e percebem até onde poderiam ir o desenvolvimento integrado e a regionalização, sabem que já foram perdidos muitos anos, que estão duramente atingidos tecidos fundamentais, na agricultura, na indústria, na vida social e local, na identidade e na cultura. A um país que hoje importa cerca de 80% do que consome o que resta para se afirmar, para criar vergonha na cara e enfrentar o que aí vem? Porque vem, porque virá o tempo em que teremos de assumir este vazio no interior, esta ausência de produção do que é essencial para a nossa independência e criatividade, esta desgraça da concentração das populações amontoadas no litoral e, sobretudo, nas áreas metropolitanas de Lisboa e Porto, onde se passam mais fomes e situações brutais e infra-humanas do que nas aldeias afastadas e ignoradas.

É preciso ver muito longe e muito para além dos nevoeiros espalhados na comunicação social, nos poderes, nas áreas de decisão. É preciso que Portugal não seja este pobre país de alguns que, ou já têm certas benesses e pensam que é isso o essencial, nos poderes que ocupam, ou anseiam ter isso e muito mais, sem na realidade perceberem que poder é responsabilidade, é trabalho, dignificação do ser humano e aproximação decisiva aos outros e ao respeito pelos outros, a maioria.

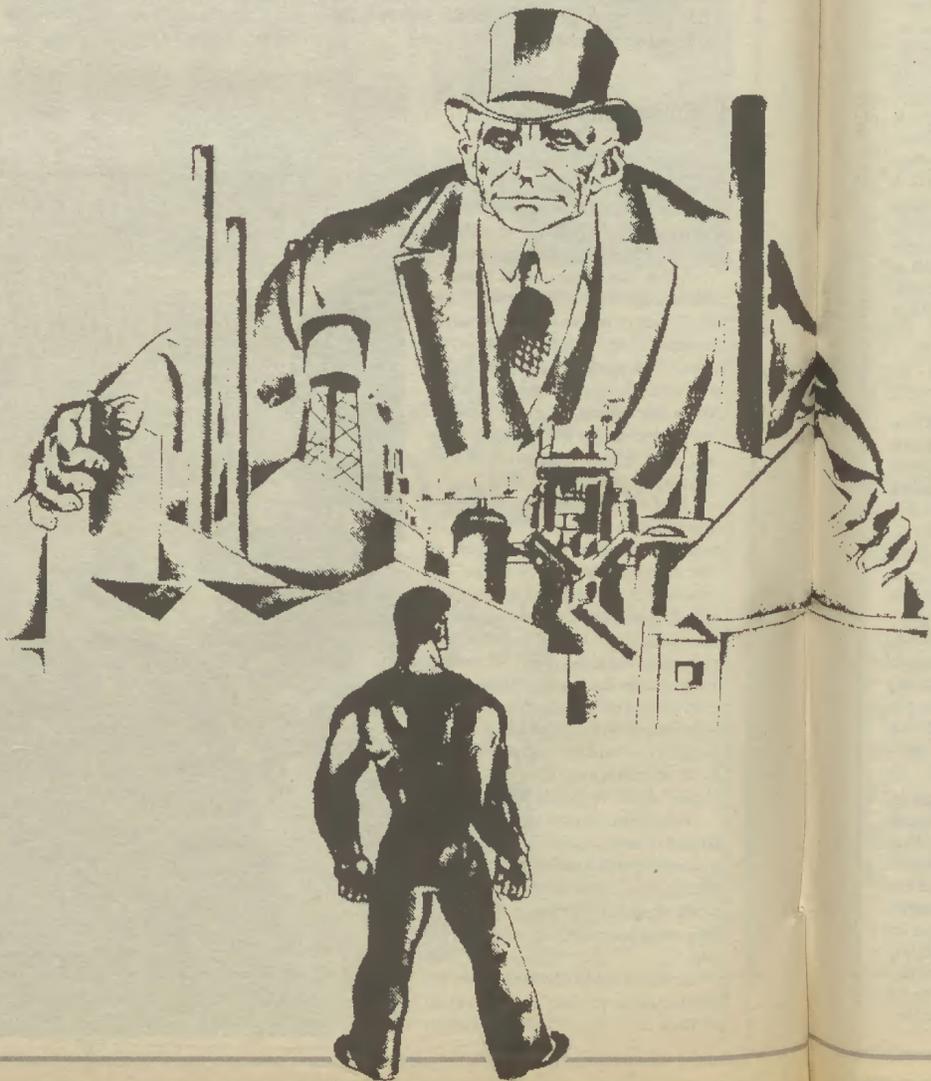
Já há muitos anos, autarcas do PSD eleitos em concelhos de Trás-os-Montes dizem cobras e lagartos da Comissão Coordenadora da Região Norte, então liderada por Valente de Oliveira. Às vezes, por exemplo, faziam-nos chegar documentos denunciadores da concentração dos projectos essenciais da CCRN na área metropolitana do Porto e de escolas de 5ª e 6ª categorias dadas, ou apenas prometidas no papel, para os concelhos mais carenciados e sub-regiões pau-

pérrimas. Escrevi alguns artigos para «o diário» e outros jornais, tendo como base esses documentos. Era o PSD/PPD «saco de gatos» a esgatarhar-se, na altura. Hoje é O PS já a guerrear-se, a nível de um ou outro autarca contra centralistas, ministros e ministros e gente das CCR's que não largam os poderes e os dinheiros e governam como bem entendem e desejam.

Dinâmicas, contraditórias, ambições mais ou menos encapotadas, vontades sinceras de avançar e de libertar, tudo se mistura ou parece misturar neste cadinho de uma regionalização tão necessária quanto envelhecida sem servir (e ainda sem nascer, sequer). Que havemos de fazer? Esclarecer, motivar, propiciar a compreensão de que, sem desenvolvimento sério, integrado e assumido nas regiões do interior, continuarão a crescer as chagas brutais nas áreas metropolitanas e no litoral em geral. Em 2010, se tudo continuasse a «evoluir» como até agora, a quase totalidade da população válida do país estaria concentrada nas áreas metropolitanas de Lisboa e Porto. Já cá está gente em demasia, a quase totalidade da população válida do país estaria concentrada nas áreas metropolitanas de Lisboa e Porto, onde se passam mais fomes e situações brutais e infra-humanas do que nas aldeias afastadas e ignoradas.

Portanto, não há outra saída. Hoje já é tarde e a más horas. Mas, daqui a mais tempo, será dramático. Vamos então a ele, ao sim à regionalização, e depois à preparação e à eleição de responsáveis por cada Junta e Assembleias Regionais. É o caminho. Já o poderíamos e deveríamos ter feito. Que não fiquemos e continuemos a olhar para ontem, aldrabados e adormecidos mais uma vez por quem tem medo, afinal, da regionalização e do desenvolvimento como teve do 25 de Abril, da Reforma Agrária, da libertação económica, social e cultural de quem trabalha.

O problema fundamental é sempre esse: o que liberta e consciencializa, o que responsabiliza as pessoas (e as regiões, neste caso) é sempre temido e combatido por aqueles que precisam de enganar e de esmagar a maioria para sobreviverem nos poderes económicos, financeiros, sociais e políticos que ocupam.



A conspiração contra Clinton

■ Manoel de Lencastre

aprofunda-se

Não foi em pânico que o povo americano reagiu aos bombardeamentos mandados realizar sobre o Sudão e o Afeganistão pelo presidente Clinton e pelo Pentágono. Mas notou-se alguma inquietação. A decisão, evidentemente, foi quase anedótica. Não existe uma só pessoa no mundo que não tenha compreendido o real valor das ordens emitidas por Washington. E assim, países que, recentemente ainda, gravitavam na órbita dos Estados Unidos, incluindo o próprio Paquistão, receberam inesperadamente os cumprimentos afectuosos da Casa Branca através de bem embalados e dirigidos mísseis de cruzeiro.

Esta revoltante e perigosa iniciativa americana resulta da conspiração lavrada pelos círculos mais reaccionários do país contra Bill Clinton e a esposa e, mais distanciadamente, contra os democráticos e os próprios interesses do povo americano. O porta-bandeira dessa conspiração é o investigador independente (?) Kenneth Starr cujas tendências vingativas estão mais do que expostas e cuja perseguição aos Clinton vêm de longe. Na verdade, o processo de investigações ao casal que ocupa a Casa Branca começou, oficialmente, há pouco mais de quatro anos. Kenneth Starr é o pistoleiro que espalha o terror na grande cidade. Mas os que o instruíram para que começasse aos tiros escondem-se noutros lugares.

O "pistoleiro" que vendia bíblias

Com efeito, o puritano Starr que, noutros tempos, vendia bíblias no sul dos Estados Unidos, decidiu montar uma investigação minuciosa aos negócios e à vida dos Clinton recuando ao tempo em que o actual presidente era governador do Arkansas. Essa investigação, começada a 5 de Agosto de 1994, ganhou, rapidamente, a designação de "escândalo de Whitewater". Clinton era acusado de distribuir empregos a todos os que lhe encobrissem os negócios românticos fazendo com que Hillary jamais suspeitasse. Foi por aí que o procurador Starr iniciou a sua grande aventura. Depois, lançou-se para terrenos mais prometedores. Se os protestos de Paula Jones causavam dúvidas, a associação dos Clinton numa pequena firma de investimentos (Whitewater) com pessoas de reputação duvidosa (James McDougal, por exemplo) parecia matéria que talvez valesse a pena desenvolver. Os McDougal resistiram aos métodos inquisitoriais do procurador Starr e a senhora McDougal foi parar a uma penitenciária por ter recusado responder às insidiosas e nojentas perguntas que ele colocou. No decorrer desta tortuosa investigação, Bill Clinton, candidato à presidência mas, ainda, na qualidade de governador de Arkansas, viu-se "grelhado" em 4 horas de feroz interrogatório. Mas negou ter persuadido o seu antecessor, o juiz David Male, a praticar uma fraude contra o Estado no valor de 50 000 contos. Nesta conjuntura, aos gritos, McDougal declarou que também a própria esposa do procurador Starr fora amante de Bill Clinton. Mas o tribunal considerou que o declarante não era pessoa em quem se pudesse acreditar. Foi, também, parar à prisão.

Não conseguindo resultados credíveis nos terrenos em que manobrava, Starr voltou-se contra Hillary Clinton. Pretendeu demonstrar que a actual "First Lady" sujara as mãos num pretenso sistema de facturas falsas quando ao serviço de uma pequena firma de advocacia em Little Rock. Agarrou-se, depois, aos mistérios sugeridos pelo envolvimento de Hillary no departamento do pessoal que, na Casa Branca, se ocupa da organização de viagens. O suicídio de Vincent Foster, um associado da esposa do presidente, levantava terríveis suspeitas. E Hillary, como se sabe, teve de prestar declarações perante o Grande Júri que funciona às ordens de Starr. Como era de esperar, porém, defendeu-se brilhantemente. Este episódio deu-lhe imenso capital político e autoridade especial junto do eleitorado americano cujas ambições máximas neste momento consistem em não cair no desemprego e em poder continuar a pagar as suas dívidas. Por outro lado, o prestígio de Hillary colocava em desespero os interesses da indústria da saúde pública que explora, avidamente, o amplo sector dos produtos farmacêuticos, dos hospitais, dos tratamentos, dos internamentos e recusa a milhões de pessoas quaisquer direitos. Hillary, no início da presidência do marido, tentara "atirar-se" aos tubarões que vivem dos males dos outros. Mas o seu projecto foi derrotado pela maioria republicana no Congresso.

Vigilante a saldo das tabaqueiras

Kenneth Starr, entretanto, continuava a viver no lodo de investigações inconclusivas sobre assuntos nodosos e de odor repugnante. Não tinha provas de coisa alguma. Já se falava, até, no eventual cancelamento da sua nomeação que só apresentava despesas e não conseguia resultados. Starr, o dedicado, o incansável perseguidor dos Clinton, o Javert dos tempos americanos, contorcia-se e desesperava porque no fim de tantas e tão trabalhosas investigações não conseguia reunir coisa alguma para apresentar ao Congresso. Fanático da religião e da legalidade, entendeu prosseguir. Alguma coisa lhe dizia que a sua hora podia estar perto. Andavam certos boatos nos corredores do poder. Foi tomando as suas notas e, entretanto, não descurava os seus negócios particulares.

Pistoleiro na luta contra os Clinton, surgiu como vigilante na defesa dos interesses da indústria do tabaco. Bill Clinton, como se sabe, achava que as tabaqueiras americanas estavam (e estão!) a influenciar perniciosamente a sociedade. Conseguiu contra elas algumas medidas de contenção. Duas dessas companhias, pelo menos, foram forçadas a declarar, publicamente, que os seus produtos eram lesivos da saúde pública. As indemnizações a muitos milhares de pessoas identificadas como tendo sido vítimas de cancro provocados pelo tabaco foram calculadas em triliões de dólares. A indústria, como é natural, procurou quem a defendesse. E Kenneth Starr, claro, foi o homem indicado. É o homem que vive apaixonado pelos "valores" herdados das administrações Nixon e Ronald Reagan, para as quais trabalhou. Não podia hesitar. Ainda lá está, de pistola em riste, contra todos os que se atrevam a murmurar em desfavor das suas riquíssimas patroas do império dos tabacos.

Sempre ao lado dos grandes grupos que dominam a economia, Starr é advogado dos distribuidores de bananas "Chiquita Brands". E não só. Há uma semana, apenas, conseguiu no tribunal de Richmond, Virgínia, a anulação de uma sentença anterior contra o conglomerado britânico "GKN" cuja filial americana tinha sido condenada ao pagamento de 7 milhões de contos como direitos devidos a terceiros. Starr não pára. Para ganhar alguma popularidade, abraçou, também, como cliente, a "National Football League Players Association". E, naturalmente, quando lhe segredaram que uma tal menina Monica Lewinsky podia ter alguma coisa a dizer sobre a conduta particular do presidente dos Estados Unidos, o procurador Kenneth Starr mal acreditou na sorte que, por fim, iria bafejá-lo.

Entra Miss Monica Lewinsky...

Monica, agora com 25 anos, fora uma virtuosa menina. Mas não conseguira as recompensas esperadas após tantos favores especiais prestados ao presidente Clinton. Pelo contrário, via-se afastada da Casa Branca. Arrastavam-na para um simples emprego no Pentágono. Ela que trabalhara como estagiária nos círculos supremos do poder americano e "despachava" directa e particularmente no Oval Office. De posse destas quentíssimas informações, Starr pensou: "Quem, diabos, temos nós melhor colocado para ouvir os desabafos da menina Lewinsky?" Em questão de segundos, encontrou a resposta: "Linda Tripp, evidentemente." E tanto o departamento do procurador como os serviços secretos e o FBI mandaram chamar essa digna senhora Tripp que, por inesperado acaso, trabalhava, também, no Pentágono. Generosamente, o procurador Starr ofereceu-se logo para garantir à menina Lewinsky a total imunidade que exigia contra eventuais acusações, no caso de dizer tudo o que se havia passado entre ela e Clinton.

Fez-se luz, portanto. Linda Tripp, inimiga dos democráticos, tomou a iniciativa de gravar as emocionadas confidências da menina Lewinsky. A "boa causa", ao serviço da qual se colocara, justificava tudo. O resto, já os leitores do "Avante!" conhecem. O frívolo Clinton caiu, finalmente, na rede que, tão pacientemente, Kenneth Starr, o bananeiro, construíra. A menina Monica Lewinsky "badalou" tudo sobre o que fez e, possivelmente, até, sobre aquilo que não fez porque, munida da garantia que Starr lhe ofereceu, acha-se imune perante a justiça americana. E, assim, o princípio do fim começou.

A caminho do despedimento?

O maior debate consiste na obtenção de prova de que Bill Clinton cometeu o crime de perjúrio ao fazer declarações mentirosas sob juramento. É isto que Kenneth Starr está a tentar. É isto que Grande Júri vai avaliar. É isto que o Congresso terá de considerar quando receber o relatório final de Starr para decidir, assim o diz a lei, se existe matéria suficiente para impedir o presidente de continuar no exercício das suas funções. Alguns advogados mais conhecidos e de impecável reputação em Washington dizem que o presidente Clinton, através das declarações que prestou, poderá, mesmo à justa, ter evitado o pior e conseguido provar que as mesmas, realizadas quanto à natureza das suas relações com Monica Lewinsky, não constituíam perjúrio, numa estreita mas suficiente interpretação do caso. O presidente insistiu em que nunca pediu a quem quer que fosse "para mentir, para esconder ou destruir provas ou para tomar quaisquer medidas ilegais". Esta sua insistência, segundo os advogados em questão, deve ser interpretada como tendo a certeza de que se acha em terreno firme.

O relatório de Kenneth Starr será entregue à Câmara dos Representantes dentro de um mês. Esta, através da sua Comissão para Assuntos de Justiça, ouvirá, de novo, as pessoas envolvidas no assunto. Será a referida Comissão que recomendará (ou não) o impedimento de Clinton. Então, os 435 membros da Câmara votarão a decisão final. Será suficiente uma maioria simples para que venha a ser adoptada. O caso seguirá para o Senado onde será necessário o voto de 2/3 dos 100 senadores para que a acção de impedimento do presidente venha a iniciar-se. Actualmente, o Congresso está de férias e o processo não conhecerá os seus fundamentais momentos antes das eleições intercalares de Novembro.



AGENDA



4.5.6 Setembro 98

As noites dos CONSTRUTORES DA FESTA também podem ser...

• Debate com Ruben de Carvalho:
A Comunicação Social e a Evolução Tecnológica dos Media

Hoje, dia 27, às 21h, no refeitório da Festa

• Convívio Musical
Terça-feira, dia 1, às 21h30, no refeitório da Festa

Divulgação da Festa do Avante!

• Programa Desportivo

Domingo, 30

Desfile de Motards

pelo Concelho do Seixal

com partida às 10h do parque de estacionamento dos Bombeiros do Seixal (frente ao Tribunal)

Domingo, 30

Final do Torneio Distrital de Setúbal de Chinquillo da Festa do Avante!

a partir das 15h, na Gândia

Sábado e Domingo, dias 29 e 30

Convívio de Vólei de Praia no Seixal

das 9 às 19h, na Praia Velha

Jornada de trabalho do concelho de Oeiras

Domingo, 30 de Agosto

Autocarro Paço d'Arcos-Atalaia-Paço d'Arcos

07h45 - Paço d'Arcos (Mercado)	08h20 - Carnaxide (Ex-Vimeca)
07h50 - Porto Salvo (SIMPS)	08h25 - Linda-a-Velha (CGD)
07h55 - Leceia (Largo)	08h30 - Algés (Pç. D. Manuel)
08h00 - Tercenas (GRT)	
08h10 - Queijas (Igreja)	17h45 - Atalaia (Regresso)

Uma Festa para todos!

FESTA do Avante!
4.5.6 Setembro

Tempo de Antena do PCP

HOJE

a seguir ao Telejornal na RTP1

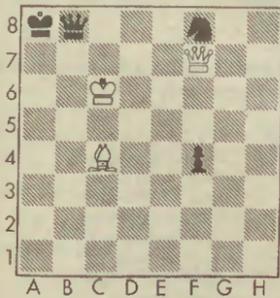
Saiba o que pode viver em 3 dias de uma Festa para todos

XADREZ

DCLXXI - 20 DE AGOSTO DE 1998
PROPOSIÇÃO Nº 1998X34

Por: Werner Speckmann
«Schachmaty in URSS» - 1973

Pr.: [4]: Pf4 - Cf8 - Db8 - Ra8
Br.: [3]: Bc4 - Df7 - Rc6



Mate em 8 [oito] lances

SOLUÇÃO DO Nº 1998X34 [W. S.]

1. Bd5!, Db4; 2. Dc7, f3; 3. Bf3, Db3; 4. Bg2, Db2; 5. Bc4, Db4; 6. Bd5!, Ch7; 7. Rd7 +...#

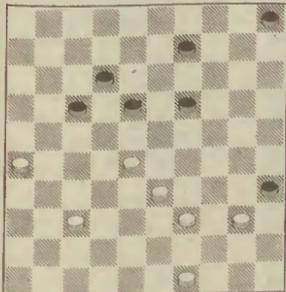
A. de M. M.

DAMAS

DCLXXI - 20 DE AGOSTO DE 1998
PROPOSIÇÃO Nº 1998D34

Por: Maurice Nicholas [F.]
«De Problemist», NL, VI.1961

Pr.: [7]: 5-9-12-17-18-19-35
Br.: [7]: 26-28-33-37-39-40-49



Branças jogam e ganham

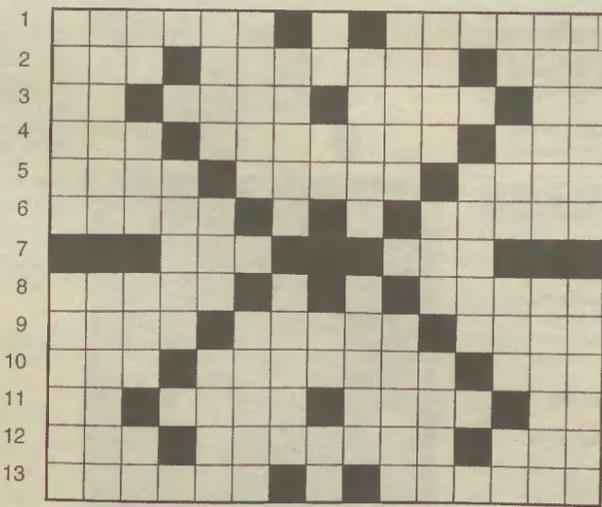
SOLUÇÃO DO Nº 1998D34 [M.N.]

1. 28-22!, (18x27); 2. 37-32, (27x29); 3. 39-34, (35x44); 4. 34x3=D, (44-50=D); 5. 49-44, (50x39); 6. 26-21, (17x26); 7. 35x5, (5-10); 8. 50-28, (10-15); 9. 28-37, (15-20); 10. 37-42 (20-25); 11. 42-48 +
2. (35x44); 3. 22x2=D, (44-50=D); 4. 33-28 (20-25); 5. 4x36 +

A. de M. M.

PALAVRAS CRUZADAS

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15



HORIZONTAIS: 1 - Designação de cetáceos de algumas espécies que incluem os animais actualmente de maior porte; floresta equatorial densa ou floresta-virgem, da Amazônia, bacia do Zaire e da Indonésia (p.l.). 2 - Fruto da azeitura; terminar; rochedo (bras.). 3 - Nota musical; utensílio de madeira que serve para juntar o sal nas marinhas; interj. usada para incitar as bestas; Alumínio (s.q.). 4 - Discursiva; relógio de sol usado pelos antigos romanos; mau cheiro (bras.). 5 - Pequena árvore da fam. das miricáceas, espontânea e cultivada em Portugal; compartimento principal de uma casa (pl.); lavram. 6 - Dificuldade (fig.); purifique. 7 - Epiderme, principalmente do rosto; pron. pess. feminino. 8 - Mérito; espécie de caranguejo grande. 9 - Encolerezas; sagrada; garantia. 10 - Grande quantidade; conjunto de teclas de um instrumento; albino (bras.). 11 - Amerício (s.q.); pavio de cera enrolado; conjunto de características que distinguem uma classe; pref. indicativo de movimento, direcção, junção, etc. 12 - Chefe etíope; partido em lascas; nome de mulher. 13 - Estéreis; indivíduo sem valor (reg.).

VERTICAIS: 1 - Volumoso, mas sem consistência; dobrara. 2 - Cingiras com nó; perfume. 3 - Naquela lugar; lamentos; a parte inferior do pão; sim (ant.). 4 - Macaco nocturno da América tropical (p.l.). 5 - Enguia; criatura; vaidosa. 6 - Poeta e cantor ambulante entre os gregos antigos (pl.); assento acolchoado onde o cavaleiro se senta (pl.). 7 - Peça de aço ou de outro material dotado de elasticidade, geralmente laminar ou sob a forma de arame, que se utiliza para imprimir movimentos (pl.); fragmentos de loiça quebrada (pl.). 8 - Cânhamo de Manila; o mais (ant.); Cloro (s.q.); Cobre (s.q.). 9 - Determinar o peso do invólucro para o descontar no peso bruto; metal branco, muito maleável e dúctil, óptimo condutor da corrente eléctrica, muito usado em ligas de moedas e em joalheria. 10 - Vestimentas de mulher indiana; auxiliar. 11 - Pecado (fig.); fileira; objectar. 12 - Limalha. 13 - Seis romanos; sapo do Amazonas; ovário de peixe; Alumínio (s.q.). 14 - Assaltar; nó corredo que se desata com facilidade. 15 - Chouriço especial de carne de lombo; aéreas.

SOLUÇÃO:
HORIZONTAIS: 1 - Baleia; selvas; 2 - Balota; selvas; 3 - Balota; selvas; 4 - Balota; selvas; 5 - Balota; selvas; 6 - Balota; selvas; 7 - Balota; selvas; 8 - Balota; selvas; 9 - Balota; selvas; 10 - Balota; selvas; 11 - Balota; selvas; 12 - Balota; selvas; 13 - Balota; selvas; 14 - Balota; selvas; 15 - Balota; selvas.
VERTICAIS: 1 - Balota; selvas; 2 - Balota; selvas; 3 - Balota; selvas; 4 - Balota; selvas; 5 - Balota; selvas; 6 - Balota; selvas; 7 - Balota; selvas; 8 - Balota; selvas; 9 - Balota; selvas; 10 - Balota; selvas; 11 - Balota; selvas; 12 - Balota; selvas; 13 - Balota; selvas; 14 - Balota; selvas; 15 - Balota; selvas.

■ Mário Castrim

PONTOS NATURAIS

Versos a respeito de mim

Memória

Ao fim
da tarde
daquela tarde
de Verão
uma rodela
de sol
ficou na ponta do pico mais alto

eu a correr
a correr
a correr
a ver se apanhava
a moeda de ouro

quando cheguei
já a noite a tinha guardado
no bolso do casaco
para comprar
o dia seguinte.

Quotidiano

Foi cada qual
em casa
à sua vida.
Expo
cinema
teatro
uma festa, sei lá.

Bicho de mato
fechei a televisão
abri a janela
para me sentir
na eterna música
dos astros.

As luzes da cidade são cruéis.
Tinham comido as estrelas uma a uma.

E eu, o Menino Perdido na Mata
sem o seu cão Piloto.

Aquela noite

Fui ver
o Benfica
na Luz.

Nada de especial
mas:

ia comigo
pela primeira vez
a minha neta
três anos
a fazer
por Dezembro.

(Talvez por isso
tudo fosse
mais claro
tudo fosse
por isso
mais vermelho
tudo fosse
mais princípio de mim
por isso)

Fosse pelo que fosse
o facto
é que o Benfica venceu.

Mas diz na «Bola»
que o jogo
vai ser protestado
porque o Benfica utilizou
um jogador a mais.

TELEVISÃO

Quinta, 27

RTP 1

9.00 Infantil
10.55 A Banqueira do Povo
11.20 Malha de Intrigas
13.00 Jornal da Tarde
13.35 Polícias
14.35 Pátio da Fama
15.35 Um Verão no Lago
(de Mike Binder, Can./EUA/1993, com Alan Arkin, Matt Craven, Diane Lane, Bill Paxton, Elizabeth Perkins. Ver Destaque)
17.30 Chiquititas
19.00 País País
19.40 F1 - A Decisão do Título
20.00 Telejornal
20.45 Cais do Oriente
21.00 As Lições do Tonecas
21.35 Terra Mãe
22.35 Uma Ilha, Duas Irlandas (I)
23.35 24 Horas
00.30 Contra Tudo
(de Jonathan Kaplan, EUA/1991,

Sexta, 28

RTP 1

09.00 Infantil
10.55 A Banqueira do Povo
11.20 Malha de Intrigas
13.00 Jornal da Tarde
13.35 Polícias
14.35 Pátio da Fama
16.05 Com Jeito Vai... na Farra
(de Gerald Thomas, Gr.Br./1975, com Elke Sommer, Kenneth Williams, Joan Sims. Comédia)
17.25 Chiquititas
19.00 País País
19.40 Futebol: Real Madrid-Chelsea
21.45 Telejornal
22.30 Cais do Oriente
22.45 Terra Mãe
23.45 Jogos sem Fronteiras
01.30 24 Horas
02.20 Máquinas
02.55 Debaixo de Tiro
(de Kurt Anderson, EUA/1994, com

Sábado, 29

RTP 1

08.00 Infantil/Juvenil
12.00 Fórmula 1 - GP da Bélgica
13.00 Jornal da Tarde
13.30 Top +
14.55 Simpsons
15.30 Robin dos Bosques
16.30 O Último Reduto da Natureza
17.10 Nunca É Tarde
17.45 Conan, o Guerreiro
18.45 Há Horas Felizes
20.00 Telejornal
20.40 Cais do Oriente
20.55 Futebol: Beira-Mar-FC Porto
22.50 Em Nome da Justiça
23.50 86-60-86
00.10 24 Horas
00.50 Mississippi em Chamas
(de Alan Parker, EUA/1988, com Gene Hackman, Willem Dafoe, Frances McDormand. Drama)

Domingo, 30

RTP 1

08.00 Infantil / Juvenil
12.30 Jornal da Tarde
12.55 Fórmula 1 - GP da Bélgica
15.00 Made in Portugal
16.10 King Fu
17.15 Emoções Fortes
18.10 Casa Cheia
18.50 Jet 7
20.00 Telejornal
20.50 Cais do Oriente
21.05 Assalto à Televisão
22.35 Domingo Desportivo
23.50 Millennium
00.50 24 Horas
01.30 Limites do Terror

RTP 2

10.00 Novos Horizontes
10.30 Missa
11.45 Chitas, Nascidas para Viver
12.40 Grandes Romances

Segunda, 31

RTP 1

08.00 Infantil
10.00 Malha de Intrigas
11.00 Praça da Alegria
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Polícias
14.35 Pátio da Fama
15.35 Equipa para Vencer
(de Holly Goldberg Sloan, EUA/1995, com Steve Guttenberg, Olivia D' Abo, Jay O. Sanders. Comédia)
17.20 Chiquititas
19.00 País País
19.40 Fórmula 1 - A Decisão do Título
20.00 Telejornal
20.45 Cais do Oriente
21.00 Terra Mãe
21.50 Diana - Um Ano Depois
24.00 24 Horas
00.50 Barfly, Amor Marginal
(de Barbet Schroeder, EUA/1987, com Mickey Rourke, Faye Dunaway, Alice Krige, Jack Nance, J. C. Quinn. Drama)

RTP 2

10.00 Espaço Expo'98
15.00 Informação Gestual
15.30 O Caminho das Estrelas
16.20 Fora de Casa
16.25 Super Esquadra
17.20 Acores (Documentário)
18.00 Informação Religiosa
18.30 Um, Dó, Li, Tá
19.30 Fudge
19.55 O Fantasma Escritor
20.30 Tudo em Família
21.05 Sarilhos com Elas
21.35 Remate
22.00 Jornal 2
22.50 Jogo Falado
23.50 Cavalgada Heróica
(de John Ford, EUA/1939, com John Wayne, Claire Trevor, John Carradine, Thomas Mitchell, Andy Devine. Ver Destaque)
01.35 Duckman, o Trapalhão

SIC

08.00 Buéréré
12.00 Malucos do Riso
12.30 Primeiro Jornal
13.30 O Juiz Decide

Terça, 1

RTP 1

08.00 Infantil
10.00 Malha de Intrigas
11.00 Praça da Alegria
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Polícias
14.35 Pátio da Fama
15.35 O Pirata Negro
(de Vincent Thomas, It./Esp./1971, com Terence Hill, Bub Spencer, Edmund Purdon, Silvia Monti. Aventuras)
17.35 Chiquititas
19.00 País País
19.40 País Regiões
20.00 Telejornal
20.45 Cais do Oriente
21.00 Terra Mãe
22.00 Férias de Verão
22.50 Os Mensageiros de Moscovo
23.50 24 Horas
00.40 Rotações
01.15 O Condenado de Alcatraz
(de Marc Rocco, EUA/1995, com Christian Slater, Kevin Bacon, Gary Oldman. Ver Destaque)

RTP 2

10.00 Espaço Expo'98
15.00 Informação Gestual
15.30 O Caminho das Estrelas
16.25 Super Esquadra
17.20 Euronews
18.00 Informação Religiosa
18.30 Um, Dó, Li, Tá
19.30 Fudge
19.55 O Fantasma Escritor
20.30 Tudo em Família
21.05 A Bela Farda Azul
22.00 Jornal 2
22.35 Mogambo
(de John Ford, EUA/1953, com Clark Gable, Ava Gardner, Grace Kelly, Donald Sinden, Philip Stainton, Dennis O'Dea. Ver Destaque)
00.35 Encontros Imediatos

SIC

08.00 Buéréré
12.00 Malucos do Riso
12.30 Primeiro Jornal
13.30 O Juiz Decide
16.30 Vidas Cruzadas

Quarta, 2

RTP 1

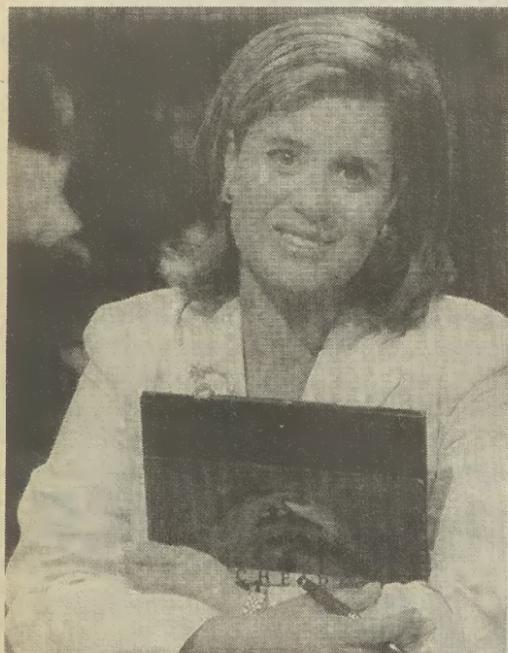
08.00 Infantil
10.00 Malha de Intrigas
11.00 Praça da Alegria
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Polícias
14.35 Pátio da Fama
15.35 Meu Pai, o Herói
(de Steve Miner, EUA/1993, com Gérard Depardieu, Katherine Heigl, Dalton James, Lauren Hutton. Comédia)
17.30 Chiquititas
19.00 País País
19.45 País Regiões
20.00 Telejornal
20.45 Cais do Oriente
21.10 TV Verdade
21.45 Terra Mãe
22.35 Nixon
(de Oliver Stone, EUA/1995, com Anthony Hopkins, Joan Allen, James Woods, Powers Boothe, Ed Harris, Bob Hoskins, Paul Sorvino. Ver Destaque)
00.25 24 Horas
01.15 O Mistério de Gorky Park
(de Michael Apted, EUA/1983, com William Hurt, Lee Marvin, Brian Dennehy, Joanna Pacula. «Thriller»)

RTP 2

10.00 Espaço Expo'98
15.00 Informação Gestual
16.20 Fora de Casa
16.25 Super Esquadra
18.00 Informação Religiosa
18.30 Um, Dó, Li, Tá
19.30 Fudge
19.55 O Fantasma Escritor
20.30 Tudo em Família
21.05 Simpsons
21.35 Remate
22.00 Jornal 2
22.35 A Desaparecida
(de John Ford, EUA/1956, com John Wayne, Jeffrey Hunter, Vera Miles, Ward Bond, Natalie Wood. «Western»)
00.30 Musical: Elton John

SIC

08.00 Buéréré
12.00 Malucos do Riso
12.30 Primeiro Jornal



"Ficheiros Clínicos", que nos poupa ao habitual sensacionalismo da SIC, já é top de audiências

com Michelle Pfeiffer, Dennis Haysbert, Stéphanie MacFadden, Brian Kerwin. Ver Destaque)

Jeff Wincott, Patrick Kilpatrick, Mimi Craven. «Thriller»)

RTP 2

10.00 Espaço Expo'98
15.00 Informação Gestual
15.30 O Caminho das Estrelas
16.25 Super Esquadra
17.20 Musical - Depeche Mode
18.00 Informação Religiosa
18.30 Um, Dó, Li, Tá
19.30 Fudge
19.55 O Fantasma Escritor
20.30 Tudo em Família
20.40 Portugalmente
21.05 Murphy Brown
(Ep. 1 da IX Série)
21.50 Jornal 2
22.35 Sol Nascente
(de Peter Kaufmann, EUA/1993, com Sean Connery, Wesley Snipes, Harvey Keitel, Hiroyuki Tagawa. «Thriller»)
00.50 Explosão ao Vivo

SIC

08.00 Buéréré
12.00 Malucos do Riso
12.30 Primeiro Jornal
13.30 O Juiz Decide
14.30 Fátima Lopes
16.30 Vidas Cruzadas
17.40 Corpo Dourado
18.50 Era Uma Vez
20.00 Jornal da Noite
21.00 Malucos do Riso
21.30 Torre de Babel
22.30 A Última Chance
23.40 Quando os Carros Atacam
00.40 Último Jornal
01.15 Flash
02.45 Vibrações

TVI

10.10 Animação
13.30 TVI Jornal
14.15 Mulher Perigosa
15.05 Maria José
15.50 Caminhos Cruzados
16.45 Animação
18.10 A Bela e o Monstro
19.00 Pretender
20.00 As Novas Aventuras do Super-Homem
21.00 Directo XXI
22.00 Meia Noite e Um
23.00 Abismo
(de James Cameron, EUA/1989, com Ed Harris, Mary Elizabeth Mastrantonio, Michael Biehn, Leo Burnester. Ficção Científica)
01.45 Seinfeld
02.00 Ponto Final



A Bela Farda Azul

RTP 2

10.30 À Beira do Abismo
(de Howard Hawks, EUA/1946, com Humphrey Bogart, Lauren Bacall, John Ridgely, Martha Vickers, Dorothy Malone. Drama)
12.20 Faenas
12.45 Música Maestro - Música do Séc. XX
13.35 Viagens no Mundo
14.05 Sinais do Tempo
15.00 Desporto 2
18.30 Ruby Wax Entrevista...
19.00 Marujo à Força
(de Adam Resnick, EUA/1994, com Chris Elliott, Rich Brinkley, James Gammon, Brian Doyle-Murray. Comédia)
20.30 Tenchi Muyo
21.00 Onda Curta
(Confúcio, Confúti, de 1983; Boxe, La Boxe, de 1985; Banquete, Le Banquet, de 1986; O Casamento, Le Mariage, de 1987; Floreios, Floriures, de 1987. Série de curtas-metragens realizadas por Garri Bardine, URSS)
22.00 Jornal 2
22.35 O Lugar da História
23.30 Através das Oliveiras
(de Abbas Kiarostami, Irão/1994, com Hossein Rezai, Mohamed Ali Keshavarz, Farhad Khevdmand. Ver Destaque)
01.15 A Ciência do Sexo

SIC

08.00 Buéréré
11.55 O Nosso Mundo
13.00 Primeiro Jornal
13.30 Pepsi Chart
14.30 Em Defesa da Vida
(de Albert Brooks, EUA/1991, com Albert Brooks, Meryl Streep, Rip Torn, Lee Grant. Ver Destaque)
15.50 Xena
16.50 Walker
17.40 Corpo Dourado
18.50 Era Uma Vez
20.00 Jornal da Noite
21.00 Bom Baão
21.30 Torre de Babel
22.30 Moda Roma
23.40 Donos da Bola
02.30 Último Jornal
03.25 Vibrações

TVI

10.00 Animação
13.35 Contra-Ataque
15.00 Feedback
15.40 Os Julgamentos de Rosie O'Neill
16.35 Competente e Descarada
17.30 Mac
(de John Turturro, EUA/1992, com John Turturro, Michael Badalucco, Carl Capotorto, Katherine Brownitz, Ellen Barkin. Ver Destaque)
19.00 Futebol: Juventus-Lazio
21.15 Directo XXI
22.15 Amizade Traída
(de William Graham, EUA/1995, com Meredith Baxter, Swoozie Kurtz, John Terry, John Livingston. Drama)
24.00 Operação Amsterdão
(de Robert Clouse, Hong-Kong/1977, com Robert Mitchum, Leslie Nielsen, Bradford Dillman. Mistério)



Causa Justa

do Séc. XX
13.35 Jornal d' África
14.05 Voltar
(de Joaquim Leitão, Port./1988, com Luís Norton de Matos, Alexandra Leite, Rui Reininho, Pedro Efe, Sínde Filipe. Drama)
15.00 Desporto 2
18.15 Music for Montserrat
19.45 Bom Bordo
20.15 Artes e Letras - «Battle Over Citizen Kane» (2ª parte)
21.05 Passagem pelo Purgatório
22.00 Jornal 2
22.30 Horizontes da Memória
23.00 Bailado: «Notre Dame de Paris»
00.30 Vidas do Século: «Diana - Tributo a uma Princesa Modelo»

SIC

08.30 Buéréré
11.55 BBC - Vida Selvagem
13.00 Primeiro Jornal
13.30 007 - O Risco Imediato
(de John Glen, Gr.Br./1987, com Timothy Dalton, Maryam D' Abo, Joe Don Baker. Aventuras / Espionagem)
15.40 A Ilha Misteriosa
16.50 Stargate
17.50 Tootsie, Quando Ele Era Ela
(de Sidney Pollack, EUA/1982, com Dustin Hoffman, Jessica Lange, Terri Garr, Dabney Coleman. Comédia)
20.00 Jornal da Noite
20.50 Camilo na Prisão
21.20 Ficheiros Clínicos
22.20 Momento de Justiça
(de Robert Radler, EUA/1993, com Eric Roberts, Christopher Penn, Philippe Hee, Meg Foster. Acção)
00.30 Último Jornal
01.00 Trovão Azul

TVI

10.00 Animação
10.30 Novos Ventos
11.00 Missa
13.00 Portugal Português
14.00 Geo: Os Olhos do Mundo
15.00 Hospital Universitário
15.55 O Guerreiro do Tempo
17.30 Os Anos Loucos do Rock
(de Allan Arkush, EUA/1994, com Renee Zelweger, Max Perlich, Howie Mandel. Musical)
19.00 A Lenda de Guilherme Tell
20.00 Flipper
21.00 Directo XXI
22.00 Causa Justa
23.00 Diana, a Verdadeira História
01.00 A Magia do Cinema



Apesar das restrições, o futebol regressa em força à programação



Casos de Arquivo

14.30 Fátima Lopes
16.30 Vidas Cruzadas
17.40 Corpo Dourado
18.50 Era Uma Vez
20.00 Jornal da Noite
21.00 Torre de Babel
22.00 Roda de Milhões
24.00 Toda a Verdade
01.00 Último Jornal
01.35 Portugal Radical

TVI

10.10 Animação
13.30 TVI Jornal
14.15 Mulher Perigosa
15.00 Maria José
16.45 Animação
18.10 A Bela e o Monstro
19.00 Pretender
20.00 As Novas Aventuras do Super-Homem
21.00 Directo XXI
22.00 Soldados da Justiça
23.00 Pecados da Noite
00.50 Seinfeld

17.40 Corpo Dourado
18.50 Era Uma Vez
20.00 Jornal da Noite
21.00 Médico de Família
22.00 Torre Babel
23.20 Combate de Gigantes
(de Sam Firstenberg, EUA/1994, com David Bradley, Frank Zagarino, Jennifer Campbell. Artes Marciais)
01.20 Último Jornal
01.55 Terra Violenta
03.25 Vibrações

TVI

10.10 Animação
13.30 TVI Jornal
14.15 Mulher Perigosa
15.00 Maria José
15.50 Caminhos Cruzados
16.45 Animação
18.10 A Bela e o Monstro
19.00 Pretender
20.00 As Novas Aventuras do Super-Homem
21.00 Directo XXI
22.00 Casos de Arquivo
23.00 Pecados da Noite
01.00 Seinfeld
01.30 Ponto Final

Nota: A Redacção não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizadas pelos operadores de televisão após o fecho desta edição.

TELEVISÃO

Por isto e por aquilo...

Um Verão no Lago

(Quinta, 15.35, RTP1)

«Escrito e realizado por Max Binder em 1993, "Um Verão no Lago" é uma crónica de amizade e nostalgia sobre um grupo de amigos trintões que regressam vinte anos depois, para uns dias de férias, ao mesmo campo de férias nas margens de um lago onde viveram gloriosos dias nos finais da infância. (...)» Assim descreve o Boletim de Programa da RTP o resumo deste filme com boas referências que se diz reflectir um pouco as próprias experiências de Binder e se configura como uma espécie de Amigos de Alex dos anos 90. Destaque para os papéis de Alan Birkin e Diane Lane.



«À Beira do Abismo», de Howard Hawks. Será desta vez?



Um fotograma de «Nixon», de Oliver Stone, com Anthony Hopkins no principal papel

Contra Tudo (Quinta, 00.30, RTP1)

Uma cabeleireira de Dallas, Lurene, grande admiradora de Jacqueline Kennedy, leva uma vida insuportável ao lado de um marido que a subjuga e despreza. Quando o casal presidencial visita Dallas, Lurene decide arranjar um estratagem para poder estar bem perto de John Kennedy à sua chegada ao aeroporto. Mas a tragédia acontece e, após o assassinato do presidente, ela decide ir a Washington para assistir ao funeral. No seu longo trajecto de autocarro, conhece um negro, Dennis, e ambos falam agora sobre o racismo e a luta pelos direitos cívicos. Estamos, assim, perante um filme centrado sobre os problemas da sociedade americana, embora Jonathan Kaplan, o realizador, não tenha conseguido fugir completamente a uma sobreposição talvez exagerada de várias histórias, sinais e pistas de reflexão, o que terá que ver com insuficiências ao nível da escrita do argumento. Pela sua interpretação, Michelle Pfeiffer foi nomeada para o Oscar de Melhor Actriz Feminina em 93.

CABO & SATÉLITE

O Estado da Palestina

Três anos após os acordos de Oslo e um ano antes de terminar o período transitório que devia conduzir ao reconhecimento por Israel do Estado palestino, o processo de paz continua a ser torpedeado pelos israelitas. O canal Arte preenche a noite temática de hoje com um



Hendricks, a grega Maria Callas, e a inglesa Felicity Lott. Quatro verdadeiras lições na arte do canto. (Muzzik, Quinta, das 20.00 às 01.00)

Um bom bate-papo

Costuma ser um bom bate-papo aquele que, sob o sugestivo título «Manhattan

Connection», todas as segundas-feiras, às 21 horas, o canal GNT apresenta com quatro jornalistas brasileiros residentes em Nova Iorque, os quais, geralmente com o apoio de um convidado e em ambiente de boa disposição, trocam impressões sobre os acontecimentos da semana vistos a partir daquela metrópole norte-americana. Ainda por cima, agora, com a telenovela dos mexericos relacionados com a Casa Branca, são de esperar não poucas piadas... Aliás, convém começarmos a estar atentos ao melhor que este canal nos traz do país-irmão. Fica para uma próxima! (GNT, Segunda, 21.00 às 22.00)



Grandes vozes femininas

Não perca na próxima Quinta-feira uma noite inteiramente preenchida com uma série de documentários e concertos com a participação de grandes intérpretes femininas (Jazz e clássico), como as norte-americanas Ella Fitzgerald e Barbara



Dame Felicity Lott



Em Defesa da Vida (Sábado, 14.30, SIC)

Um jovem publicitário morre num desastre de viação ao volante do seu novo carro e, de repente, encontra-se em plena Cidade do Julgamento prestes a ser julgado em relação à sua vida... Uma comédia sem grandes pretensões, mas que se vê com algum agrado, e tem no talento de Meryl Streep um interesse reforçado e suplementar.

Mac (Sábado, 17.00, TVI)

Inspirado pela figura e pelo trajecto do seu próprio pai, este primeiro filme realizado pelo excelente actor que é John Turturro debruça-se sobre os problemas da comunidade italo-americana do bairro de Queens em Nova Iorque, acompanhando a vida de três irmãos confrontados com as duras realidades do chamado «sonho americano». Um filme extremamente interessante em que Turturro por vezes mistura mecanismos provenientes do cinema fantástico com momentos de forte e duro realismo.

Através das Oliveiras (Sábado, 23.20, RTP2)

Espécie de um «filme dentro do filme», esta obra do consagrado cineasta iraniano Abbas Kiarostami dá-nos a ver uma bela e intensa história de amor vivida por um actor e uma actriz amadores que são contratados por uma equipa cinematográfica que está a realizar um filme numa cidade do norte do Irão tragicamente atingida por um terramoto. Alternando sempre entre a ficção e a realidade, o realizador encena com grande realismo uma história cuja curiosidade radica num episódio autêntico que aconteceu, afinal, durante a rodagem de um seu filme anterior.

grávida, um comerciante de bebidas, um jogador, um banqueiro e um alegado criminoso) numa diligência protegida pela cavalaria face à ameaça dos índios, comandados por Geronimo, na sua luta em defesa das terras que lhes pertencem. Um Oscar para a fabulosa música de R. Hageman e W. F. Harling e um outro para o «secundário» Thomas Mitchell, são apenas «pormenores» do êxito de um filme que definitivamente impôs John Wayne com uma figura mítica do género.

Mogambo (Terça, 22.35, RTP2)

Situada em pleno Quênia, esta emocionante história de paixões tórridas vem cruzar, nos seus caminhos, duas mulheres e um caçador cuja profissão é a captura de animais para os jardins zoológicos. Vagamente inspirado num anterior filme (Red Dust) de Victor Fleming - passado na Indochina e também protagonizado por Clark Gable (mas em que o papel da mulher dura era desempenhado por Jean Harlow e o da mulher frágil por Mary Astor) - Mogambo tem respectivamente em Ava Gardner e Grace Kelly duas brilhantes intérpretes que dão corpo a um tema caro a John Huston: as consequências de um momento trágico no comportamento dos indivíduos e da progressiva tomada de consciência destes perante si próprios e os outros.

O Condenado de Alcatraz

(Terça, 01.15, RTP1)

Um jovem defensor público é encarregado da defesa de um prisioneiro de Alcatraz que é acusado do assassinato de outro preso. Centrando a sua argumentação na denúncia das terríveis condições prisionais daquele terrível presídio norte-americano, que levaram o preso à loucura, o advogado sublinha mais esta inaceitável violação dos direitos humanos. Relegado para um espaço cinematográfico da RTP completamente descaracterizado porque em geral marcado negativamente pela exibição de obras menores recheadas de violência gratuita, este O Condenado de Alcatraz traz consigo referências favoráveis ao argumento, à



Kevin Bacon e Christian Slater, nos principais papéis de «O Condenado de Alcatraz», em estreia na televisão.

Cavalgada Heróica

(Segunda, 23.50, RTP2)

Este filme de John Ford é uma das maiores obras-primas do cinema clássico norte-americano e ficou a constituir um marco indiscutível no «western». O que mais impressiona nesta obra é o particular cuidado com que Ford aborda este microcosmos da sociedade e se detém no exame dos pormenores que definem a personalidade e a tão diversa evolução dos sentimentos dos passageiros que fazem a travessia de Monument Valley (uma prostituta, um médico alcoólico, uma mulher

realização e à interpretação de (entre outros) Kevin Bacon e Christian Slater.

Nixon (Quarta, 22.35, RTP1)

Num badalado arranque da nova época televisiva, a RTP resolve puxar pelos galões e estreitar, na televisão portuguesa, «Nixon», a última obra do cineasta norte-americano Oliver Stone. Centrada, sobretudo, no tristemente célebre «caso Watergate», o filme denuncia a invasão de propriedade alheia (a sede do Partido Democrático) em plena campanha eleitoral de Junho de 72 e mostra-se uma obra implacável face à espionagem política e aos abusos de poder que esse acto implicou e acabaram por ditar o «impedimento» do então presidente dos EUA. Stone acompanha o polémico percurso biográfico de Nixon, retratando impiedosamente a sua personalidade, com base em documentos e testemunhos de época. Com as boas prestações de Anthony Hopkins, James Woods e Bob Hoskins nos principais papéis, eis um filme a descobrir com interesse, embora certamente prejudicado no seu fluir pela insistente intromissão de longos (e ilegais) blocos publicitários, uma situação absolutamente inadmissível no serviço público de televisão.



A sede do ódio

Inaugurada em 1988 e, portanto, avançando já pela sua décima temporada consecutiva, a monumental série de televisão «The American Experience» é, para a televisão pública norte-americana, aquilo que o «absolutamente nada» tem sido para a televisão pública portuguesa – mesmo tendo em conta os vinte e cinco anos que esta já leva em situação de liberdade e democracia.

Na realidade, as pouquíssimas e honrosas excepções que no campo do documentário televisivo e da investigação histórica e jornalística audiovisual se têm verificado ao longo destas duas décadas na RTP – fruto do corajoso espírito de iniciativa demonstrado pelos melhores profissionais desta estação em flagrante contraste com a indiferença e o desinteresse institucionalizados nas muitas e diversas administrações e direcções nomeadas pelos vários governos – constituem esforços sem dúvida dignos, mas sempre frustrados e frustrantes, se comparados com o peso e a dimensão que, por exemplo, aquela série monumental conseguiu alcançar na própria sociedade norte-americana, através de uma perseverante presença em contínuas emissões semanais.

Para tal, os responsáveis por «The American Experience» e os profissionais que se têm ocupado da sua concepção e realização não poupam esforços para levar a cabo uma sistemática recolha e pesquisa de material de arquivo, como jornais de actualidades, filmes amadores, fotografias e documentos impressos, espécimes sonoros e depoimentos pessoais de testemunhas ainda vivas, na perspectiva de trazer para a actualidade muito da História dos EUA e das estórias que os seus maiores protagonizaram.

Julgo que este intróito situará melhor um notável documentário de quase duas horas, produzido, escrito e dirigido por Thomas Lennon, Richard Ben Cramer e Michael Epstein – habituais responsáveis por outros documentários da série –, que a RTP 2 decidiu (mal) dividir em dois episódios, o primeiro dos quais foi já transmitido no passado Domingo na rubrica «Artes e Letras». Intitulado «A Polémica Sobre Citizen Kane» (no original *The Battle Over Citizen Kane*), o documentário aborda o trajecto pessoal, artístico e profissional do grande cineasta Orson Welles, debruçando-se com particular incidência na obra-prima com o mesmo título que acabou por constituir a sua primeira e logo transcendente experiência cinematográfica, aos 24 anos de idade.

O espectador cinéfilo sabe como «O Mundo a Seus Pés» constituiu uma verdadeira pedrada

no charco da indústria cinematográfica norte-americana. Surgido na cena artística ainda muito novo, rodeado da justa auréola de jovem génio, Welles havia-se destacado no campo do teatro e da rádio e a fama que rapidamente granjeou garantiu-lhe, por parte da RKO, um contrato fabuloso que lhe permitia usufruir de plena liberdade para criar as suas obras. E o cineasta não esteve com meias medidas: logo em «Citizen Kane» se permitiu abordar e denunciar, de um ponto de vista ficcional, a trajectória de um tal Charles Foster Kane, uma personagem que, relegando princípios e valores, jamais olha a meios para erguer um império no domínio dos *mass media*, como forma de atingir outros patamares do Poder. O problema é que, independentemente de se tratar de um filme absolutamente notável (hoje cotado, em todas as votações de especialistas, entre os 10 melhores de todos os tempos), a obra revelou-se logo alta-

mente incómoda, fez estremecer o «sistema» institucionalizado, mexeu (ainda em vida!) com a suposta invulnerabilidade de uma das faces do Poder e de um dos seus mais destacados detentores, um tal William Randolph Hearst, também ele

senhor de um colossal grupo da imprensa norte-americana. A partir daí, tudo foi tentado para destruir o negativo do filme, o próprio FBI foi metido ao barulho, as habituais acusações de «comunista» (!) fizeram-se ouvir, Orson Welles foi vítima do ódio e caiu em desgraça e, embora tenha ainda realizado outras obras-primas notáveis, jamais conseguiu ter campo totalmente livre para exprimir o seu tão fascinante quanto polémico e truculento génio criativo.

Um dos achados do documentário é a sua estrutura. Começando por abordar a biografia do próprio Hearst, o guião transporta-nos gradual e habilmente, usando os mesmos dispositivos «dramatúrgicos», para a biografia do seu inimigo principal, Welles, caminhando as duas par-a-par, em sequências de duração rigorosamente idêntica (cerca de 15 minutos cada), ligadas pelos excertos de «Citizen Kane» (o filme) e subtilmente demarcadas por pausas de respiração em que o ecrã vem por breves momentos a «negro». Mas é este mesmo paralelismo, se assim assumido e levado a extremos, que pode por outro lado constituir um relativo risco: levar o espectador a colocar em pé de perfeita igualdade as duas personalidades. E o facto é que, embora Orson Welles não tenha sido propriamente «um anjo», sem dúvida que, também aqui, jamais David poderá ser equiparado a Golias.

É esta dúvida que o visionamento (altamente recomendável) da segunda parte ajudará a esclarecer. (Domingo, RTP 2, Artes e Letras, 20,15.)

TVISTO

Francisco Costa

O Sim no Algarve

Com a constituição do Movimento Sim pela Regionalização – Sim ao Algarve, os algarvios voltam a ocupar o papel de destaque que desde há anos desempenham na luta pelas Regiões Administrativas.

A rara abrangência deste movimento de cidadãos, que conta entre os seus mandatários conhecidas figuras do PCP, do PS, do PSD e de outros pequenos grupos partidários, além de muitos independentes, só pode surpreender quem não tenha acompanhado o debate político algarvio no período que se seguiu ao 25 de Abril.

A verdade é que através desse debate, a Regionalização nas suas essenciais componentes – descentralização, democratização, desenvolvimento regional, reforma administrativa – foi-se impondo como um incontornável caminho de resposta para os problemas do Algarve e, por extensão, para os problemas do País.

Nas sucessivas eleições para a Assembleia da República, os programas dos candidatos de todos os mais importantes partidos no Algarve assumiram o compromisso de lutar pela Regionalização. Em todas as instâncias de debate institucionais ou não a Regionalização tem sido adoptada como uma conclusão consensual.

Por tudo isto, o apelo que Marcelo Rebelo Sousa veio fazer aos algarvios para que dissessem não à Regionalização soou aos ouvidos destes como um perjúrio e uma provocação.

Não admira assim que muitos simpatizantes do seu partido lhe virassem as costas na festa laranja em que lançou o apelo e não admirará que a grande massa dos eleitores do seu partido, ao menos no Algarve, votem num sentido oposto ao que recomendou.

A grande abrangência que o Movimento Sim pela Regionalização – Sim ao Algarve rapidamente alcançou é um sinal extremamente positivo para se confiar no resultado do referendo. Mas pode estranhar-se que apesar de toda a abrangência deste movimento tenha aparecido um outro movimento pelo sim também de inspiração algarvia.

tinente». Nesta queixa está naturalmente presente a frustração dos algarvios pela auto-estrada do Sul ter ficado a meio caminho do Algarve e assim afastar esta importante região turística da participação que devia ter na Expo, incluindo como reserva hoteleira. Isto dá novo fundamento ao sentimento de que a região «se vê sistematicamente esquecida pelo poder central».

O Manifesto não se fica pelas queixas. Aponta a Regionalização como «um factor indispensável para que se obtenha uma melhor e mais justa distribuição dos recursos nacionais, de modo a contribuir para atenuar as gritantes assimetrias que hoje se verificam entre as diversas Regiões do nosso país e as que se fazem sentir dentro da mesma Região».

A recolha das 5000 assinaturas necessárias à constituição legal do Movimento está a implicar

desde já um intenso trabalho de esclarecimento. Vê-se que os argumentos populistas dos adversários da Regionalização penetram nas populações mesmo onde à partida há

razões e tendências fortes para se ser a favor dela.

Não são as atordoadas sobre a coesão nacional ou sobre o perigo do «país retalhado» que mais impressionam. São os falsos argumentos dos custos e dos caciques tipo Jardim os que mais parecem pegar.

O primeiro é fácil de desfazer quando se refere à existência das CCRs com amplos meios financeiros e a sua panóplia de serviços, sem qualquer fiscalização democrática, a juntar aos burocráticos serviços desconcentrados dos ministérios nas regiões, onde claramente se pode poupar recursos e conferir muito maior eficácia à administração. Como tem sido lembrado, começa-se logo por poupar nos governadores civis, que actualmente são dezoito, e que serão substituídos por apenas oito delegados do governo nas regiões.

Quanto aos caciques, trata-se de uma erva daninha que não precisa nada das Regiões Administrativas para desabrochar. Eles não surgiram das Regiões Autónomas, surgem a partir das autarquias – das câmaras, mas até das simples

VARIANTES

Carlos Brito



É claro que neste caso a abundância não prejudica, muito pelo contrário. Mas é importante esclarecer que enquanto o Movimento Sim pela Regionalização – Sim ao Algarve é um movimento constituído para travar a batalha do referendo, nos termos da lei a este respeitante, o movimento de José Vitorino é uma tentativa de desenterrar um velho e bastante esquecido projecto de protagonismo regional permanente – o MRA – e dar-lhe um certo impulso com os ventos do referendo. Boa viagem! A batalha do referendo é uma ocasião única para aprofundar os problemas do desenvolvimento regional e da justa repartição do rendimento pelas diversas regiões do País.

O Manifesto do Movimento Sim pela Regionalização – Sim ao Algarve lança algumas pistas para este debate como a falta de acessibilidades da região «que o torna a mais periférica do Con-

freguesias –, surgem nas associações e federações desportivas e com especial revelância, como se tem visto, a partir dos próprios clubes de futebol.

A campanha pelo Sim no referendo da Regionalização mostrará, não temos dúvidas, a inconsistência destes argumentos e a grande importância desta reforma constitucional.

Mostrará todas as vantagens das Regiões Administrativas: enquanto processo de descentralização, aproximando as populações dos centros de decisão; enquanto processo de democratização, aprofundando a democracia representativa e abrindo caminho à democracia participativa; enquanto contributo para a reforma administrativa e a desburocratização do Estado; enquanto efectivo garante de uma estratégia de desenvolvimento regional.

ESCAPARATE

EXPOSIÇÕES

Fotografia Portuguesa

Na Galeria das Naus do Centro Cultural de Belém poderá ainda ser visitada até 6 de Setembro uma exposição de fotografia especialmente organizada para a Kunstverein de Frankfurt, no âmbito das manifestações paralelas da Feira do Livro de 97 na qual Portugal foi país-tema. Intitulada



«Bailadeira de Provoto», ca. 1860 (Souza & Paúl)



«Moçambique», 1995 (António Leitão Marques)

«Livro de Viagens - Fotografia Portuguesa 1854-1997», esta exposição «resulta de uma selecção onde a constante é a viagem, através de diversas interpretações, sejam de carácter mais introspectivo e conceptual ou directamente relacionadas com a situação do homem português no mundo: a constante busca e descoberta de novos mundos em consequência da expansão ou, num passado mais recente, da emigração». Entre outros fotógrafos de nomeada, estão presentes nesta exposição trabalhos de Possidónio da Silva, Emílio Biel e Aurélio Paz dos Reis, Carlos Calvet e Domingos Galvão, ou os contemporâneos Paulo Nozolino, Albano da Silva Pereira, Jorge Molder e Manuel Valente Alves. Todos os dias, das 11 às 20 horas.

O Fascínio das Faces da Flandres

Também no CCB, integrado no programa da embaixada cultural da Flandres a propósito do Expo '98 e do Festival «Mergulho no Futuro», continua patente ao público até ao dia 25 de Outubro, na Galeria das Descobertas, a exposição «O Fascínio das Faces da Flandres Através da Arte e da Sociedade», organizada pelas cidades flamengas de Antuérpia, Bruges e Gand e que tem como tema principal o passado, o presente e o futuro da Flandres. Conforme pode ler-se no programa de apresentação, «trata-se de um confronto entre a arte antiga e contemporânea, procurando estabelecer a relação entre Centro e Periferias em diversos períodos históricos da arte flamenga, ilustrados por várias formas de criação artística. (...) Para além da realidade dos centros e do meio rural, existe a interacção entre quatro culturas: os camponeses, as abadias e os mosteiros, a burguesia e a nobreza.». Nesta exposição, estarão expostas cerca de 200 obras de arte dos séculos XII a XIX e, ainda, obras de artistas plásticos realizadas entre 1970 e 1998. Entre estes, o destaque vai para Marcel Broodthaers, Panamarenko, Roger Raveel e Raoul de Keyser. O horário da exposição é das 11 às 20 horas, todos os dias.



«Sans Titre», 1997 (Ann Veronica Janssens) Galeria Micheline Szwajcer, Antuérpia

DANÇA CONTEMPORÂNEA

Portugueses e Flamengos no CCB

Realiza-se nos próximos dias 27, 28 e 29 na Garagem nº. 3 do Centro Cultural de Belém o espectáculo «Babylonia» inspirado no mito da Torre de Babel e no filme «Crash» de David Cronenberg. Trata-se de um coreografia da dupla Teresa Prima e João Galante que, desde 1993, se tem já destacado na criação de outras coreografias, entre as quais para o Centro Cultural da Malaposta, Culturgest ou Festival Danças na Cidade. Este espectáculo tem música de Vítor Rua e tem a interpretação de João Galante, Mónica Calle, Ronald Burchi, Teresa Prima e

Mariana Rodrigues, sendo a dramaturgia de João Samões.

Por outro lado, ainda no CCB mas no Grande Auditório, será a vez de poder assistir-se em 28 e 29 às 22 horas ao espectáculo «7 for a Secret Never To Be Told», uma estreia em Portugal deste trabalho pela companhia «Última Vez», do coreógrafo, encenador, actor, fotógrafo e cineasta flamengo Wim Vandekeybus. O ponto de partida desta criação é uma velha cantilena irlandesa - «One for Sorrow, Two for Joy, Three for a Girl, Four for a Boy, Five for Silver, Six for Gold, Seven for a Secret never to be told» - e o mito em torno de uma misteriosa ave, a pèga, bem como das crenças e superstições a ela associadas.

Os bailarinos dividem-se em sete grupos diferentes, dançando obras de vários compositores: Arno, Charo Calvo, Pascal Comelade, Thierry De Mey, Kimmo Hakola e Pierre Vervloesem.



FEIRA de AGOSTO



TURISMO AMBIENTE e DESENVOLVIMENTO

Turismo, ambiente e desenvolvimento

Subordinada à sigla «25 anos do 25 de Abril - Grândola, Vila Morena, A Preparar o Amanhã», realiza-se naquela vila alentejana no próximo fim-de-semana, até segunda-feira 31, a «Feira de Agosto - Turismo, Ambiente e Desenvolvimento». Pelo segundo ano consecutivo, o certame procura conciliar as suas características tradicionais com a modernidade e a inovação. Para isso dispõe de cerca de 1760 m² de área coberta onde estão instalados os stands de várias dezenas de entidades e agentes económicos que, de alguma forma, se relacionam com o tema da Feira.

A área descoberta, num total de 2,1 hectares, alberga centenas de agentes que vão desde os stands de automóveis e máquinas agrícolas até aos stands de artesanato, inúmeros divertimentos, bares e restaurantes em zona própria e ainda inúmeros feirantes.

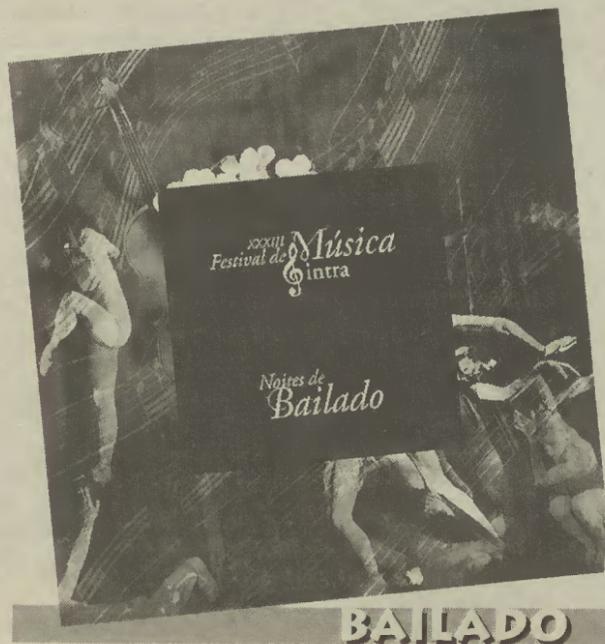
Para além da realização da segunda edição do Festival Hípico de Grândola (sábado 29, às 14 horas), a animação conta com grande qualidade e variedade no aspecto musical.

Assim, através do Festival italo-português «Sete Sóis, Sete Luas», actuará no primeiro dia da Feira, às 23 horas, no Bar Central, o grupo Tammorra que interpretará música siciliana de inspiração popular; no dia seguinte, sábado, no Palco Principal, realizar-se-á o Festival Internacional de Folclore, que contará com a participação do Grupo de Danças de Castela (Valladolid), do Rancho Folclórico da Casa do Povo de Figueiró (Amarante), do Rancho Folclórico Tricinas (Ovar), do Rancho Folclórico e Cultural N.ª Senhora do Monte (Porto) e do Rancho Folclórico de Praias Sado (Setúbal), seguindo-se às 24 horas, no Bar Central a actuação da Orquestra «Juego de Manos» (Cuba); no domingo, pelas 22 horas, será a vez de actuar a principal atracção musical da Feira, o grupo GNR, no Palco Principal, seguindo-se às 24 horas o Grupo Jaquinzinhos com música portuguesa. Por último, o grupo grandolense Kom Kalma encerra na segunda-feira, a partir das 23 horas, esta edição da Feira de Grândola.

EXPO '98

Uma útil agenda online

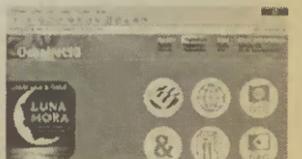
Se deixou para depois das férias uma visita à Expo '98 (na esperança de que o calor aperte menos...), então lembre-se que só tem trinta e tal dias à sua frente. E se pretende antecipadamente organizar o seu programa de visitas (e, ao mesmo tempo, tem uma ligação à Internet), para além de uma consulta imprescindível ao site oficial da exposição (em <http://www.expo98.pt>), tem agora a possibilidade de visitar um outro local da Net que lhe poderá dar abundantes informações em relação aos vários Pavilhões, à agenda dos espectáculos nos vários palcos e recintos, e ainda proporcionar-lhe tudo o que precisa saber acerca de infra-estruturas, apoios de várias ordens, restauração, bares e outros serviços, para além de abundantes fotos do amplo recinto da Exposição mundial, até em 360º!. O endereço deste site é: <http://www.oceanet98.pt/pt/menu.html>.



BAILADO

Últimos espectáculos em Seteais

Está prestes a chegar ao seu termo a temporada «Noites de Bailado» que todos os anos é integrada no Festival de Música de Sintra. Nesta 33ª edição, faltam ainda actuar as companhias Ballet du Théâtre du Capitol (Toulouse-França) e a Companhia de Bailado da Deutsche Oper am Rhein, como sempre às 21.45 nos Jardins do Hotel-Palácio de Seteais. Os espectáculos da companhia francesa realizar-se-ão amanhã e no sábado com os bailados «In And Out», com música de Laurie Anderson e Nina Hagen e coreografia de Hans Van Manen, «Prodigal Son», com música de Sergei Prokofiev e coreografia de George Balanchine, e «Scotch Symphony», com música de Mendelssohn e coreografia de George Balanchine. Os espectáculos da companhia alemã realizar-se-ão em 4, 5 e 6 de Setembro, à mesma hora e no mesmo local, com os bailados «Black Cake», com música de Tchaikovsky, Janáček e Strawinsky e coreografia de Hans Van Manen, e «Carmina Burana», com música de Carl Orff e coreografia de Yuri Vámos.



ÚLTIMAS

ATALHE DE FOICE

Cores e desafios

A tradição já não é o que era, atreveu-se há tempos um anúncio a dizer, convidando o estimado público a trocar uma bebida por outra. Aqui não tomamos partido, nem entre o tinto e a cerveja, nem entre o champanhe e o uísque. Cada um terá os seus gostos, embora certamente muito determinados pelo peso dos bolsos. O que assinalamos é a ideia certa de publicitar uma marca com base numa determinada visão da vida que se vem impondo. Carência de gostos arreigados, volubilidade nas orientações, amálgama de conceitos, falta de escolhas feitas ou de convicções cimentadas, vazio de perspectivas, vertigem do embrulho novo e, ao que por aí se diz, uma total ausência de projecto. Desprevenido parece o «público». Ou melhor - assim se depara ao mais esperto a massa de gente disponível a uma nova cor, a um novo gosto, a qualquer ideia que não toque o essencial nem vá muito ao fundo da questão. Assim também, tomando uma ideia feliz que é a de varrer o que na tradição é lixo, se pretende extirpar o que nela haja de sedimentação de valores e identidades. A massa torna-se um campo aberto à proposta, seja ela qual for. Basta ter na mão os meios - os media - de lhe chegar à consciência. Ou à inconsciência. O embrulho é muito importante. Tomemos, por exemplo, o futebol. Que já não é o que era. Há muito que, nos media, este jogo fabuloso e popular, se tornou em questão de números. Tantos milhões para comprar jogadores, tantos que não se pagou de obrigações fiscais, tantos da hipoteca de um estádio, tantos de um cheque que faltava para o clube não descer de divisão, tantos de dívida a um qualquer contrato. Tantos, entretanto, milhões em acções. Que os clubes já não são o que foram e, de colectividades populares, passam a empresas onde os populares contam para pagar a conta. Era preciso embrulhar esta diferença em novas cores. E aí está quem foi azul a vestir laranja; o encarnado - que nunca deixaram que fosse vermelho - a usar o amarelo; o verde a disfarçar-se de azul escuro.

Antes dizia-se que se ia ao estádio defender as cores. Mas a tradição já não é o que era. Ainda restam as cores nacionais, brilhantemente defendidas há dias por duas atletas que ouviram o hino no pódio. Mas sendo a integração o que é...

Não se engane o leitor sobre estas queixas, que não se trata nesta coluna de nos encostarmos ao muro das lamentações. A talhe de foice surgem porque, afinal, estamos a falar de política. Onde abundam as trocas de cores e se multiplicam os desafios. O PS, por exemplo, que já usou o vermelho, envergonhou-se dele e veio desmaiando até ao rosa mais diáfano. Ou o PP, que já foi CDS e mostra dificuldade em acertar na cor. Ou o PSD, que já foi PPD e, mantendo o laranja, trocou o discurso autoritário de um poder que foi obrigado a deixar pela demagogia populista.

Desafios ainda há. Nos relvados e nas tribunas. À hora marcada para entrar no ar. E como em muitos espectáculos em que as faltas são mais que os golos e a canelada mais frequente que o desporto, também na política há desafios lançados a que mais valia não assistir. Marcelo, que trocou o campo do Pontal, onde o público já não aflui, pelas relvas de Celorico de Basto onde as bancadas também ficaram vazias, fez o jogo mais pobre da temporada. Nada disse de novo nem de importante. É claro que se mostrou condoído com os «mais pobres» e prometeu-lhes benesses fiscais se vier a ganhar o campeonato. Quanto ao resto, fez mais uma vez o jogo do empurra, culpando os «barões» do adversário das faltas cometidas também pelos «barões» da sua própria equipa. Evocou antigos treinadores do mesmo modo de actuar no campo - Mário Soares, Cavaco Silva, Freitas do Amaral. Anunciou para a temporada que vem um plantel alargado, uma «alternativa». Não revelou ainda as cores do próximo equipamento.

Mas não se pode dizer que não tenha havido desafio. Marcelo lançou-o a Guterres, «cara a cara, olhos nos olhos». Na televisão, claro. Para isso estamos todos convidados. Mas este não é o nosso jogo.

■ Leandro Martins

Dez anos depois do incêndio Trabalhadores do Chiado ainda sofrem com as chamas

«A tragédia do Chiado continua a arder», acusou o deputado do PCP Bernardino Soares, que esteve anteontem com os trabalhadores da zona incendiada do Chiado, concentrados frente às ruínas dos armazéns ardidos.

Esta acção, promovida pelo CESP/CGTP, teve por objectivo chamar a atenção da opinião pública e dos poderes para a necessidade de serem tomadas medidas de excepção para minorar a difícil situação económica em que se encontram largas dezenas de trabalhadores.

Dos 1117 trabalhadores que ficaram sem postos de trabalho na sequência do incêndio de 25 de Agosto de 1988, 150 continuam desempregados e um número ainda não contabilizado passou a receber reformas com base nos salários de 1988, enquanto outros têm empregos precários ou frequentam cursos de formação, referiu o Sindicato do Comércio, Escritórios e Serviços de Portugal.

As reformas variam entre os 22 e os 60 contos, com os trabalhadores a exigir a respectiva actualização - sobretudo através da correcção da carreira contributiva, de modo a não serem prejudicados pelo tempo decorrido entre o incêndio e a atribuição das pensões - e a atribuição de reformas antecipadas aos 55 anos, bem como indemnizações por parte das empresas em que trabalhavam e de onde, afinal, nem sequer foram despedidos.

«Houve medidas de excepção para tantos sectores, desde as Minas da Panasqueira, aos adaneiros, passando pelo Vale do Ave, por que é que os trabalhadores do Chiado não podem tê-las?», questionou Maria do Carmo Tavares. A dirigente da CGTP, citada pela Lusa, acusou o Governo de ter dado este ano 225 milhões de contos à banca e aos seguros, o que contrasta escandalosamente com a falta de apoio aos trabalhadores do Chiado.

Manuel Guerreiro, dirigente do CESP, acusou também o governo de favorecimento aos donos dos armazéns ardidos (os maiores eram o Grandella, Chiado e Eduardo Martins), reivindicando a reabertura do inquérito - iniciado e posteriormente arquivado - para averiguar a origem do incêndio.

Face à falta de respostas por parte do governo, os trabalhadores aprovaram a realização, a 30 de Setembro, de uma concentração em frente à Câmara Municipal de Lisboa, com posterior deslocação até à residência oficial do primeiro-ministro.

«Primeiro foi Cavaco Silva, agora é Guterres, os dois ignoraram esta situação», afirmam

os sindicalistas, que garantem ter convidado, sem resposta, para a concentração de hoje a Presidência da República, a Presidência da Assembleia da República, os demais grupos parlamentares, a CML e res-

novos para passar à situação de reforma, e demasiado idosos para serem contratados para um novo emprego - drama ilustrado pela Lusa com três exemplos recolhidos no local da concentração de anteontem.

Com 50 anos, Cândida trabalhou como empregada de balcão durante 20 anos no Grandella - empresa a que ainda está vinculada -, mas teve que passar a trabalhar como ajudante de cozinha

mínimo, tem os transportes pagos e subsídio de alimentação. A irmã, que também ali trabalhou durante 38 anos, só agora alcançou a reforma, o mesmo acontecendo ao irmão, Alfredo, aposentado há três anos com uma pensão actual de 44 mil escudos.

Elisabete - que ainda mantém vínculo laboral à empresa onde trabalhava há 10 anos - conta histórias de outros trabalhadores que chegaram a situações limite,



Os trabalhadores continuam a ser quem mais prejudicado ficou com o incêndio e lutam, desde então, para que os seus direitos não se percam nas cinzas (foto de uma concentração realizada na Praça da Figueira, a 30 de Agosto de 1988)

pectiva vereação, além do ministro do Trabalho e Solidariedade.

Casos com rosto

O sindicato acusa o Governo de inércia e de falta de vontade política para resolver a situação em que se encontram os trabalhadores, a maior parte dos quais eram demasiado

depois de ter perdido o emprego.

Elisabete, agora com 53 anos, passou 15 como primeira caixa dos Armazéns do Chiado, e nos últimos 10 anos esteve desempregada. Hoje frequenta um curso de formação ministrado no CESP com apoios governamentais, com a esperança de tornar-se auxiliar de educação, mas sem qualquer garantia de emprego depois do curso. Como formanda, recebe o ordenado

incluindo tentativas de suicídio por parte de quem não recebia rigorosamente nada. «Um colega meu, por exemplo, ficou desempregado e a mulher já o estava também. Recebiam 20 contos que era para pagar a casa e acabaram a ajudar os pescadores da Costa da Caparica a puxar as redes do mar». Pelo serviço eram pagos em géneros: durante seis anos só comeram peixe.

Efeitos denunciados pelo PCP Privatização piorou transportes no distrito de Setúbal

As medidas de redução de carreiras e alteração de horários e percursos nas zonas ribeirinhas da Margem Sul do Tejo, decididas pela administração dos TST, prejudicam os trabalhadores e alunos que diariamente se deslocam aos milhares para os seus locais de trabalho ou escolas.

Também a concessão ao sector privado da exploração do novo troço ferroviário Lisboa/Pragal/Fogueiteiro e o anúncio do aumento dos preços do atravessamento rodoviário da Ponte 25 de Abril para 320\$00, a partir de Abril do próximo ano, na opinião da Direcção da Organização Regional de Setúbal do PCP, ontem divulgada, servem para confirmar que a privatização deste importante sector de transportes só veio penalizar as populações em geral.

Por outro lado, ao contrário do que o ministro João Cravinho pretendia fazer crer, a privatização da exploração do transporte ferroviário Campolide-Fogueiteiro, aliada a uma política de preços previsivelmente acima do razoável, contraria a valorização do transporte público colectivo e os acessos aos grandes centros urbanos. Mesmo tendo em conta o alargamento do tabuleiro da Ponte 25 de Abril.

Na denúncia que faz, a DORS do PCP sublinha que as medidas agora postas em prática são fruto «da nova filosofia» dos TST desde que foram privatizados pelo PS e que só o protesto dos utilizadores - abaixo-assinados, tomadas de posições públicas, constituição de comissões de utentes e luta dos trabalhadores - poderá obrigar

a inverter a situação. Por fim, reafirmando as suas posições, o PCP defende, entre outras medidas, a melhoria dos transportes fluviais com substituição dos barcos antigos e melhoria das interfaces com os transportes urbanos nas duas margens; a construção do Sistema Metropolitano Ligeiro a Sul do Tejo, articulando as travessias fluviais e ferroviárias; o prolongamento da linha ferroviária Norte-Sul até ao Pinhal Novo; a consolidação e alargamento do Passe Social Intermodal à Península de Setúbal.

